FON FON
ANNO XXIII — N.º 17
Rio, 27 de Abril de 1929
Preço: 1$000

DESANIMO CONTAGIOSO

O desanimo é contagioso. Deve-se, por isso, distanciar-se sempre, das caras desalentadas, dos individuos que, molengos e sem vontade, vivem se encostando até na sombra dos outros. Levantam-se da cama como se não tivessem dormido e da mesa como se não tivessem comido. Nem mesmo um bello dia de sol os faz encarar a vida com um pouco mais de energia. Sempre ennublados, vivem abatidos e desalentados, com o aspecto de "cafeteiras" amassadas. Trata-se, geralmente, de individuos victimas de perturbações digestivas e desfalcados em saes de calcio. Basta regularisarem a alimentação e fazerem uso da deliciosa Candiolina Bayer, (dois tabletes por dia), para se sentirem revigorados, livrando-se, completamente, do desanimo que os acabrunha e contamina os outros... até por acção de presença!

ESMERILHANDO VALVULAS

Os motoristas preoccupam-se com toda razão de mandar esmerilhar, de vez em quando, as valvulas do automovel. Alguns aproveitam o dia de folga para fazer o mesmo com o seu proprio motor, tomando um laxativo que lhes refresca os intestinos. Identico cuidado periodico deviam merecer as vias urinarias, por onde são eliminados muitos residuos do organismo. Com o uso dos comprimidos Bayer de Helmitol que, dissolvidos em agua com assucar, se transformam em deliciosa limonada, lavam-se os rins e bexiga, eliminando os uratos nelles contidos. Deste modo estes orgãos ficam em melhores condições de trabalho, como acontece com as valvulas depois de esmerilhadas.

O Helmitol é um insuperavel medicamento contra cystites, pyelites, inflammações da urethra e como prophylactico contra varias doenças infocciosas.

O conto brasileiro

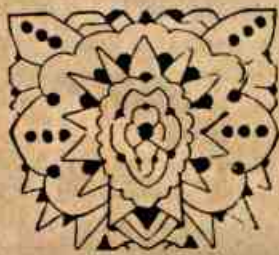
O azar do Electricista

. . .

EM 5 de janeiro de 1926, vesperas do dia consagrado á adoração dos Reis Magos ao Menino Jesus, chovia torrencialmente e a rua Borges Monteiro, no Engenho de Dentro, como sóe acontecer na época das aguas, se transformára num medonho lamaçal de ponta a ponta.

Annos atraz, os moradores dessa infeliz via publica haviam dirigido ao governador da cidade um longo memorial, pedindo o calçamento, mas em vão. A rua continúa no mesmo lastimavel estado.

Ahi reside com sua familia, num pequeno predio de construcção mo-

derna, o mecanico-electricista Terencio Veiga de Medina. E' dos mais antigos moradores da rua e foi quem mais se interessou pelo seu calçamento. Sua familia é composta de mulher, dona Martha, e dos filhos Judith, Cantidiana e Quintino.

Chovia torrencialmente e, a despeito disso, o mecanico Terencio, de frack, chapéo de côco, calças arregaçadas e as botinas enfiadas num dedo, diz a sua mulher:

— Martha, os compadres Felix Corbiniano e Ruth Ruas festejam, hoje, suas bôdas de prata e eu vou jantar com elles.

O Commentario

O bello livro recentemente publicado de D. Carolina Nabuco sobre seu pae, o grande Joaquim Nabuco, não vale somente por nos ter revelado uma escriptora de primeira ordem, attrahente, judiciosa, documentada, clara, com uma elegancia mental atavica; mas sobretudo pela lição admiravel que representa nos tristes tempos de corrupção que atravessamos.

De suas paginas, onde a poeira subtil do amor filial levemente doira a verdade dos factos, a formação e a existencia dessa individualidade excepcional surgem como um paradigma de belleza tranquilla e um estalão de nobreza moral e mental. Figura sem macula, Nabuco mostra como se pode ser grande entre os homens sem macular a toga viril. E o seu vulto resalta como um Acropolio humano entre edificações bastardas ou barbaras.

O livro de D. Carolina Nabuco deveria ser distribuido pelo governo a todos os moços das escolas superiores para que o lêssem e nelle aprendêssem a amar a gloria pura desse homem extraordinario, creando no fundo de seus corações o desejo de imital-o na vida real. Porque a delle foi um ensinamento e é um exemplo admiravel de fé, de harmonia, de cultura e de patriotismo.

E é dessas coisas que precisam os corações da nossa juventude para oppôr uma barreira á onda de vicios particulares e publicos que nos atraza e nos empeçonha.

. . .

— Só agora me dizes isso? Por que não me preveniste pela manhã, para eu ir tambem?

— Por causa da chuva. Ainda não me esqueci daquelle par de botinas de setim, novinho em folha, que se afundou na lama com um bom pedaço das tuas pernas, quando voltavamos do theatro.

— A cupa foi tua. Por que não me quizeste carregar?

— Não, minha mulher, não fui eu o culpado; sou um homem doente e os medicos me prohibiram que pegasse grandes pesos, e pesas mais de oitenta kilos.

Fez-se uma pausa, após a qual o marido ajuntou:

— Si o tempo estivesse bom, com o maior prazer te levaria, e os nossos filhos, ás bôdas de prata dos compadres.

— Mas — pergunta dona Martha, cuidadosa — não é preciso guardar alguma coisa para ceares?

— Não; não é preciso.

— Pois vae e diverte-te. Se te lembrares, compra empadas na cidade para minha ceia e a dos pequenos.

E, affrontando o máo tempo, o electricista Terencio sahiu de casa,

Enfiou as botinas nos pés e endireitou as calças numa casa commercial em rua adeante, já calçada, e tomou um expresso. Chegou á cidade ainda cêdo, mas, imaginando que voltaria tarde, depois de fechadas as confeitarias, comprou vinte empadas para sua mulher e filhos. E conduzindo a ceia da familia, foi ter á casa dos compadres, no Cattete, ás seis horas da tarde, para o jantar. Encontrou sua comadre dona Ruth, em pranto; o marido, senhor Corbiniano Ruas, estava gravemente enfermo.

— Compadre — fala a desolada esposa, com voz lastimosa, recebendo das mãos do mecanico o chapéo, o guarda-chuva e o embrulho das

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

* * *

empadas — entre para o quarto para vêr meu marido, que vou lá dentro preparar uma cataplasma e não me demoro.

Passado algum tempo, vae dona Ruth ao quarto do enfermo e, dirigindo-se á visita, diz:

— Compadre, teve uma lembrança muito feliz trazendo-me empadas. Estamos sem cozinheira e eu não havia preparado o jantar por causa da doença do Corbiniano. Comi-as todas; estavam muito gostosas.

— Fez muito bem, comadre; lamento serem tão poucas — retruca, ironico, o electricista, sustendo a custo a sua raiva e o seu grande desapontamento.

Fez-se uma pausa.

A applicação da cataplasma allivia as dôres do enfermo, que caiu numa modorra.

O electricista, reatando a conversação, interrompida por momentos, aborda o assumpto que mais o preoccupava na occasião:

— Comadre, hoje não fizeram nada por causa da molestia do Felix, mas — insinúa em tom amistoso — quando o compadre ficar bom, de certo vão festejar as bôdas de prata...

— Não, senhor, já festejamos, foi no mez passado que completámos 25 annos de casados.

Retirou-se o mecanico Terencio, morto de fome, e ainda debaixo de chuva, dizendo de si para comsigo: "Mulher comilona! Sozinha devorou toda a ceia de minha familia. Parece que o desgosto lhe abriu o appetite. Felizmente, o marido é rico e póde gastar muito com o seu sustento..."

Entra numa confeitaria, mas não se serve de cousa alguma.

Compra empadas e camarões recheiados para cear em casa.

Por felicidade, ao chegar ao Engenho de Dentro, de regresso das "bôdas", havia cessado completamente a chuva.

Na entrada da rua Borges Monteiro, quando se agachava para tirar o calçado e arregaçar as calças, afim de atravessar um Amazonas de lama, foi atropelado por um cão bravio. Corre, escorrega e cae a fio comprido na lama, voando longe o chapéo, o guarda-chuva e o embrulho que trazia; este se abriu numa grande poça d'agua, ficando inutilizados as empadas e os camarões recheiados.

Para maior caiporismo, o cão ferrou-lhe os dentes, com vontade, nas pernas.

Entrou em casa em lastimavel estado, ensanguentado, coberto de lama da cabeça aos pés. Com uma fome desesperadora, não encontrou nada para o seu jantar...

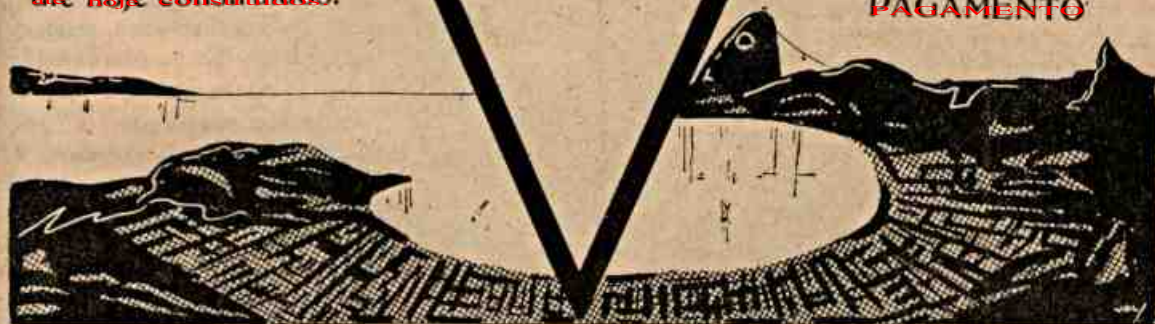
Leopoldo D. Amaral

O Refrigerador

GENERAL ELECTRIC

E' um apparelho extraordinariamente simples, que em nada se assemelha aos demais Refrigeradores até hoje construidos.

Adapta-se a qualquer logar: basta-lhe uma simples tomada de corrente.

FACILITA-SE O PAGAMENTO

GENERAL

ELECTRIC

Rio de Janeiro-Av. Rio Branco 60/4.

114

As cerejas roubadas

HENRI DORIS

SENEGAL de Lavallière era um homem de tradição.

Tambem, em recordação das attribuições primitivas do seu cargo, fazia questão em fornecer, durante a estação, a mesa senhorial dos fructos mais saborosos que o sol de Turenne fazia amadurecer.

Framboezas, groselhas purpurinas, abricots unctuosos, ameixas, pêras succulentas, maçãs douradas, uvas transparentes e assucaradas, toda a gamma dos coloridos e dos sabores subia ao longo das latadas do seu vergel florido.

Mas, fosse capricho de "gourmet", fosse o gosto de certos vinhos, era a excellencia das suas cerejas que consagrava a sua nomeada, uma nomeada tão vivace, que havia repercutido na côrte do rei Henrique — aquelle da "Poule au pot". Cavalgando através a senhoria de Lavallière, o bom rei teve a fantasia de saborear "les griottes" do sr. Senegal e declarou-as tão frescas e perfumadas como os labios da sua amiga".

Desde então a cerejeira, honrada pelo favor do rei, tornou-se sagrada para todos.

Era uma excellente amostra de Chatenay, plantada sobre mahaleb, sã e lisa, da cabeça aos pés.

Senegal era mesmo quem a defendia das larvas e da resina. E o pagem mais imprudente não teria ousado tocar o mais leve dos seus ramos, nem mesmo os mais baixos que se embalavam.

Apenas os pardaes, que sempre foram irreverentes, eram bastante habeis para picar os deliciosos fructos, em comparação aos fructos selvagens da floresta.

Senegal montava guarda á cerejeira.

Na época da maturidade, elle despejava arcabuzadas a torto e a direito, de manhã á noite, e collocava em cima das arvores um jogo sabio de espelhos, que se reflectiam e estalavam a menor sôpro de vento.

A' força de olhar os espelhos e de ouvir os estallidos, Finette, a pastorinha, sentiu no seu coração de doze annos, o horrivel desejo de comer cerejas, as cerejas do sr. Senegal.

Uma tarde, ao escurecer, ella procurou colher as fructas rubras, ás escondidas. Mas os baixos ramos eram ainda muito altos, para as suas pernas pequenas.

Foi uma vergonha para ella e para os seus longos remorsos. Esse choque exasperou o seu desejo.

Durante muito tempo, ella escondeu esse seu desejo, sob os seus cabellos côr de ouro, como a lã das suas ovelhas. Contemplava, avidamente, os fructos inaccessiveis; impregnava o ar com o seu perfume. Tão bem como o arco rosa dos seus labios se humedeciam de desejo e cobiça.

Emfim, o tempo da colheita se approximou, e ella não se conteve mais, e confiou o seu desejo sacrilego ao seu amigo de infancia, o Magloire, o aprendiz do ferreiro Effiam.

Magloire "estava nos seus quatorze annos", com as suas pernas longas e tirava o folle da forja com grandes braços, ainda magros, mas ageis e vigorosos.

Muitas vezes Magloire havia trepado até a "cupola" dos mais altos álamos, para roubar ninhos de passaros. Outras vezes, elle havia passado o corrego, levando-a ás costas, para ir colher "clochettes" na floresta.

Desde ahi, haviam feito a escola do mattagal. Ella o chamava, na sua innocencia, o seu maridinho. Elle, jurava defendel-a de todos os perigos, mesmo dos proprios lobos que quizessem atacar o seu rebanho.

Para melhor dizer, elles se amavam com essa ternura ingenua e profunda, que muitas vezes, nas aldeias, preludia um grande amor.

Finette não duvidava que elle exaltasse o seu desejo. Mas Magloire era um honesto rapaz, crente em Deus, e mais ainda no punho de ferro do seu mestre Effiam. A's primeiras palavras da rapariga, elle se indignou:

— Tocar nas cerejas do rei! Jamais!

— Magloire, meu maridinho, tu me darás esse prazer.

— Nenni, Finette, Nenni! Pede-me tudo o que quizeres, menos as cerejas.

Finette inutilmente pediu e supplicou. Magloire não quiz ceder.

Então, no cerebro de Finette germinou a primeira idéa de mulher.

•

Certa manhã, ella vestiu as suas roupas domingueiras, e ao passar deante da fórja, para levar os seus carneiros ao pasto, fez signal a Magloire de seguil-a.

Assim que o mestre Effiam deu as costas, Magloire abandonou o folle e correu para os lados da campina. Encontrou a sua pastorinha sentada na relva, á sombra de um velho carvalho.

— Que tens Finette? perguntou, inquieto.

— Agora não tenho nada, porque te vejo ahi, disse ella, matreira.

Ao mesmo tempo, se ergueu e deixou cair a sua "houppelande" por terra.

— Como estás gentil, esta manhã, Finette, exclamou Magloire, maravilhado com os seus encantos.

— Ah, então, faze-me dansar.

Magloire estendeu-lhe a mão.

— Não, assim não. Dansarei sosinha, emquanto tocas a tua flauta.

Magloire se sentou no chão e tirando o seu instrumento do bornal, se poz a tocar uma contradansa que havia aprendido com um vagabundo. Finette tirou os seus tamancos e começou a saltar com certa cadencia, pés nús sobre a herva fresca. Ella ia, vinha, voltava, virava, em torno a elle, o apertando n'um circulo magico, á maneira bohemia.

Arqueava os braços, inclinava a cabeça, deslaçava os cabellos, as faces rosadas, os olhos vivos, sorrindo ao seu maridinho.

Magloire, subjugado, devorava-a com o olhar, affegante. Quando

Finette fatigada, veio cair aos pés delle, o rapaz ficou como que allucinado e procurou abraçal-a.

A pequena fugiu, atirando-lhe este desafio:

— Quando me trouxeres cerejas de Senegal!

— Finette! Má! Tu sabes que não posso.

— Um homem póde tudo o que elle quer.

— Pois bem, eu não quero!

— Então, tu não me amas!

— Finette, não digas isso! O teu maridinho te ama, vae!

As CEREJAS ROUBADAS

(Conclusão)

— Colhe-me as cerejas, e eu acreditarei no que dizes!

— As cerejas do rei!

— Serás o meu rei e serei a tua rainha.

— O sr. Senegal me prenderá.

— E' a hora do seu almoço!

— Ah, Finette, tem piedade de mim!

— Vamos, Magloire, anda depressa, senão vou chorar.

Magloire sacudiu a cabeça. Finette se poz a soluçar. Magloire havia sido dominado.

— Não chores, Finette, exclamou elle, atirando-se para a cerejeira.

Lesto como um esquilo, elle conseguiu apanhar os fructos desejados e encher com elles o chapéo.

Ai delle! No meio da colheita o sr. Senegal appareceu, o arcabuz nas mãos, ameaçando o audacioso roubador de cerejas.

Magloire, perdido, saltou da arvore no chão. Um grande pedaço do seu manto ficou preso a um toco da arvore. Entretanto, elle conseguiu trazer o seu chapéo. Correu até um tronco de carvalho, subiu ligeiramente a um ramo e escondeu as cerejas nas folhas seccas de um ninho abandonado.

Mas o sr. Senegal não se deixava enganar. Foi esperal-o por traz do carvalho e o colheu, energicamente, pelas orelhas.

Magloire, enviado novamente á forja, e confundido pelo fragmento do seu manto, que Senegal apanhára, foi condemnado a quarenta e oito horas de prisão.

A' sahida do presidio recebeu um par de bofetadas do rude mestre Effiam. A justiça humana estava satisfeita. A justiça celeste, não!

Uma vez livre, Magloire correu para a sua amada. Achou-a em prantos, junto ao tronco de carvalho.

— Perdão! meu maridinho querido, exclamou ella, perdão de te ter feito cair na prisão!

— Consola-te, Finette, disse Magloire, sem odio, agora vamos comer as cerejas de Senegal, no seu nariz.

— Não! Agora não quero mais! Não quero que voltes!

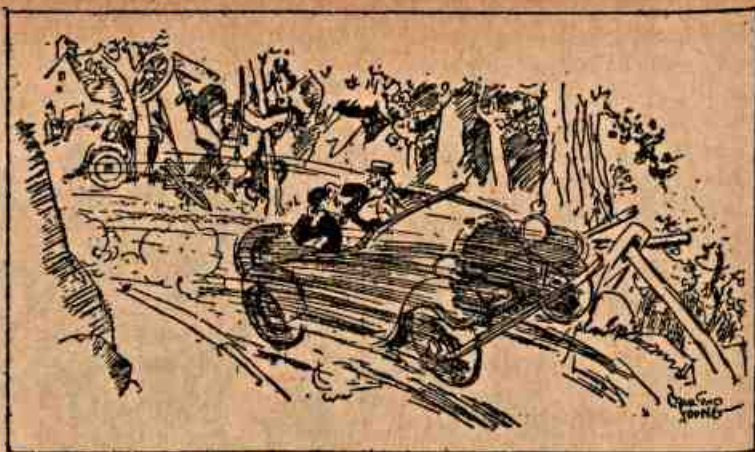
— Deixa... Vaes ver como eu as escondi, lá no alto, como as aves.

E, alegremente, trepou até ao ninho abandonado.

Mas subito, soltou um grito desesperado. O ninho estava vasio! Bellas cerejas de Senegal! Os pardaes as haviam comido.

Magloire desceu novamente. Duas lagrimas rolavam dos seus olhos. Docemente, Finette se approximou delle.

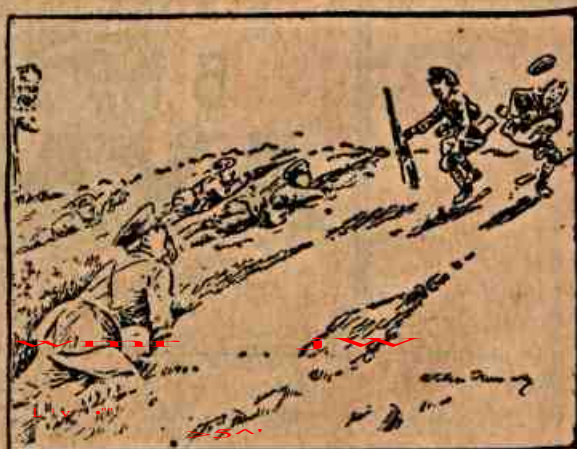
— Pobre maridinho, disse ella, beijando-o mesmo assim.

Orthof
BISCOITOS THÉ DANSANT AYMORÉ
Thé Dansant
é o biscoito fino e saboroso mais indicado para a hora do chá.
BISCOITOS
AYMORÉ
SECC. PROP.
MOINHO INGLEZ
J. P.

— Dizem que sou louco. Que achas? Se o fôsse, não me deixariam andar de auto...

Marido: — Que? Um presente de Reis? Estás louca! Supponho não teres gasto a tina que te dei o anno passado.

O vendedor. — Que diz, senhora? Que é uma imitação, que é usado e caro? Pois olhe: este tapete é tão bom como si fôsse novo, tão perfeito como si fôsse legitimo, e tão caro como si si fôsse uma imitação! Juro-lh'o!

INDIRECTA

Elle. — Não achas que as viagens avivam o espirito?
Ella. — Acho, sim. Por isso é que sempre te disse que fizesses uma...

O official. — Deita-te, estupido! Não vês que o inimigo assim descobre nossa posição?
O recruta. — Que me importa!... Aqui está cheio de formigas!

Verdades Duras

Os Máos Remedios, os Remedios Ruins são Mais Perigosos do que o Veneno das Cobras.

Assim disse e assim escreveu o Dr. Peter Gray, distincto Parteiro e o Medico Especialista de maior clinica na Australia.

Esta é uma Grande Verdade, que o povo não deve nunca esquecer.

De uma carta deste illustre homem de sciencia que recebi em Nova York, transcrevo o seguinte:

"Eu sempre odiei e continúo a odiar os Máos Remedios, fabricados e annunciados por pessoas ignorantes, que nada entendem de Medicina.

"Saiba, meu caro Sr. Dacio Arthenes de Avila, que os Máos Remedois são muito mais perigosos do que o Veneno das Cobras!

"Por isto, eu só receito e aconselho qualquer remedio depois de verificar durante muito tempo e examinar, com todo rigor, se realmente elle merece a minha absoluta confiança; porque não tenho o direito de brincar com a Saude e a Vida dos meus doentes.

"Foi o que fiz com o *Regulador* **Gesteira** e **Ventre-Livre**, quando elles começaram a ser annunciados nos jornaes da Australia e Nova Zelandia; examinei-os com o maior rigor, durante alguns annos, em minha clinica particular e tambem nos hospitaes, obtendo sempre as mais brilhantes provas de que estes dois remedios são os melhores, sem duvida nenhuma, os melhores que encontrei até hoje.

"São os unicos que inspiram confiança completa e despertam o meu sincero enthusiasmo.

"Aqui, em minha clinica, e nos hospitaes, receito e aconselho muito o *Regulador* **Gesteira** e **Ventre-Livre**, porque, pelos admiraveis resultados que consegui no tratamento das mais graves Molestias, pude certificar-me que são remedios de um Verdadeiro Medico Especialista."

* * *

Muita razão tem o glorioso Dr. Peter Gray de fallar assim.

Eu tambem não posso perdoar que certos individuos que não são Medicos Especialistas, individuos que nunca estudaram Obstetricia, nem têm intelligencia bastante para comprehender Gynecologia e outras Especialidades difficillimas da Medicina, tenham a incrivel audacia, a criminosa inconsciencia de fabricar e annunciar Máos Remedios para a cura das mais arriscadas Molestias das Senhoras!

O povo não deve nunca esquecer o que disse o famoso medico australiano:

Os Máos Remedios, os Remedios Ruins são muito mais Perigosos do que o Veneno das Cobras.

* * *

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Estrangeiros.)

CHRISTINA MEYER (Capital) — O seu soneto *Voltar?* está fraco. Resente-se de algumas falhas. No emtanto, reconheço que, bem guiada, orientada por uma pessôa amiga e de bôa vontade, V. Ex. será capaz de produzir trabalhos dignos de attenção.

SIMONITA (Pernambuco) — Perdão, querida conterranea. Não posso dar a sua graphologia porque ella não é bôa.

Quanto ao mais, estou aqui ás suas ordens.

ALICE ALVES (São Paulo) — Oh! Uma cartinha côr de rosa. Que alma linda não deve ser a sua, a julgar pela tonalidade do seu papel! Que bello espirito! Que idéas superiores!

Vejamos o que V. Ex. me escreve. Dois pontos:

"Sr. Yves — Pela gentileza que tenho visto o senhor attender as suas leitoras, principalmente as que lhe escrevem pela primeira vez, atrevo-me a dirigir-lhe esta — pedindo-lhe o obsequio de enviar a minha graphologia.

Não sei se está de accordo como o senhor exige; caso aconteça ao contrario, peço-lhe o favor de avisar-me para escrever outra.

Será que serei attendida?

Desde já muito lhe agradece a mineira talvez exigente demais — *Alice Alves.*

A sua graphologia? Depois dessa carta? Dolorosa interrogação!

Qual! V. Ex. não tem graphologia! Tudo na sua personalidade é brilhante. Até mesmo a sua intelligencia, quando não escreve cartas...

SANTINHO (São Paulo) — Qual! O senhor é "numero"... n.° 3... (Não vá pensar que é o n.° 3 do "jogo do bicho). Si o pensar, é por sua conta...)

O senhor é uma maravilha. Amigo do rei Midas ou collega? Ou será um emulo do proprio soberano phrygio? De qualquer modo, o senhor é precioso demais, e util, sob o aspecto humoristico, a esta pagina de verve e bom humor. Juro que o é.

Mas antes de tudo, leiamos a sua missiva:

"Illustre amiguinho sr. Yves — Com as minhas saudações envio-lhe nestas *mal traçadas* dois protestos, protestos vehementes. E creia-me caro amiguinho que, si não fosse obrigado guardar as conveniencias devidas a tantos quantos se agrupam em derredor desse doce "Enlevo", que é a secção "Saibam Todos" sempre perfumada com o delicado perfume de finas *ironias*, ainda porque esta secção em nada se parece com tablado de Rink ou terreiro de Rinha, porque então já lhe havia enviado a minha *luva*, as minhas testemunhas e uma bala de... mel, e desse duello de morte certa do... amigo, resultaria luto para a "Saibam Todos" consequencia de uma brincadeira funesta, de uma lucta de jogos... floraes.

Resta-me, entretanto, recorrer para um Tribunal de Honra que decidirá si dois *bicudos se...*; resta-me, igualmente, ficar zangado. Note, notae bem, que escrevo zangado com o (griphado), por isso que nunca usei *rouge*, ouviu?

Toma la esta de mineiro *veio*, seu *carioca* sabido.

— Outra que já lhe perdoei por que afinal, as vezes, o senhor é *bonzinho*, que chega a ser *doce* como palmito amargoso do mato é uma tirada de sua sublime resposta. "Ai Jisus"! — Olhe senhor com esse *home* não se brinca. Quando elle era menino como *nois*, isto é, antes de chegar aos *33*, edade que este criado para o servir, tem presentemente, mas que não pretende ainda fazer ponto final, elle para redimir e salvar a humanidade (daquella epoca), bem menino então, confundiu sabios doutores.

Finalmente, vamos, *fiquemos* de bem, estás perdoado e por outra vez escreva direito o santo nome — Jesus com o seu *e* no logar para grandeza de sua infinita misericordia.

E, si, me mandar a minha graphologia, por muito obsequio, no proximo sabbado de Alleluia mandar-lhe-ei desta catita Paulicéa um *Cús-Cús.* — *Santinho.*"

O senhor é muito intelligente, é verdade. Mas deixe dizer um desafôro ao seu professor: elle o explorou. E' um patife! Sim, porque lhe comeu o dinheiro, no collegio; deu-lhe vastos piparotes, e não lhe ensinou que uma *palavra em grypho*, ou em *italico*, tem varias significações. Entre as quaes, as seguintes: 1.° — chamar a attenção do leitor para uma mudança de assumpto, no mesmo texto; 2.° — uma citação, que se frisa; 3.° — modificar o sentido das palavras, attribuidas á pessôa de quem se fala ou mesmo de quem as escreve. E outros significados, que me não occorrem no momento.

Ora, o senhor me criticou porque escrevi "Ai Jisus!" E eu, agora, o recommendo a Jesus, para que elle não se esqueça de incluil-o entre os "pobres de espirito", (*beati pauperes spiritu* — em grypho, note bem!) do *Sermão da Montanha* ("Evangelho segundo", São Matheus, V, 3) — O n.° 3 o persegue, hein?

Quando o senhor chegar lá, no céo, Jesus Christo perdoal-o-á das suas gaffes, e dir-lhe-á compassivo: "Santinho, o meu nome, truncado em *Jisus*, e escripto em italico se referia á pronuncia plebéa da massa inculta e, principalmente, do lusitano das aldeias, que não diz: *Jésus* e sim *Jisus*. O grypho indica que a palavra foi mutilada a proposito.

O Redemptor dar-lhe-á essa explicação, certo de que o senhor toma a nuvem por Juno... e perdeu muito dinheiro com o seu professor.

Quanto a mim, me contento com assignalar que o senhor foi buscar lã e saiu tosquiado.

BONEQUINHA DE SEVRES (S. Paulo) — Ora graças! Espero a sua visita, a visita que me promette, quando vier ao Rio. Póde enviar o livro para o autographo.

E até breve.

LAGRIMA (Capital) — Sim, V. Ex. póde ser muito sincera, mas a verdade é que não cumpriu a sua promessa, feita em dezembro, para 15 de janeiro.

Não considéro amigos aquelles que deixam de merecer a minha confiança...

Adoro as pessôas cuja palavra tem o valor de um dogma. Principalmente si se trata de saias... curtas...

O mais são palavras ôcas. "Words, words, words" como diria o principe Hamlet, com o seu septicismo sombrio.

Grato pelo interesse pelo meu proximo romance "Uma *garçonne* carioca".

MLLE. SOMBRA (Capital) — Oh! Realmente, tudo isso é curioso e inexplicavel. Eu mesmo não sei explicar essa transformação.

Talvez a sua letra tenha concorrido para isso. Ella indica que houve uma evolução no seu caracter. Dahi a minha sympathia. De resto, ha o instincto. E' elle que nos guia e impelle, sem que nos apercebamos disso, para um outro instincto irmão do nosso.

Que interpretação a sua! Por um dia só? Talvez por muito tempo... Nesse particular, eu não sei dizer nada nem pensar. A's vezes, o nosso destino depende de

nós mesmos. Outras, do acaso. Desta vez, elle parece depender unicamente da pessôa, cujo nome é sympathico. Indiscutivelmente. Não lhe parece?

Aprenda a lêr nas entrelinhas e nas reticencias...

Aquelle *alguem* em grypho, dando a idéa de que se trata de uma pessôa sem importancia, obscura, quasi irreal, e que tanto póde ser A como B, me fez pensar nos heróes de Guido da Verona, em *La Vita comincia domani*.

E' quando ella descrê do affecto delle, (não me recordo dos nomes dos personagens. Escrevo de memoria), e o rapaz, n'uma voz, que é um soluço passional, a toma pela cintura, e balbucia:

— "Che vuoi dire? Perché mi parli a questo modo? Io non so nulla, non so nulla... ma ti amo..."

TIT (Capital) — Uma cartinha lilaz, perfumada a essencia de Caron. Encantador! E' pena que não tenha cumprido a sua promessa.

Emfim, as mulheres, só por acaso cumprem as promessas que fazem. Conheço varias devotas fervorosas de Santa Therezinha de Jesus, que a caloteiam sempre. Imagine! Si caloteiam a santa da sua devoção... E, geralmente, é calóte de simples flores, magras rosas compradas alí, no mercado...

Santa Therezinha é bôa de coração, e sabe perdoal-as com serena indulgencia. Ainda bem!

Mas vamos á sua missiva. Que me dirá ella? Tanta coisa gentil!

V. Ex. me promette alguns livros... Será como a primeira promessa?

Vou contar-lhe uma anecdota, em que me vi envolvido como Pilatos no credo.

Foi assim... Ha dois ou tres annos tive uma leitora que se assignava "Rainha da Noite", e sob outros pseudonymos da mesma elegancia literaria. Imagine!

Geralmente, os seus assumptos eram vulgaridades e aggressões gratuitas á minha pessôa. Eu não lhe dava resposta. E' o meu processo de responder á pobreza de espirito das creaturas infelizes. Ora muito bem. Acontece que, certa vez, envergonhada do papel que representava na multidão das minhas leitoras illustres, entre as quaes havia "Miragem", "Etoile Filante", "Simone", "Papoula", "L'Oiseau Bleu", "Mlle. Sombra", "Sayonara" e tantas outras damas de escol, a muito notavel "Rainha da Noite"... (da Noite! imagine!) resolveu assumir uma attitude distincta. Escreveu-me uma série de elogios e avisou-me de que ia enviar-me uma almofada, trabalho seu. Esperei o presente, com interesse — para vêr o que iria sair

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

daquellas mãos "majestaticas"... aquellas mãos "régias" e... "nocturnaes"...

Nada.

Um bello dia recebo um telephonema. Era ella!

— E' "Rainha da Noite" quem fala.

— Oh, que honra e que prazer para mim. A's suas ordens. A que devo o encanto da sua visita telephonica?

— Queria saber si recebeu a almofada...

— Por ora só a esperança.

— Pois olhe, já lh'a enviei e possuo o recibo dahi com a data de... (E disse o dia da supposta entrega.)

— Nesse caso, obrigado. Fico muito sensibilisado com a sua gentileza. Vou abrir inquerito para saber o fim que tomou o seu "régio" presente...

No inquerito ficou apurado que o dia a que ella se referia, como tendo sido o da entrega da almofada, fôra um feriado. E portanto o escriptorio estivéra fechado...

Vê, V. Ex.? Não direi que o offerecimento dos seus livros seja como o da almofada. Mas, a julgar pela primeira promessa, devem ser parentes... no minimo...

Grato pelos seus elogios.

MALEGOPI (E. do Rio) — Não sei a que o meu illustre consulente se quer referir na sua carta. Não é possivel guardar de memoria tanta coisa a um tempo.

Não é verdade?

Lembro-me, porém, de que o sr. já me escreveu uma carta á machina, assignada com outro pseudonymo. Nessa carta o sr. me negava todo e qualquer merito literario, chegando ao ponto de frisar um *pastel* typographico, como um erro meu de syntaxe. Quer dizer, o sr. não me concedia nem sequer um vago preparozinho grammatical.

O que vale é que os homens, os criticos, em geral, mudam de opinião com as mulheres de moda.

Nota explicativa: não respondi a essa sua missiva de ataque devido á sua sem razão. O sr. fazia accusações injustificaveis.

SERTANEJA (S. Paulo) — Para um estudo graphologico não basta escrever vinte linhas, em papel liso e de linho. E' indispensavel o nome verdadeiro, o nome de familia. E como só me envia o seu pseudonymo, segue-se que não posso fazer o exame da sua calligraphia.

L. R. S. (Capital) — Procure a Livraria Francisco Alves — Rua do Ouvidor, 166; lá encontrará o que deseja. *O Suave Enlevo* tambem lá está, em 3.ª edição.

MAGDALENA (E. do Rio) — Muito bem! Alguém dirá que a sua missiva é dessas sem pé nem cabeça. Eu direi que é de pura amabilidade... imaginaria. Vejamol-a:

"Yves — Escrevo-te ao som de uma musica melodiosa... harpa, violino, "Reverie" de Schumann... verdadeiro encanto! O meu "toilette" n'uma profusão agradavel de arminhos, perfumes, crystaes esses pequenos objectos insignificantes mas imprescindiveis á nossa vida de moça.

Teu retrato em pequena moldura, pareces sorrir da maneira carinhosa com que tóco em tudo isso... mas, não vês, é tão bella a banhista do meu arminho! O "rouge", como me fica bem... e me diz cousas tão baixinho quando o levo aos lábios... Brejeiro este meu espelho, então sou futil... porque me demorei acariciando esta madeixa do meu cabello... Dourados cabellos que me lembraes o sol, tão raro nesta Petropolis! Até as hortencias estão sombrias... e os meus olhos, não satisfeitos em lhes ter copiado a côr, invejam-lhes tambem a melancolia...

O' Yves, perdoa-me, que me divago nesse labyrintho de futilidades... E, afinal, queria apenas saber de ti, uma doce amizade espiritual... Oh! que tinta! manchando os meus dedos... e minhas unhas rosadas!... E tu sorris, perverso! na tua pequena moldura...

Mas emfim... envio-te este adeus... — *Magdala.*"

Apenas, *pour mot de la fin*, devo dizer que não acceito a sua amizade *espiritual* — porque sou *materialista*. Gostou?

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

■ ■ ■

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 27-4-1929

Data da consulta ....

Nome do consultante ....

....

A Venda do Cavallo Cégo

De LUIZ DE ROBERT

É ao fundo de Montrouge, numa dessas pequenas ruas tortuosas, que vão findar no parque de Montxouris.

Sobre a porta de um commerciante de madeiras e carvão, um aviso, em manuscripto, annuncia: "Cavallo para vender".

O transeunte entra. Gallinhas ciscam entre as pedras do solo. Não ha grande quantidade de carvão no deposito.

Um homem gordo, que fuma cachimbo, apparece.

— O senhor tem um cavallo para vender?

— Sim, uma excellente occasião, pode gabar-se.

Com o accento de Auvergne, elle detalha os meritos do seu animal, a sua doçura, a sua fortaleza, a sua resistencia, emquanto o freguez o examina. Este o faz marchar, inspecciona-lhe os dentes para lhe conhecer a idade. Depois o comprador discute o preço:

— Actualmente o senhor não terá um cavallo igual a este, por menos de trezentos mil réis. Eu deixo ficar por duzentos. Pode gabar-se de que faz excellente negocio. Mas um cavallo come muito, e isto me custa mais do que o que elle me dá de lucro.

Ao fim de um quarto de hora, ambos entram em accordo, ao preço de cento e oitenta mil réis. O auvergnez lhe passa o recibo. O freguez paga o dinheiro e leva o cavallo comsigo.

Então começa a pequena comedia. O cliente ainda não está no fim da rua, quando uma especie de anão, que parece sair de um covil enterrado no chão, corre atraz do homem.

— Senhor, senhor...

— Que ha?

— O senhor comprou este cavallo? Certamente não o examinou. Elle é cego.

— Cego? Que diabo!

A asserção é facil de verificar. Por desgraça, ella é exacta. O cavallo é cego. Aborrecido, o comprador volta a Auvergnat.

— Não quero mais o seu cavallo. Elle é cego. Que quer que eu faça? Foi um cavallo valido que comprei, e foi um enfermo que o senhor me vendeu.

Mas o vendedor não entende assim. A venda é regular.

O senhor examinou o cavallo. Eu não o vendi dentro de um subterraneo, mas á luz meridiana. Si o negocio não lhe convem, tanto peor para o senhor.

E elle lava as mãos como Pilatos. Isso é um modo de falar, porque não deve lavar as mãos muitas vezes, uma vez que as tem sujas.

Deante dessa attitude, o senhor fica irritado, ameaça-o com a policia.

Elle responde no mesmo tom:

— O senhor não me impôz nenhuma condição. Não lhe garanti no recibo, — que o cavallo era vidente.

Imagina mesmo, o senhor, que teria, nos tempos que correm, um animal perfeito, ao preço de cento e oitenta mil réis?

— Mas que hei de fazer do seu cavallo?

— Não sei. Isso não é commigo... Emfim, si isso o contraria tanto, eu o acceitarei novamente, mas o senhor me fará uma differença de dez mil réis, para me indemnizar do prejuizo do negocio.

O cliente fecha a transacção, muito contente de não perder todo o dinheiro. E, tendo rehavido cento e setenta mil réis, o comprador se afasta, quando, ao fim da rua, encontra de novo o homemzinho.

— Senhor, eu lhe prestei um serviço. Não me esqueça...

— E' justo.

E o freguez dá uma gorgeta ao anão.

Essa desventura aconteceu ao sr. Cassignol, encadernador, morador á rua da Montanha Santa Genoveva, que procurava um cavallo para o seu serviço. Entrando no seu "atelier", contou a coisa ao seu contra-mestre, Piéjault. Esse não era um ingenuo.

— Vejo o "truc" — disse elle ao seu patrão. — São dois compadres. Si elles vendem o cavallo, apenas uma vez, de dois em dois dias, isto lhes dará um grande lucro por semana. E' mais lucrativo que a encadernação, esse "truc" delles.

Elle reflectiu e propoz:

— Ahi está, patrão, empreste-me cento e oitenta mil réis e dê-me duas horas, amanhã. Trar-lhe-ei o seu dinheiro e mais um lucro para mim.

No dia seguinte, Piéjalut empurrava a porta do auvergnez.

— O senhor tem um cavallo para vender?

— Sim, é um optimo negocio...

E a scena da vespera se repetiu, do mesmo modo. Comtudo, Piéjalut, mais tenaz, obteve o cavallo por cento e setenta mil réis.

Depois, elle se ia tranquillamente, esperando ver surgir o anão. Mas este não appareceu.

Já estava no fim da rua, e apurava o ouvido ao menor ruido. Nada! Nada ouvia.

Piéjalut já estava atrapalhado com o cavallo. Felizmente o ho-

A Venda do Cavallo Cégo

(Conclusão)

* * *

menzinho estava atrazado. Chegava a correr, offegante.

— Senhor, senhor...

Ah, não se imagina como foi suave a voz do anão aos ouvidos de Piéjalut! Uma alegria subita o invadiu, emquanto elle se voltava, lentamente, e pronunciava com um ar meio tolo:

— Que ha? Que aconteceu?

— O senhor acaba de comprar um cavallo cego.

— E agora?

— Agora? Mas, o senhor não vê que elle não lhe pode ser util de modo algum? Um cavallo cego, para que ha de servir? Emfim, lhe digo isso para avisal-o...

— Obrigado, meu amigo... Isso não tem importancia... Está tudo muito bem.

O anão ficou embasbacado. Elle não havia previsto esta resposta. Piéjalut, sem se occupar mais com elle, ia levando a sua alimária. Ao fim de certo tempo, o auvergnez correu ao seu encontro:

— Senhor, senhor, está em erro. Eu não queria vender esse cavallo. E' um outro... Esse ahi ninguem

o queria, mas eu o quero... Venho para ficar com elle.

— Não, isso não. O negocio está feito. Guarde o dinheiro, e eu fico com o animal.

— Senhor, quer vir até a minha casa, um instante. Vou explicar-me.

— Não, não — disse o outro.

Elle desconfiava. Considerando os dois compadres, elle imaginava que, uma vez fechada a porta da casa, os dois malandrões se atirariam sobre elle, fazendo-lhe alguma violencia.

— Não, não, estamos aqui muito bem, para conversar. Conheço o seu "truc". Este cavallo é o seu ganha-pão. O senhor o vende varias vezes por semana, e o retoma com um lucro fabuloso. O senhor ganha facilmente o dinheiro dos outros... Pois bem! Eu o comprei por cento e setenta mil réis. Revendo-o por duzentos mil réis. Serve?

O antigo dono do cavallo, que não dispunha desta somma, preferiu abandonar a montada. Ao mesmo tempo, tirou do bolso todas as

notas que possuia. Com os cento e setenta mil réis, que acabara de receber, contou cento e sessenta e cinco mil réis. Não tinha mais.

— E o seu compadre? Elle tem a sua parte nos lucros. E' justo que entre nos prejuizos.

O homemzinho virou e revirou os seus bolsos, e apresentou a somma de trinta e cinco mil réis.

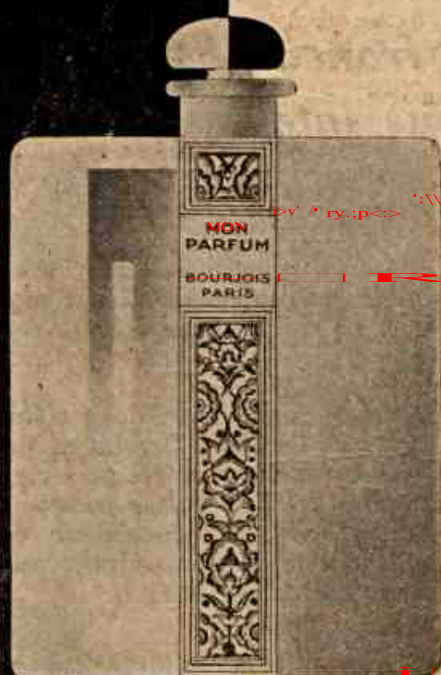
— Ahi estão cento e setenta mil réis. Não é o que desejo. Preciso de duzentos mil réis.

O auvergnez considerava o seu cavallo, com amor e enthusiasmo. Não tinha raiva de Piéjalut. Elle lhe disse, com admiração:

— O senhor é um espertalhão. Pode dizer de que logar é?

— Sou do Aveyron.

— Ah! não admira. Era necessario um aveyronez para enganar um auvergnez.

E, docil como um homem que encontrou um mestre, viram-no extrair do fundo do bolso um maço de notas do banco, que se poz a contar com uma careta fatalista, de jogador vencido, para completar a somma exigida pelo vencedor.

O que nem todos sabem

O escriptor Emmanuel Bove conquistou o premio de cincoenta mil francos, offerecido pela casa editora Figuière. Suas obras, segundo manifestou a critica, são de um vigor extraordinario.

* * *

Por mais modestas que fossem as antigas senhoras romanas, considerariam uma humilhação apresentar-se em publico sem ostentar uma regular quantidade de diamantes.

* * *

Formosa, a ilha do oceano Pacifico, foi, nos seculos XV e XVI, um antro de piratas. Os chinezes, a despeito dos seus constantes esforços, jamais conseguiram estabelecer alli um pouco de ordem, o que o Japão tem obtido.

Foi em 1895 que Formosa passou do dominio da China para o do Japão victorioso, que, sem experiencia colonial, se viu de posse de uma ilha turbulenta, habitada por duas raças (malasia e chineza), que viviam em eterna desavença.

Em trinta annos, o Japão imprimiu á sua colonia um desenvolvimento extraordinario; e Formosa, pacificada, começa a fornecer assucar e arroz em consideravel quantidade, além do chá, bananas e carvão. Quanto á camphora, não se ignora que essa ilha é a maior productora do mundo.

Entre os indigenas, os bens são avaliados em porcos. A riqueza de uma recem-casada é indicada no pescoço, num collar de pedras, cada uma das quaes vale vinte porcos.

* * *

Recentemente, em Paris, num leilão de autographos, foi vendida, por 42.000 francos, uma carta inteiramente escripta por Napoleão, o Grande. Essa carta, que constava de quatorze linhas, era endereçada a Barras, durante a primeira campanha da Italia. O Directorio era informado, pelo general Bonaparte, que Bottot Bertholet e varios officiaes compulsariam os archivos de Veneza e enviariam directamente ao governo o resultado.

Foi essa carta que, vendida, deu mais até agora. Cada linha do immortal guerreiro veiu a custar tres mil francos ao admirador de Napoleão.

* * *

Um escriptor dirigiu-se, certa occasião, ao grande Caruso, pedindo-lhe enviasse alguns dados sobre sua carreira artistica. O famoso tenor respondeu simplesmente com estas palavras: "Vinte e quatro annos de carreira. Vinte milhões."

*

Entre os objectos encontrados nas recentes excavações egypcias, figura e chama a attenção um esqueleto humano enterrado ha sete mil annos, e cuja posição indica que a pessoa foi encerrada viva na tumba, suppondo-se tratar-se de alguma personagem palaciana sacrificada nos funeraes de seu rei.

A Esphera Magica

De E. F. BENSON

RA inteiramente impossivel determinar qual de nós dois a tinha descoberto em primeiro logar, alli onde resplandecia, azul e luminosa, por detraz dos sujos vidros de uma pobre loja de belchior. Apezar do pó que a cobria, despedia scentelhas de luz em meio de toda aquella deprimente miscellanea de objectos de toda a especie: pratos estragados, copos de crystal, contas de vidro, tapetes gastos, etc., que constituiam o conteúdo daquella montra de pobres curiosidades.

Simultaneamente e sem dizer uma palavra, atravessamos quasi a correr a rua.

— Mas.... — perguntei a Margarida, — irá ser sua ou minha? Qual de nós dois a viu primeiro?

O bom senso de Margarida é sempre admiravel.

— Oh! — exclamou — ora essa! que importa isso agora? A unica cousa que póde ter importancia no momento, é que chegue a ser nossa. Depois discutiremos o ponto da propriedade.

Abriu a porta da pequenina loja, pondo assim em movimento uma campainhia que avisava ao dono a entrada de alguem.

Depois de um momento de ansiosa espectativa, e temendo sempre que alguem se nos adiantasse na ecquisição daquelle thesouro, ouvimos um passo lento e appareceu um homem já entrado em annos, que nos observou com olhar desconfiado, á espera de que formulassemos o nosso pedido.

Margarida tomou a palavra com a maior calma possivel:

— Queria vêr esse globo de crystal que o senhor tem ahi na vitrine e adquiril-o. Quanto pede por elle?

Dez shillings foi o preço exigido pelo homem, e, apezar de Margarida ser muito commummente amiga de regatear, nessa occasião pagou logo sem siquer examinar si o globo de crystal tinha algum defeito. Um minuto depois abandonámos a loja, com a esphera magica enrolada na folha gordurenta de um jornal velho.

Apezar de ser nossa intenção dar um passeio pelas ruas de Tillingham até á hora do almoço, naquella ardente manhã de maio, nem se nos occorreu seguir depois o programma, e voltámos direito á casa, que ficava a pouca distancia, encantados com o nosso thesouro.

— Vou laval-a já — annunciou Margarida — e depois determinaremos a qual dos dois pertence.

Apressadamente subiu ao andar superior emquanto eu me dirigia á bibliotheca onde, poucos momentos antes, deixaramos, lendo, Hugh Kingwood, marido de Margarida, surprehendido; — eu já aqui ti-

— Já de volta? — perguntou mha pensado: — está quente o tempo para andar muito.

— Oh! Não é este o motivo — informei-lhe — é que encontrámos alguma cousa numa pequenina loja, cousa que nos vimos obrigados a comprar e a trazer directamente para casa. E' uma esphera magica, a mais bonita que é possivel imaginar-se; Margarida a está lavando agora. E em seguida é preciso estabelecer a quem pertence, pois a vimos absolutamente ao mesmo tempo.

Nesse momento descia Margarida as escadas com o formoso objecto entre as mãos. Antes, quando ainda coberto de pó e de sujo, brilhára com um fogo azul velado por uma camada de cinza, e agora, que se encontrava bem lavada, resplandecia com um fulgor muitissimo mais intenso. Era de tamanho pouco commum — de mais de um pé de diametro — e de um suave azul saphyra, reflectindo esplendidamente submergida naquella côr, a imagem arredondada do aposento. A chaminé, a bibliotheca, as estantes de livros, o céo sereno e as portas, o sofá, as cadeiras, tudo apparecia alli com essa magica destorção que produzem os reflexos convexos. Vejamos: acolá as janellas curvadas e por ellas apparecendo um pedaço de céo côr de turqueza tão luminoso como de algum céo vislumbrado em sonhos.

E ainda quando estas imagens eram apenas uma superficie reflectida, produziam a impressão de que se viam profundidades azuladas incommensuraveis... a visão parecia fundir-se naquelle globo côr de saphyra.

As espheras magicas têm sempre para mim um mysterioso encanto, mas aqui havia alguma cousa como uma enganosa ou illusoria attracção intima, capaz de encantar a qualquer pessôa isenta ainda da mania de colleccionar.

Chegámos então á emocionante questão da propriedade.

Margarida, sem duvida nenhuma, a tinha pago. Mas sendo uma das poucas mulheres que adoptam em certas cousas pontos de vista masculinos, encontrava-se muito disposta a discutir o assumpto com toda a nobreza.

— Não sei, francamente, como poderemos arranjar isto...; estou convencida de que não terei socego emquanto esta maravilha não estiver em meu poder... e não tenho duvida alguma de que o mesmo se passa com você. Agora, o que posso dizer, é que a vimos ao mesmo tempo.... Hugh, por favor, — disse, dirigindo-se ao marido, — fala-nos o que devemos fazer com justiça...

Hugh nada respondeu, e notei que olhava como hypnotizado para o interior da esphera; de repente, com um grande esforço, desviou a vista e, voltando-se para nós, disse:

— E' um objecto de belleza excepcional... mas não me agrada, Margarida; parece ter alguma cousa de sinistro, de lugubre que faz lembrar bruxarias.... não ha duvida, porém, de que é maravilhosa. Deixa-a com Ricardo, Margarida.

Ella respondeu severamente e um pouco resentida:

— Si era tudo o que tinhas a falar, bem poderias ter-te calado... — e com gesto irritado, deu-lhe as costas. E dirigiu-se a mim:

— O unico meio que me parece acceitavel, é tirarmos a sorte. Si eu estivesse certa de que você a fracção de um segundo eu hesitinha visto primeiro, nem pela taria. Mas é que a vimos absolutamente ao mesmo tempo....

Tambem a mim não occorreu melhor idéa do que caber-nos por sorte a esphera, e, assim, é que apostei um shilling e Margarida, a *cabeça*; abri a mão e a esphera magica foi sua...

— Oh! que alegria!... — exclamou ella. — Pobre Ricardo, asseguro-te que te lamento sinceramente:

— Eu não — disse Hugh, — ao contrario; felicito-o... ha alguma cousa de estranhamente máo em tudo isto.

Os dois, Margarida e Hugh, — dois dos meus mais antigos e bons amigos, — tinham vindo passar uma temporada commigo nesse povoado de Sussex, onde eu residia. O verão daquelle anno estava na verdade insupportavel, a ponto de tornar-se impossivel o jogo de "golf" ou de tennis a que nos dedicavamos, com preferencia. O ar escaldava, e, geralmente, sahiamos de carro até a costa para o banho, seguindo logo depois para as povoações vizinhas com o mero proposito de respirar um pouco de ar fresco. Aquelles arredores encontravam-se cheios de encantadoras "villas" quasi escondidas

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Navio	Data
Raul Soares	30 Abril
Cantuaria Guimarães	15 Maio
Alte. Alexandrino	30 Maio
Cuyabá	15 Junho
Bagé	30 Junho
Ruy Barbosa	15 Julho
Raul Soares	30 Julho
Cantuaria Guimarães	15 Agosto
Alte. Alexandrino	30 Agosto
Cuyabá	15 Set.
Bagé	30 Set.
Ruy Barbosa	15 Out.
Raul Soares	30 Out.

NORTE

LINHA RIO-BELEM

Navio	Data
João Alfredo	3 Maio
Pará	10 Maio
Rodrigues Alves	17 Maio
Alte. Jaceguay	24 Maio
Manáos	31 Maio
Cte. Ripper	7 Junho
João Alfredo	14 Junho
Pará	21 Junho
Rodrigues Alves	28 Junho

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Navio	Data
Campos Salles	10 Maio
Affonso Penna	25 Maio
Maranguape	10 Junho
Duque de Caxias	25 Junho

LINHA SANTOS - BELEM

Navio	Data
Pedro I	13 Junho
Alte. Jaceguay	27 Junho

LINHA SANTOS - PENEDO

Navio	Data
Cte. Vasconcellos	30 Abril
Cte. Vasconcellos	30 Maio
Cte. Vasconcellos	30 Junho

SUL

LINHA RIO - PORTO ALEGRE

Navio	Data
Cte. Alvim	2 Maio
Cte. Alcidio	9 Maio
Cte. Capella	16 Maio
Cte. Alvim	23 Maio
Cte. Alcidio	30 Maio
Cte. Capella	6 Junho
Cte. Alvim	13 Junho
Cte. Alcidio	20 Junho
Cte. Capella	27 Junho

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Navio	Data
Maranguape	11 Maio
Duque de Caxias	26 Maio
Baependy	11 Junho
Campos Salles	26 Junho

LINHA RIO - LAGUNA

Navio	Data
Asp. Nascimento	30 Abril
Asp. Nascimento	15 Maio
Asp. Nascimento	30 Maio
Asp. Nascimento	15 Junho
Asp. Nascimento	30 Junho

A Maior Fabrica de Bilhares do Mundo

A Companhia Brunswick montou uma grande fa brica de bilhares no Rio de Janeiro, e está produzindo em grande quantidade, com madeiras nacionaes, os mesmos typos de famosos bilhares BRUNSWICK, tão conhecidos em todo o Mundo.

O modelo ao lado é o typo SPORT, o qual custa completo com todos os pertences (bolas de marfim, 12 tacos, taqueira, marcador, etc., etc.) apenas 2:500$, podendo o embarque ser feito para qualquer parte do Brasil. Tamanho interno, 95x190 cms.

Podemos tambem vender em modicas mensalidades. Só não possue um destes famosos bilhares BRUNSWICK quem não quer.

Ha mais de trinta annos que todos os Campeonatos de importancia são realizados em bilhares BRUNSWICK. Tudo que leva a marca BRUNSWICK é bom. Remetta os seus pedidos directamente ao escriptorio central no Rio de Janeiro, ou ás filiaes de São Paulo e Porto Alegre.

BILHARES BRUNSWICK

COMPANHIA BRUNSWICK DO BRASIL S/A

Escriptorio e fabrica

SOTERO DOS REIS, 13

TELEPHONE VILLA 2239

Salão de exposição

PRAÇA TIRADENTES, 46 — CENT. 5419

RIO DE JANEIRO

Peçam o Catalogo illustrado "F"

Filiaes e fabricas em CHICAGO, NEW YORK, PHILADELPHIA, BOSTON, SAN FRANCISCO, PARIS, BRUXELLAS, BUENOS AIRES, MONTEVIDÉO, ROSARIO, HONOLULU, MANILA, LONDRES, HAVANA, MEXICO e MONTREAL.

em meio da exuberancia dos jardins; e Margarida declarava que a vida alli devia ser mais formosa, entre as flôres e na vizinhança do mar, e tão perto de Rye onde moravamos.

Mas a perola de todas as casas, encontrámol-a, naquella tarde, durante o nosso passeio quasi sempre emprehendido sem rumo fixo.

Um jardim, agora inculto e cheio de tojal, dava para a frente da rua, e na alta grade de ferro estava affixado um cartaz annunciando o aluguel ou a venda da propriedade.

Margarida, por isso, insistiu que a visitassemos; fiz parar o carro, e, abrindo o portão de ferro que gyrou nos gonzos com um chiado lugubre, aproximmámo-nos da casa pelo caminho coberto de cascalho.

A porta da casa estava fechada a chave, e ninguem acudiu a nossos appellos e toques de campainha; só pudemos ter uma idéa dos aposentos espiando pelas venezianas entreabertas e pelas fechaduras. Os aposentos encontravam-se completamente vazios, mas suas pinturas e o fôrro de papel das paredes pareciam em muito bom estado, sendo evidente que a casa não devia estar deshabitada ha muito.

Tanto o jardim á frente como a horta ao fundo, provavam-n'o tambem, pois conhecia-se que a falta de trato datava de pouco tempo; as vagens e feijão deviam ter sido colhidos. A horta nada mais apresentava do que uma cerca de páos que a separava do pomar; em um de seus lados, no mais elevado, haviam plantado — ha um anno ou dois evidentemente — uma fileira de salgueiros que, crescendo, formariam como uma muralha para preservar o jardim dos fortes ventos do sudoeste.

Num dos extremos, via-se um telheiro para guardar as ferramentas de jardim e no outro um colmeal abandonado. Tudo aquillo constituia certamente um retiro tentador para pessôas amantes da vida solitaria, e era, na realidade, uma lastima vêr uma casa e um jardim tão cheio de encanto e de tranquillidade começando a decahir por falta de cuidados.

— Oh! que bonito é tudo iso! — exclamava satisfeita Margarida. — Que felizes poderiamos ser aqui Hugh! tu sahirias todas as manhãs de carro até a cidade; não devem ser mais de quatro milhas até Rye... e que importa este pequeno sacrificio comparado com a ventura de viver neste logar delicioso?

— Ah! muito delicioso! — parodiou Hugh — especialmente no inverno com os bons sopros de vento que passam por aqui... A

A ESPHERA MAGICA

(Continuação)

mim, não me agradam a casa e o logar; produzem-me uma sensação de vago máo estar... como de alguma cousa mysteriosa e sombria.

— Pois, meu caro, és muito difficil de contentar. — disse Margarida; — não te agradou a minha esphera magica e agora te aborrece esta adoravel casita.... E eu me sentiria tão ditosa se pudesse viver aqui com a minha maravilhosa esphera magica.

Hugh moveu negativamente a cabeça.

— Não — assegurou: — não serias ditosa aqui.... não seria possivel nesta atmosphera.... e dentro em pouco tu mesma o sentirias.

— Por Deus, Hugh.... tu estás tendo visões! — exclamou Margarida entre enfadada e divertida.

* * *

MARGARIDA não póde, no emtanto, abandonar aquelle sitio sem dar outra volta em torno da casa, espreitando o melhor que podia o seu interior, emquanto Hugh e eu voltavamos á grade, deante da qual deixaramos o carro. Apezar de ter um espirito sempre disposto e pratico em assumptos de negocios, possuia Hugh certo poder de clarividencia, que de quando em quando esforçava-se por surgir á superficie de sua mente. Vê scenas estranhas, que depois se provam como reaes, ao contemplar espheras de crystal; mas não succede muito a miude prestar-se a tal experiencia, pois o dom que possue enche-o de um vago temor supersticioso.

E' tambem extremamente singular que olhando eu com elle o mesmo vidro, veja as mesmas scenas, emquanto sozinho, quer de dia, quer de noite, nada observe; nada absolutamente de particular, nem a mais leve sombra no interior de taes bolas de crystal, muitas vezes comprovamos este phenomeno curioso, o que nos demonstra que Hugh póde estabelecer uma communicação telepathica commigo, apezar de não possuir eu nenhum poder occulto. Pensei então, que aquella percepção physica poderia ter-lhe chegado no momento, e dirigir-lhe uma pergunta a respeito:

— Sim — respondeu-me — deve haver alguma cousa disso; todo este ambiente não me seduz em absoluto; é agitado.... máo, essa horta principalmente.... está como submergida num horror para o qual não encontro palavras. E o mais exquisito do caso é que a esphera magica de Margarida me produz a mesma impressão.... e se não é precisamente a mesma, é muito parecida. Parece-me, meu velho, que o melhor que podemos fazer é tratar de aclarar este mysterio olhando um pouco o interior desse vidro.

Aconteceu que naquella noite Margarida deitou-se cêdo, e tão depressa se retirou ella para o quarto deixámos o jardim onde nos sentaramos depois da ceia, em busca de um pouco de fresco, e dirigimo-nos á bibliotheca, logar onde estava collocado o globo magico.

Apagámos todas as luzes do aposento, conservando apenas uma da sala proxima, de maneira que os reflexos não podiam interceptar-se, e então, na obscuridade produzida, perdeu o crystal a côr azul de litania, tornando-se negro. Só um ponto luminoso, reflexo da luz solitaria, brilhav o no centro da massa de transparente obscuridade.

Deviamos ter ficado sentados muito tempo antes de Hugh ter notado alguma cousa, pois a casa pouco a pouco mergulhára num profundo silencio e o relogio da egreja proxima já batera duas vezes antes delle falar.

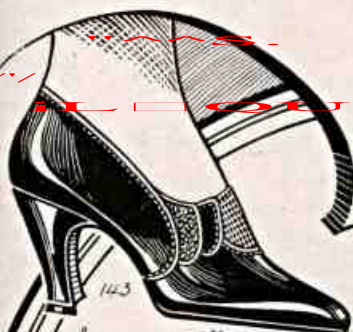
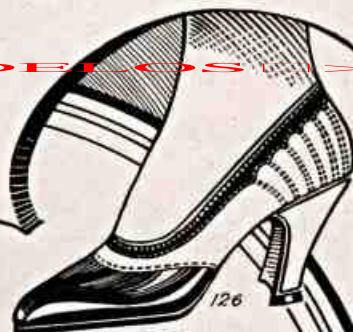
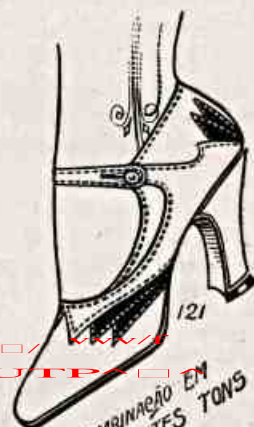
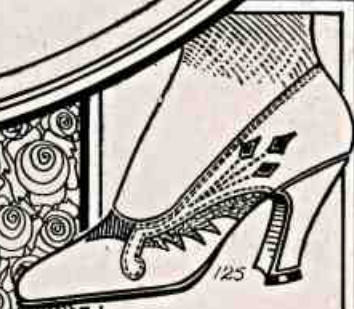
— Olha... alguma cousa se aproxima.... — disse naquella voz monotona e somnolenta que é sempre o melhor signal para demonstrar-me que se encontra nesse estado semi-visionario que precede as suas experiencias, — dize-me o que vês...

Qualquer cousa parecia surgir das sombrias profundidades da bola de crystal: era como a agua a ferver, agitando-se em borbulhas; e estas borbulhas, subindo á superficie, eram quasi luminosas; ao multiplicarem-se, tornou-se mais claro o interior da esphera como á proximidade do crepusculo. Ia recobrando rapidamente o brilho, não com a côr natural azulada, mas como uma penumbra cinzenta.

— Vejo o telhado de uma casa — respondi eu — e á frente dessa casa ha um jardim; uma ordem de arvores á esquerda, arvores novas, agitadas pelo vento. E a figura de uma mulher.... não posso perceber onde está.... parece encontrar-se sob as arvores, entre as raizes.... Vejo tambem um telheiro de um lado e....

Subitamente, sentindo quasi suffocar-me, reconheci a scena: era a horta da casa que visitaramos naquella mesma tarde. No estremecimento que assaltou ao reconhecel-a, minha attenção se distrahiu um pouco e a visão desvaneceu-se subitamente, eu via agora só o escuro interior da esphera com um ponto luminoso apenas. Hugo continuava olhando com grandes olhos muito abertos.

(Continúa no proximo numero)

A
CASA ABRUNHOSA
APRESENTA UM PEQUENO
NUMERO DE MODELOS
QUE FAZEM PARTE DO
SEU GRANDE STOCK
CATALOGO DE MAIO, 1929
A ESTE LINDO MODELO PODEMOS DENOMINAR "MISS BRASIL" TAL A GRAÇA QUE INSPIRA
TEMOS VARIADISSIMO SORTIMENTO DESTE DELICADO MODELO
COMBINAÇÃO FELIZ EM DIVERSAS CORES COM ENFEITES LEZAR DE CALCUTÁ
DESENHO DE LINDO EFFEITO em muitas Cores
LINDA COMBINAÇÃO EM DIFERENTES TONS
GENIAL E ARTISTICO MODELO DE ESTAÇÃO
POLAINA
NOVA CONFECÇÃO EM LEGITIMO MELTON INGLES
MODELO DE LINDO EFFEITO EM VERNIZ E PELLICA DE CORES
ADAC 29
DESENHOS

SUPREMO CULTO

IZIAM que era elle triste por ter perdido a noiva a quem muito amava. Vivia atormentado por essa paixão indomita, por essa tristeza nascida da saudade que o proprio tempo não abrandára.

Por isso, lhe perguntámos uma vez:

— Affirmaram-nos que é você indifferente a tudo por ter perdido a sua noiva; é verdade? Você, homem que já transpoz uma dezena de lustros, homem pratico, affeito ás luctas da vida, espirito lucido, não consegue sahir dessa immensa tristeza que lhe tortura o bom coração?

Tomado de subito e tomando muito a peito nossas palavras, esgazeou os olhos grandes, brilhantes, compoz as lunetas, de vagar fixou a vista sobre nós, pigarreou melancolicamente, e assim nos attendeu, falando com pausas:

— Sim. Tenho um grande soffrimento. Tão grande que, no começo, até a solidão dos bosques de arvores sylvestres, o silencio dos campos que se não cultivam me faziam mal. Afigurava-se-me que tudo zombava da minha grande dôr. Si cantava um passaro, ria de mim; si a fontezinha, no seu leito de prata, murmurava em carreira veloz, a alma do prado satyrizava-me. Estive sob situação calamitosa. Pensei não vencer, meu caro, mas venci o tempo, e estou aqui, soffrendo sempre, mas conservo-me firme, estoico, preparado, resignado para soffrer até o fim.

O tempo faz esquecer tudo, vence tudo, dizem... Porém eu o venci com vantagem, porque nada esqueci, e continúo soffrendo, como dantes, a minha grande magua; continúo tendo em mira a lembrança perpetua da alma gentil que da terra partira precocemente. Venci o tempo, porque, após tres olympiadas, continúo a sentir que para mim o mundo se acha vazio...

— Então sua noiva, arriscámos voluntariamente, era um modelo de perfeições moral, physica, intellectual...

— Noiva... Não era noiva. Trata-se de sentimento muito mais elevado, muito mais sublime, muito superior... Não era noiva. Vou contar-te:

Tinha eu uma prima irmã muito minha amiguinha. Casou-se, e, dois annos depois, lhe nasceu uma creança do sexo feminino. Fui visital-a, e ella me convidou para padrinho da pequerrucha. Já havia pedido ao marido que me convidasse, mas ainda não tivera elle opportunidade de me falar a respeito. Acceitei o convite. Era minha primeira afilhada.

Devo dizer-te que sou solteiro. Muito moço, perdi meu pae, e fiquei com a responsabilidade da familia, composta de minha mãe e duas irmãs solteiras. Renunciei logo aos beneficios que poderiam advir do casamento. Não me seria possivel sustentar duas familias. Resignei-me.

"Quando minha afilhada tinha quatro annos, perdeu o pae e, mezes depois, a sua bondosa mamã. De accôrdo com minha familia, tomei conta da criança.

A' minha feição a eduquei. Criança bonissima, carinhosa, empolgou-me logo de tal sorte, que, ha muito, já sentia eu que a minha vida sem a companhia della seria intoleravel. Ha muito, já sentia isso. Havia em mim um presentimento que de longe me torturava o espirito; porém... nem por sonho poderia suppôr que ia soffrer o terrivel golpe... Pensava noutras causas; haveria mais tarde de se querer casar, e perderia a companheirinha que me adivinhava os pensares.

Em minha casa ninguem me contrariava, porque não o permittia ella. Tudo que pudesse causar desprazer a "padrinho"; não, não se devia fazer. Era o meu anjo da guarda...

Pois bem: essa pessôa de doçura angelica, essa creatura espiritual... desappareceu para sempre aos dezoito annos de idade!

— Falleceu?!

— Sim. Aos dezoito annos, na idade mais louçã e cheia de vigo, cheia de encantos...

— Pobrezinha!

— Não se trata de noiva, como te affirmaram; trata-se, como já te disse, de sentimento muito mais elevado... mais até do que si se tratasse de pae para filha, pois entre estes existe a consanguinidade, algo de materialização, emquanto no meu caso é tudo espiritualidade.

Em pouco espaço de tempo, Deus chamou a si o meu anjo da guarda e a minha mãe: duas perdas irreparaveis, duas joias perdidas para toda a minha vida! Calcula o meu soffrimento!

* * *

E' o nosso amigo um dos eleitos de Deus para o soffrimento, para a resignação; ainda uma das raras pessôas, que, ao invés de cultivar o riso tonificante do espirito, o riso salutar, dá de "motu" proprio á dôr um *supremo culto*.

HORMINO LYRA.

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 17

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 27 de Abril de 1929.

Á "Miss" que não foi "Miss"...

Por

Martins Capistrano

MINHA linda e adoravel patricia: deponho a seus pés as minhas reverencias de brasileiro. As minhas reverencias e os meus parabens... Sim, minha linda e adoravel patricia, de olhos claros ou sombrios, de cabellos de oiro ou de ébano — você merece parabens por não ter sido eleita "Miss". E eu quero ser o primeiro a cumprimental-a por esse motivo. O primeiro a falar-lhe epistolarmente depois das vibrações do prélio de belleza em que sahiu victoriosa a senhorita Olga Bergamini de Sá.

Você deve se considerar feliz com o resultado que a livrou de ser "Miss Brasil". Deve levantar as mãos para o céo e agradecer a Santa Barbara o tel-a salvo da tempestade de applausos que colheu a senhorita Bergamini, naquella tarde luminosa do stadio do Fluminense. A gloria da belleza é uma coisa penosa e incerta neste seculo de Quasimodos disfarçados em Petronios. E depois pesa tanto o titulo de victoria.... Quantos aborrecimentos não tem tido a triumphadora do concurso! Quanto não tem ella soffrido nestes dias molhados de abril! Um amigo que foi vêl-a e ouvil-a disse-me que "Miss Brasil" o recebêra chorando. Chorando talvez lagrimas de arrependimento.

Eu imagino a tortura dessa moça bonita, após a decisão final do jury. Ao lado das emoções das provas rigorosas a que se submetteu, as emoções maiores, mais intensas, mais dolorosas das homenagens que recebeu e continúa recebendo, a toda hora, de noite e de dia, na rua e em casa. Todo mundo quer vêl-a. Todo mundo quer ter a honra de falar-lhe, de apertar-lhe a nobre mão de princeza. Todo mundo quer poder, ao menos, tocar-lhe as vestes gloriosas. E ella não póde sahir sem correr o perigo de ser reconhecida e acclamada como uma rainha, pela multidão. Os photographos seguem-na. Segue-a o povo, no delirio da sua admiração instinctiva, tempestuosa, humana. E a policia é, tambem, obrigada a seguil-a, para conter os impetos do enthusiasmo popular e evitar excessos ás vezes bem desagradaveis. E tudo isso só por causa de um titulo ephemero: "Miss Brasil".

Além de tudo, ainda falta a parte mais inquietante do concurso: a prova americana de Galveston, onde as "Misses" do mundo inteiro se reunirão, de cara lavada, sem *rouge* e sem pó de arroz, para a escolha da mais bella entre as mais bellas, que será a "Miss Universo".

Veja de que escapou você, minha linda e adoravel patricia! Levante as mãos para o céo e agradeça de novo a Santa Barbara! Os americanos são implacaveis no seu julgamento. E, com certeza, vão exigir outras provas mais amargas, a que as concorrentes não poderão se oppôr. "Miss Brasil" lá estará tambem, para a grande prova, para a prova decisiva a que só resistirão os encantos de "Miss Estados Unidos". E depois o regresso ao seu paiz. Um regresso melancolico de derrotada. E' possivel que ninguem vá recebel-a. Nem os photographos. Nem o povo. Nem mesmo a policia. Ella desembarcará sozinha e sozinha atravessará as ruas entre a indifferença daquelles que a tinham acclamado antes da prova de Galveston. Não terá mais as photographias nos jornaes e nas revistas e ninguem mais quererá vêl-a nem ouvil-a. Ninguem!

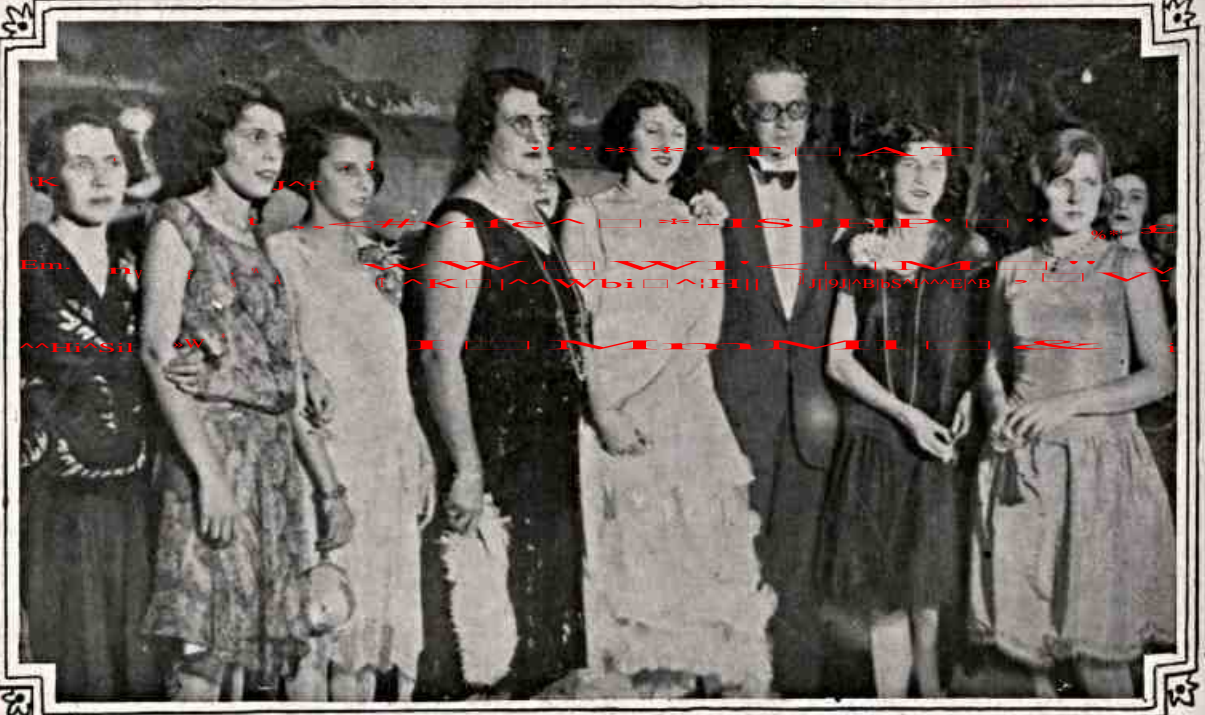
Assim, minha linda e adoravel patricia, você, que é joven e formosa, não perdeu nada com a sua derrota. Antes, ganhou. Ganhou os parabens que ora lhe trago e aquelles outros parabens que virão depois, quando você fôr eleita "Miss" do coração de alguem...

Uma festa linda, rutilante, foi o baile que o Praia Club offereceu, na noite de quinta-feira penultima, á representante do nosso paiz no torneio internacional de belleza de Galveston e suas lindas collegas concorrentes ao titulo de «Miss Brasil».

FILIGRANAS

E' um thema geralmente acceito como de bom gosto literario denegrir os romances de aventuras de alcôva e de guerra, os romances de capa e espada, e os romances folhetim que tão agradaveis fôram aos nossos avós. Tudo nelles se critica: a inverosimilhança dos enredos e os bombasticismo do estylo. Quer-me parecer que ha da parte dos modernos certa injustiça nessa attitude cruel. Essas obras tiveram e têm o seu merito relativo, embora o de algumas seja diminutos. E Brunetiére não nos affirma sisudamente que foi sob a protecção delles que o romance social, o romance moderno póde apparecer e fructificar?

A Dôr

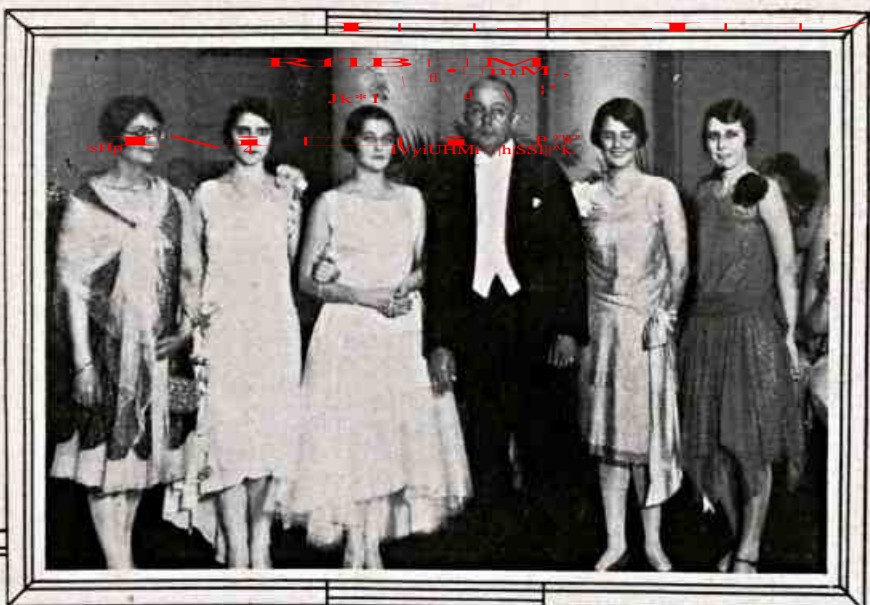
A capacidade do coração para o soffrimento, — como a natureza segundo os antigos, — "tem horror ao vazio". Não procureis nunca esvaziar vosso coração da velha dôr que o molesta, porque uma outra dôr o encherá de prompto. — AMADO NERVO.

Um aspecto do grande baile com que o Praia Club homenageou a belleza da mulher brasileira.

GOTTAS ESPIRITUAES

A caridade nada mais é do que o caminho que conduz á equidade. — FOUQUIER.

Nunca sabe o homem o que quer, mas sabe perfeitamente o que não quer. — EMILIO FAGUET.

Não se escolhe para governar um barco ao passageiro de melhor cara. — PASCAL.

Que outro te louve e não tua bocca; que seja o estranho e não teus labios.

Perdôar sinceramente e de bôa fé, perdôar sem reservas, eis ahi a prova mais dura da caridade. — BOURDALOUE.

* * *

BRILHANTE, sob todos os aspectos, foi o baile que a sociedade carioca offereceu a «Miss Pernambuco», nos salões do Hotel Gloria. Sem duvida, a mais bella pernambucana ha de levar uma grata impressão da nossa capital, não só por essa homenagem tão galante, mas ainda por todas as outras que lhe foram tributadas pelos cariocas.

FILIGRANAS

Na sua viagem á Russia, Theophile Gauthier nos descreve um quadro historico da egreja de Santo Isaac. Representava o mesmo o knias, ou o principe da antiga Moscovia Pojarski preparando-se em companhia do mujik ou camponez Minine a ir batalhar pela grandeza do seu paiz. Esse quadro era o symbolo da nobreza e do povo se dando as mãos em presença do perigo.

Não creio que deva existir ainda essa tela da referida egreja. Os soviets devem têl-a destruido, sem duvida. Ella nada mais póde significar na infeliz Russia de nossos dias, pobre laboratorio duma desgraçada experiencia communista. Alli as mãos não se unem mais, já não digo entre nobres e plebeus, mas entre estes mesmos, porque se crispam de odio reciproco e puxam o gatilho das armas assassinas.

As «misses» brasileiras foram recebidas, no Ministerio da Justiça, pelo sr. ministro Vianna do Castello, que ahi apparece entre as lindas representantes da belleza nacional.

O sr. presidente da Republica recebeu, no Rio Negro, em Petropolis, «Miss Brasil» e as representantes estaduaes, em audiencia especial. S. ex., demonstrando ser um fino homem de sociedade, rendeu as suas homenagens ás graciosas «misses», que, por sua vez, se revelaram encantadas com as gentilezas do chefe da Nação e de Mme. Washington Luis.

FILIGRANAS

Aquelle pateo do mosteiro de S. Bento, de onde se avistam nêsgas azúes da bahia, transporta a alma da gente a outros seculos e a outras paragens. A architectura massiça da egreja, em cuja profundez estrellada de luzes morre o éco do orgão e do cantochão, as arcadas fundas, as torres quadradas com seteiras e frestas, tudo nos dá um tom de antigüidade emocionante. E, ás vezes, sáe da portada do convento uma lenta procissão com batinas negras e rubras, roquetes brancos, cruz alçada, faiscante e o grande abbade migrado de mãos postas, fazendo pensar naquella que nos descreve Gebhart, no «Natal Franciscano», no meio da qual «se levait magnifiquement la croix d'or du patriarche portée par le diacre revêtu de soie vermeille»...

«Miss São Paulo» foi homenageada pelo Centro Paulista, quarta-feira penultima, com uma elegante recepção, que teve o encanto de todas as festas da belleza.

A MORTE

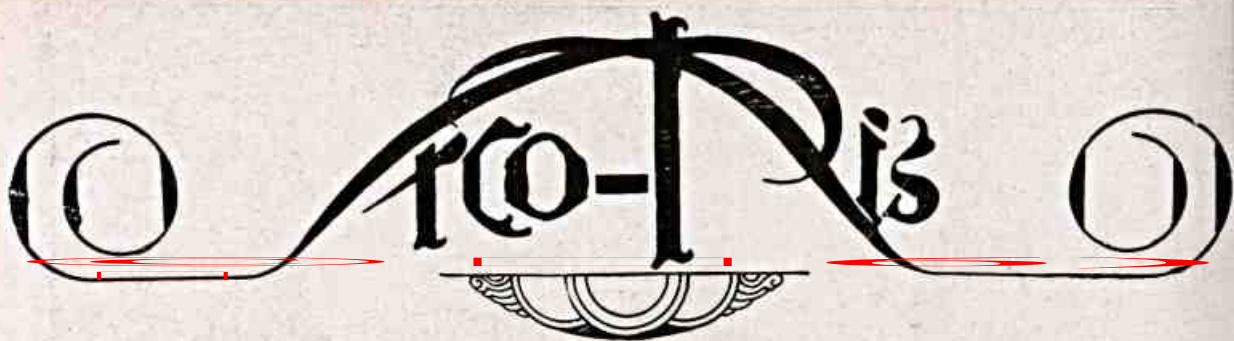
A morte não é um mal; livra o homem de todos os seus males e de todos os seus desejos.

A velhice, porém, o é, porque vem acompanhada de todas as dôres e, privando o homem de todos os gozos, deixa-lhe todos os appetites.

E, no emtanto, os homens temem a morte mais do que a velhice. — De LEOPARDI.

J. M. DE FREITAS NETTO.

A administração de FON-FON *deseja falar com o seu antigo representante sr. J. M. de Freitas Netto, a quem dirigimos um appello nesse sentido.*

A bordo do «Belmonte» houve, na tarde de sexta-feira penultima, uma linda festa, que o commandante e officiaes da flotilha de contra-torpedeiros offereceram ás «misses» brasileiras.

SI MANDAM QUE EU JURE...

"MISS SERGIPE"

Com o seu perfil sereno de medalha,
e a sua fronte de madona, e o seu
sorriso de princeza desdenhosa,
ninguem sei eu que mais do que ella valha.
Chegou, fez o que faz no hastil a rosa:
chegou, desabrochou, resplandeceu.
"Miss Serpige", flôr maravilhosa!
Nelly não foi vencida, nem venceu.
O' pequenina perfeição sem falha,
ó preciosa medalha,
joia de ouro de lei
do intimo escrinio, do alto cabedal
de Sergipe d'el-Rey,
onde tudo é realeza,
tanto o Rio Real
como a tua belleza,
régia flôr do florario nacional!

...

"MISS PARANÁ"

Didi Caillet, por seu "élancement",
por sua graça, pelo seu fulgor,
encontra em cada poeta um eleitor
e nella cada poeta acha uma irmã.
Que "miss" simples! Mas Didi Caillet
não é uma simples "miss". Não. Porque
é Sua Majestade Elegantissima.
Com ser "Miss Paraná", é Missemissima.
(A idéa é minha: quem quizer, abrace-m'a)
E, si acharem que é pouco Missemissima,
é que Didi Caillet é Miss... maxima.

...

"MISS BAHIA"

Moema-Seculo XX!... De olhos grandes
de boneca da feira de Sevilha...
Mas nunca andaste voando pelos Andes,
nem, muito menos, pelos Pyreneus,
que as tuas azas de anjo foram feitas,
ó bella bahianinha-maravilha,
com a graça de Deus,
as tuas azas de anjo foram feitas,
Nair de Freitas,
para abanar em nosso coração
a pyra de ouro dessa admiração
por teu auroreal sorriso amavel,
por tua graça simples e adoravel...
Todos os votos são teus
Bahianinha, bahianinha...
(em torno os applausos chovem)
Bahianinha, bahianinha,
Ah! si não fosses tão joven,
serias tu a Rainha...
E, mesmo sasim, és rainha,
pois mal aponta o teu vulto,
começam as orações:
Oh! si és! E's a Rainha
reinando no throno occulto
de todos os corações.

A colonia espirito-santense homenageou "Miss Espirito Santo" com um chá-dançante, a que compareceu a nossa alta sociedade. Foi uma festa brilhante, cheia de seducção e de encanto. Os flagrantes desta pagina fixam os varios aspectos dessa reunião elegante.

AMOR

O amor encerra, ás vezes, como em uma lanterna surda, a chamma errante dos desejos.

* * *

Só o principio do amor é embriagador. E não porque pareça mais puro e mais profundo, mas porque, então, está em tudo o ardor da conquista. — E. Rey.

«Miss Fluminense», que é uma radiosa figurinha de mocidade e belleza, foi homenageada com um lindo baile, pelos seus admiradores. Foi uma festa de grande brilho mundano.

REVERBEROS

No mesmo velho casarão em que Lopes de Leão expoz os seus quadros, na rua XV de Novembro, Clodomiro Amazonas faz agora a exposição das suas telas, em S. Paulo.

O illustre artista é admirado na Paulicéa. Basta o pequeno annuncio de uma sua exposição, para que os apreciadores de arte para ella accorram, e adquiram os seus quadros, quasi sempre admiraveis.

Foi o que se deu agora. C. Amazonas chegou sem annunciar, sem pompas, sem ruidos. Pediu aos jornaes que noticiassem a abertura de sua mostra, e a acanhada sala se encheu de tudo o que ha de mais fino em S. Paulo. Vendeu muitos e muitos quadros, o que certamente, nos tempos que correm, corresponde ao melhor elogio que se possa fazer ao pintor.

«Miss Fluminense» entre alguns convidados do baile que a sociedade de Nictheroy lhe offereceu, sabbado ultimo.

A ALMA E O ESPIRITO DAS "MISSES"

UM "ESQUISSE" DE "MISS BRASIL"

I

O auto pára.

Estamos deante de um palacete da rua Visconde de Ouro Preto. Em Botafogo. Em torno, um jardinete. Está cheio de rosas frescas e saudaveis. As rosas frescas e novas do verão.

Uma criada atravessa o jardinete. Vem ao nosso encontro.

— «Miss Brasil»?

— Não está. Sahiu.

E esta! «Miss Brasil é o nome do momento. «Miss Brasil», ex-«Miss Rio de Janeiro», ou Mlle. Olga Bergamini de Sá. E' ella a vencedora desse torneio esthetico, no qual figuraram as expoentes de typos encantadores, que honram a tradição da graça, do encanto e da belleza brasileiras. "Miss Brasil" é o nome que, no momento presente, preoccupa todas as attenções. E' a personalidade da moda, — tão illustre e tão marcante, como a de qualquer soberana, que um agradavel incidente puzesse em relevo de grande repercussão. Ella é a soberana da belleza do Brasil. Que nos importa saber si o seu titulo é discutido ou não? Que nos interessa frisar, no momento, a circumstancia de que as suas competidoras tambem poderiam deter o titulo maximo, que se concedeu no certamen? Ella é «Miss Brasil», pelo consenso de um jury de artistas e esthetas.

Vamos conhecel-a de perto. Vamos revelar as idéas, as emoções, a alma, o espirito dessa flôr dos tropicos, dessa flor da nossa civilização, dessa rival feliz da Venus de Milo...

— «Miss Brasil» marcou-nos uma entrevista, hoje, advertimos á criada. Deve-lhe este cartão.

A criada hesita, mas sáe. Volta dahi a alguns instantes.

— Póde entrar.

Uma porta se abre para nos dar passagem. Uma onda de perfume envolve-nos como si fosse uma caricia. A sala está immersa n'uma multidão de «corbeilles», toda afogada n'um mar de flores. Flores nos angulos, flores sobre os moveis, flores pelos tapetes, flores dependuradas... «Miss Brasil" apparece na gloria da sua belleza. E ficamos sem saber si o perfume vem das suas vestes ou das suas irmãs dos jardins. O perfume é indefinivel, como esse que bailia nas salas das perfumarias. Participa de todos os perfumes... E' um perfume arco-iris. Ou, si quizerem, — um perfume de flôr e mulher.

Mlle. Olga tem os olhos vermelhos. Sem chorar, ella é, apenas, um premio de belleza; mas, assim, com esse ar de dolencia, tem algo de uma camelia machucada pelos espinhos da popularidade.

Desculpa-se de apresentar-se naquelle estado de nervos. Queixa-se dos dissabores com que a gloria de ser bonita a premiou. Tem soffrido. Por isso, não recebe ninguem. Sente-se fatigada. Emfim, o medico está á sua espera. Na verdade, a senhorita Olga Bergamini não póde dar aquella impressão de meiguice, de doçura, de alegria, que se nota em todas as suas photographias. Terão estas mentido? Não o crêmos. Ella é realmente uma joven formosa. E' a sua alma que está «bouleversée». Ella mesma não nega a crise por que passa — e que se reflecte na vibração constante dos seus gestos, no nervosismo da sua voz, — cheia de soffrimento.

Comprehende-se: «Miss Brasil» está a par de todo o rumor que o seu nome illustre vem despertando. Contra a sua pessoa? A seu favor? De sympathia? Não vamos até lá. Pedimos-lhe apenas:

— Diga-me quaes são as suas impressões, neste momento, mademoiselle.

— São tantas, tantas, afinal! Não saberia defini-las. Não posso coordenar idéas.

E «Miss Brasil», cujos olhos — olhos de um fulvo dourado e lampejante — tremem como duas estrellas, sob um banho de lagrimas, nos fita, para dizer:

— Tenha paciencia, não dou entrevistas.

— Mas nós, do FON-FON, só desejamos que nos fale da sua personalidade. Não lhe pedimos entrevistas. Fale das suas idéas, das suas predilecções. E já que alcançou um triumpho, que é um triumpho do seu sexo, diga si acha que a mulher deve renunciar ás suas prerogativas, para se masculinizar, com o feminismo ululante...

O timbre da sua voz ganha uma tonalidade nova. Vibra n'um enthusiasmo subito, claro, quasi viril:

— Não! A mulher deve ser mulher, em todas as situações de sua vida. Deve acompanhar a evolução social, mas sabendo desempenhar a sua missão sobre a terra, que é a de ser mãe de familia, antes de tudo.

— Sente que hoje a sua belleza é mais louvada do que anteriormente?

— Não. Sempre todos os que me conhecem tiveram palavras de elogio aos meus predicados physicos. E este é, sem duvida, o motivo da votação que alcancei e o facto de ser conhecida em todo o Brasil e no estrangeiro.

Ella nos diz isto com um entono de indisfarçavel orgulho.

Quando a interrogamos sobre as suas predilecções, artisticas e literarias, «Miss Brasil confessa sin-

«Miss Brasil» (Olga Bergamini de Sá), cuja escolha para representar o seu paiz em Galveston tem suscitado as mais accesas polemicas.

ceramente, que ainda não as tem.

— Não passo de uma garôta de dezesete annos. Vivo estudando e comendo b o n b o n s. Sou, portanto, uma collegial, que se prepara. Quanto a letras, que posso eu ter lido? O que todas as «jeunes filles» lêem: os romances da «Bibliothèque de Ma Fille»...

— Está contente com o titulo de «Miss Brasil»?

— Sim. Estou contente porque vou representar a mulher brasileira, em outro paiz. E isso é uma gloria immensa para mim.

Erguemo-nos. Tomámos o chapéo. A' sahida, "Miss Brasil» nos supplica, com uma sombra de melancolia na voz:

— Perdôe o meu estado de nervos, as minhas lagrimas e os meus arremessos.

Respondemos, sorrindo:

— Ah! das flores si não fosse o orvalho!

"MISS PARANA'" OU A MUSA DE SAADI.

II

"Na luz da tarde que morria"... Lembramo-nos dos versos de Adelmar Tavares... Na luz da tarde de oiro e rosa, muito elegante, no seu vestido negro, de veludo, impeccavel nas suas linhas puras, "Miss Paraná" sorri entre as amigas, que a visitam, no salão do Palace-Hotel.

Cinco da tarde. Mme. Caillet é quem nos conduz até ella.

"Miss Paraná", que é nossa amiga, apressa-se em apresentar-nos ás amiguinhas.

Vinte e tantas, a principio; trinta, depois, com as que chegam; e talvez cincoenta, quando sahimos E' um ambiente lindo, que entontece.

A luz da tarde, côr de oiro... O décor do luxuoso salão... Aquellas figurinhas leves, leves e brancas, brancas como as Colombinas de Willette, frágeis como as silhuetas de Fragonard, de *Le Serment d'amour*, ou como as "jeunes filles" de Greuze. Tudo ali é extremamente elegante.

"Miss Paraná", (Didi Caillet) é uma brilhante dama de salão. Como estaria bem na côrte fulgente do Rei-Sol! E como lhe ficaria justo o titulo de Condessa Didi Caillet!

"Miss Paraná" é uma artista fina. E' uma diseuse magnifica, para quem o manejo do francez, do castelhano e da lingua de Dante é facilimo.

Captivante por tudo: — pelo seu sorriso, pela fidalguia dos seus modos, pela sua arte difficil de encantar, — "Miss Paraná" faz-nos sentar ao seu lado, entre as creaturinhas lindas e alegres que a rodeiam.

Didi Caillet parece aquella musa de Saadi, aquella que vinha abraçada com as rosas, que o vento destroçou, atirando-as cruelmente ao mar impetuoso. Tem nos braços dois encantadores bouquets.

Quem é mais linda?

Aquella rosa, que se levanta de um ramo, a acariciar-lhe a face, ou ella mesma, a doce e galante Didi?

Temos vontade de fazer esta pergunta a uma das suas amiguinhas... Mas, justamente, nesse momento, e emquanto fixamos um Parreiras, n'um motivo bretão sentimental, "Miss Paraná" nos interroga de chofre:

— E' uma entrevista que me vem pedir, sobre o concurso?

E n'um desengano — para nós — que tem a feição de uma supplica:

— Ah, pelo amor de Deus! Não me toque mais em tal assumpto! Falemos de coisas agradaveis.

— Então, falemos de "Miss Paraná". E voltando-nos para as suas amigas, que nos ouvem: Não é um bello assumpto? Todas concordam comnosco. Insistimos:

— Qual a sua maior emoção, nestes ultimos dias?

— A que recebi, na tarde do chá-dançante do Fluminense. Ah, não imagina! Cheguei ao hotel tonta de alegria... Suffocada de commoção...

Iamos dizer: "Como si tivesse bebido o vinho de "Hebbe". Mas não tivemos esse máu gosto, passadista, senão em pensamento.

— Uma consagração, como bem merecia...

Aproveitámos o seu enthusiasmo, para accrescentar com um sorriso:

— Sabe que ha muita gente que a considera "Miss Brasil"?

— De novo? Não voltemos ao concurso. Supplico-lh'o!

Depois de uma hesitação:

— E'. Sei muito bem que para se justificar o logar que obtive, alguem me aponta defeitos de plastica. E' uma indelicadeza que não perdôo a ninguem.

Dissemos uma gentileza qualquer, que ella agradeceu com um semblante já desanuviado.

E á queima-roupa, sem lhe dar tempo de escusar-se:

— Fale dos seus gostos. Quaes são os seus artistas?

— Todos os que o são, realmente. Vi tanta coisa linda na Europa... Admirei tantos artistas nos museus, que não posso particularizar as minhas predilecções. Amo a dança. Adoro a poesia. A prova é que declamo... Leio com

(Photo De los Rios)

«Miss Paraná» (Didi Caillet), a linda e sympathica declamadora que tanto tem empolgado o povo carioca.

prazer os escriptores nacionaes. Escriptores e poetas. Mas o poeta da minha veneração é o Dante. Oh, a *Divina Comedia!* Que grandiosidade! Não acha?

Naturalmente, tinhamos que lhe dar razão.

— Diga, Mlle. E' pelo feminismo?

— Não. Sou pela mulher culta, illustrada, mas sem prejuizo da sua feminilidade. Quero a mulher dentro de casa — para que seja a *Consolatrix afflictorum* dos seus filhos e do seu esposo; e, ao mesmo tempo, aquelle "Ange pale" de Rollinat, anjo inspirador e tutelar, daquelles que se acolhem a sua sombra...

E de repente, n'uma transição brusca e inesperada:

— Como encara os homens de hoje?

— Mais amigos da mulher que as mulheres de outras mulheres... Elles são mais indulgentes...

— Qual o seu typo ideal? Sonha como as romanticas o seu "prince charmant"?

— O amor é sempre uma surpresa...

— Ou uma interrogação? — dizemos nós.

— Como queira...

E ahi morreu a nossa amável palestra... Na luz da tarde de oiro e rosa de abril...

"MISS S. PAULO"... FIGURINHA DE LEGENDA.

III

— "Miss S. Paulo?

— Sim. "Miss S. Pauloy" ou Yvonne de Freitas — diz a encantadora paulista.

Estamos no *hall* do Itajubá-Hotel.

Pensavamos encontrar uma creaturinha secca, fria, reservada, de ar taciturno, e circumspecta como geralmente são as suas conterrâneas. Suppunhamos que "Miss S. Paulo" fôsse como as heroínas, feitas de melancolia e de sonho, que povoam os sonetos lapidares de Samain.

Ton menton pose dans ta [main;
Tes levres songent...

"Miss S. Paulo"? Como seria ella — na intimidade? Uma "jeune fille", que se deleita com as fantasias tolas de Ardel, de Guy de Chantepleure, e de Delly? Seria artificial como as lindas mulheres de Bataille? Paulista, a sua alma devia estar cheia da garôa da sua terra, aquella garôa que derrama gelo, gelo e cinza, dentro das almas lyricas e bôas.

Oh, como as photographias mentem! Exaggeram, algumas vezes. Melhoram ou peoram. De resto, uma impressão de espirito só nos pode ser transmittida pelo calor da palavra. A palavra que vem, directamente, dos nossos lábios, — como os beijos de amor.

Pensavamos encontrar uma paulista preoccupada com o esplendor das suas jóias de preço, das suas sedas, da sua *limousine* e a sua pose. Mas, não!

Um engano! Um magnifico engano! "Miss S. Paulo" é uma creaturinha viva, alegre, gentil como as cariocas. Especie de Mimi Pinson, — seculo XX, que não possue apenas um bonnet, nem um vestido, como se diz nas copias ingenuas da canção: «Elle n'a qu'une robe au monde"...

"Miss S. Paulo" é uma Mimi Pinson vaidosa e guizalhante. Ri, palestra; entra e sáe com uma graça, que nos faz olhal-a como si fôsse uma escolar, em dia de férias; e, ao mesmo tempo, uma figurinha de legenda, uma princezinha rodeada da sua vassalagem.

E é infallivel, então pensarmos nos lindos contos de Perrault: "La belle aux cheveux d'or"...

"La princesse Rosette"... "Cendrillon"...

— Perdão, "Miss S. Paulo"... Estava como alheiado n'um extase. Admirava-lhe a belleza joven.

— Galanteador...

E convida: Sentemo-nos.

Sentamo-nos a seu lado.

Que honra! Ella ali está — a representante da belleza paulista. Oh, isso representa alguma coisa... Sim! Ali está a sua fina

(Photo Rossi Cerri — S. Paulo)

«Miss S. Paulo» (Yvonne de Freitas), a encantadora expoente da belleza paulista.

silhueta. E' branca, muito [illegible] me é feita de lis e rosa. O seu bello rosto é oval. Os seus olhos são côr de bronze... (Sempre a obsessão dos olhos côr de bronze!)

De repente, vem-nos uma doce saudade de S. Paulo. Uma melancolia subita nos invade. E' que "Miss S. Paulo", com a sua belleza, moça, belleza typica do sul, lembra tantas outras bellezas da sua terra... E uma dellas... Não: reticencias...

— "Miss S. Paulo", que é que pensa desse concurso?

— Nada! Penso que, uma vez fóra delle, devo apenas brincar — responde ella com bom humor.

— Brincar?

— Sim. Dançar, passeiar, ir ás festas, que nos offerecem.

— E' muito divertida, não?

— Muito. Assemelho-me ás cariocas. Tenho um guizo vibrando na minha alma.

— Quem sabe? Talvez a influencia do nosso sol, da nossa luz, das nossas praias, da vida vertiginosa do Rio...

— Disse bem: o sol e as praias do Rio. Adoro o mar... A vida ao ar livre! Que delicia! Os sports, — o tennis, a natação, a equitação, — me seduzem.

E "Miss S. Paulo", communicativa, desde o primeiro momento, falla das bôas leituras que mais a deliciam. Gosta dos nossos romancistas, dos nossos poetas, dos nossos artistas. Entre os poetas, cita Vicente de Carvalho e Bilac. Mas não despreza os estrangeiros. Notadamente os francezes. Era infallivel!

— Ah, gosto muito de Virginia Victorino, portugueza. E' uma grande poetisa. Não é?

Pensa tambem que a mulher deve viver para o lar. E' no lar onde melhor póde ella formar o seu coração e o seu espirito, — para ser util ao proximo e aos seus, em particular. Nunca travando luta com o homem, n'uma competição desleal, em que triumpha, muitas vezes, prejudicando interesses vitaes dos chefes de familia; e, consequentemente, da mulher. E' um circulo vicioso, esse, em que ellas, modernamente, se debatem.

"Miss S. Paulo" é um doce encanto. Encanto, pelos seus attributos, pelas suas graças naturaes; encanto, pela vivacidade do seu espirito; encanto, por toda a sua distincção.

Entre as vinte e uma estrellas desse galante certamen, "Miss S. Paulo", sem favor, continúa a ser — de primeira grandeza. De primeira grandeza!

Meu amigo S. Paulo, parabens!

(Photo De los Rios)

«Miss Fluminense» (Marieta Relvas), que tem sido cumulada de gentilezas por todos os que lhe admiram a belleza moça e sadia.

"MISS FLUMINENSE" — UMA ALMA DE CREANÇA.

IV

Nictheroy...

Aqui está a vivenda de "Miss Fluminense". Uma casa alegre, por onde o sol entra em jórros, nestes claros dias de abril, como a dizer: "Parabens, "Miss Fluminense"!" E' ahi que ella nos recebe. Simples. Muito simples. Sem *pose*, sem preoccupações de gestos e — o que é ainda um milagre! — sem artificio. Nem uma mancha de *rouge*. Nem um traço de bistre. Nem um ponto de *baton* nos labios rubros, por obra e graça da Natureza.

Na sala de visitas, para onde a mais linda do Estado do Rio nos faz entrar, as *corbeilles* se accumulam, com dedicatorias expressivas.

Somos tres a palestrar, intimamente: "Miss Fluminense", Mlle. Marilia, Siqueira, sua amiguinha dedicada, e o jornalista que fixa estas notas.

"Miss Fluminense" é bonita. Oh, muito bonita, sim! Recortado pelo seu cabello á Redemptor, o rosto pallido e moreno ganha uma expressão que a torna mais encantadora. Os olhos dançam n'uma alegria constante.

No emtanto, "Miss Fluminense" não é uma creatura alegre. Não é dessa tristeza doentia, das mocinhas chloroticas, mas dessa tristeza que parece uma serenidade timida e discreta.

A sua plastica, pode-se dizer que é perfeita. O seu andar tem um rythmo que só é commum ás bellezas jovens e sadias.

Emfim, ella nos fala com a sua graça sem artificio: nada de "maquillages".

Na sua elegancia e na sua simplicidade lembra as Tanagras, que eram o encanto frivolo da Grecia antiga. E por que não dizer que parece aquella "Jeune fille assise sur un rocher"? Porque é sentada numa posição de modelo, estudada por um mestre do cinzel, que ella nos transmitte as suas impressões. Mas tudo isso despreoccupadamente...

— Qual a maior emoção da sua vida?

"Miss Fluminense" levanta as mãos para o céo, n'um gesto recordativo e infantil. Diz com uma exclamação commovida:

— O dia em que recebi a faixa de "Miss Fluminense".

— Não a esperava? Não sentia que a sua belleza era, antes, proclamada por todos?

— Juro que não. Foi uma surpresa para mim. Nunca suppuz que me julgassem bonita.

Mlle. Siqueira interrompe-nos:

— Essa menina é realmente muito esquisita. Excessivamente modesta. Nunca vi uma creatura assim. E' demais.

— Por que fazer *pose*, objecta, si tudo isso é tão ephemero?

— Acceita o feminismo?

— Não.

— Qual o seu typo de homem, o typo physico?

— Moreno de olhos verdes.

— E a carreira que prefere para elle?

— Medicina ou marinha.

— O concurso... o prestigio que a cerca... os louvores da multidão terão influido sobre as suas preferencias? Exemplo: casaria com um homem pobre?

— Desde que fôsse digno...

— E si fôsse um jornalista?

— Com mais razão, ainda.

Vê-se bem que essa resposta foi de pura e simples cortezia.

— O dinheiro póde dar a felicidade no amor?

— Nunca. O que dá a felicidade é o proprio amor.

— Tem medo á morte?

— Não. Gozo de boa saude, pratico todos os sports. Uma sportwoman não teme os esgares da Morte.

Mlle. Siqueira atalha-nos, um tanto motejadora:

— Emquanto ella não chega...

E "Miss Fluminense":

— Póde chegar até hoje.

Pensámos intimamente: "Para fóra dos dentes..."

E logo a seguir:

— Gosta dos intellectuaes?

— Sobretudo dos poetas.

"Miss Fluminense" conhece a arte de agradar.

— E' religiosa?

— Devota de Santa Therezinha de Jesus.

Nesse momento chega uma visita. Eram duas gentis senhoritas, suas admiradoras, que lhe vinham trazer um presente: um estojo completo de perfumes.

E mostrando-nos o mimo, com uma graça toda pueril:

— Bonito, não é?

... Um encanto, "Miss Fluminense"... Um encanto porque não está "remplie de soi-même"...

"MISS RIO GRANDE DO SUL" E A SUA MAIOR EMOÇÃO.

V

E' a gentileza de Belfort de Oliveira, director da succursal do «Diario de Noticias», de Porto Alegre, quem nos leva a conhecer «Miss Rio Grande do Sul» (Bila Ortiz).

Durante o trajecto — emquanto o automovel róla para as Laranjeiras, trocamos idéas, amistosamente. Belfort de Oliveira nos fala, com enthusiasmo, da personalidade de «Miss Rio Grande do Sul». Exalta-lhe os predicados. Retraça-nos o seu retrato psychologico, preparando-nos o espirito para uma bôa impressão. Ouvimol-o em silencio. E' muito grande o receio que vae comnosco. Sabemos, de antemão, que Mlle Ortiz não gosta de jornalistas. Trata-os com soberano desprezo, dizem uns. A's vezes, ou quasi sempre, não os recebe, dizem outros. Mas Belfort de Oliveira, que é um «gentleman», põe em jogo toda a sua habilidade diplomatica para que vejamos na eleita do Rio Grande do Sul uma fina dama de sociedade... Ainda bem.

No elegante palacete do dr. Raul Bergallo, «Miss Rio Grande do Sul» recebe-nos sem um sorriso. Um, ao menos.

Mau, mau! — dizemos mentalmente.

São feitas as apresentações de praxe. Estamos agora os tres num salão artisticamente decorado, e que seria de puro estylo assyrio, no seu conjuncto, si não estivessem ornando as suas paredes umas paizagens de pintores francezes.

Dizemos alguns galanteios á senhorita Bila Ortiz. Duas ou tres palavras literarias. Nada. Talvez á força de ouvil-as sempre, a cada instante, a grande dama sulista conserva-se impassivel. Apenas os seus lábios se entreabrem, de leve, e tomam a fórma de uma flor muito rubra, para dizer, de um modo breve e incisivo: «Muito obrigada...»

Ficamos desconcertados.

Trava-se, agora, um vivo conflicto de olhares, entre nós. Um duello mudo de perguntas. Emquanto ella nos fixa, muito firme, sem pestanejar, como a inquirir: «Será o senhor um perguntador banal de indiscreções? Que pensará do meu desdem olympico?» os nossos olhos, como magnetizados, mas resistindo, procuram vêr o que ha por dentro daquella alma, daquella «boite á surprise», que a gloria ephemera de ser bella colloca nos altos pincaros da Fama...

Oh, como é difficil lêr na alma feminina! Della, só o que se pode dizer, com certeza, é o que affirmou Salomão: «A mulher é mais amarga do que a morte». E não será com certa razão que Vargas Vila pondera: «Inocente y fatal, hay nella algo irredimido, que le hace llevar la catástrofe a la vida y al amor?»

Um biographo de visão subtil e penetrante notava que Mallarmé fumava, constantemente, para que pudesse conservar, entre o seu espirito illuminado e a turba-multa — o «sine nomine vulgus» — um anteparo de fumaça. Não desejava, dizia elle, o mais simples contacto com a massa anonyma. Nisso era bem um legitimo représentante da aristocracia do espirito — que é, de facto, a unica aristocracia.

«Miss Rio Grande do Sul» dá a impressão de que se envolve numa nuvem de incenso, como n'uma charpa andaluza... Talvez pelas mesmas razões que o symbolista egregio de «L'aprés-midi d'un faune» fumava a sua «pipe».

Esguia, muito branca, como as figuras de Puvis de Chavannes, olhando de soslaio, como quem está sempre a esquivar-se de olhares indiscretos, «Miss Rio Grande do Sul» dá ensejo a que a admiremos no seu lindo vestido «beige», de crêpe georgette, liso e simples como as «toilettes» das creaturas simples e sem vaidade... (A moda perpétra ás vezes desses paradoxos...)

Quando fala, raramente, tem inflexões quentes, vibrantes e curtas; outras vezes, a sua voz é cantante. «Elle a l'inflexion des voix chéres qui se sont tues...»

Pelo cruzamento de sangue, «Miss Rio Grande do Sul» deve guardar em si um pouco daquella alma altaneira e quixotesca da velha Hespanha. Alma metaphorica. Alma cheia de impulsividade e parabolas.

Mas... E as idéas, e o sentir, e o modo de ver as coisas dessa deusa, exilada talvez dos cimos azues do Olympo?...

— Sem duvida deve recordar-se da emoção culminante da sua vida.

— E si não lh'o quizer dizer?

— Respeitaremos o ser capricho de moça.

— Então diga: «Uma interrogação, seguida de reticencias...»

Ahi está, meus senhores! A emoção culminante da vida de «Miss Rio Grande do Sul» é uma interrogação, seguida de reticencias. Decifrem-n'a... Advertimos, porém, que essa emoção deve ser coisa muito impressionante... Porque «Miss Rio Grande do Sul» não sorri. Fala sem sorrir...

Aliás, ella sustenta a

(Photo Nicolas)

«Miss Rio Grande do Sul» (Bila Ortiz), a representante da belleza gaúcha.

these de que é necessario ser differente das outras — ás outras mulheres — para attrair attenção sobre si. Mostrámos-lhe o erro em que está. As mulheres, quanto mais procuram differenciar-se das suas irmãs de sexo, mais se aproximam e se parecem com ellas. Pois si todas desejam ser differentes... E até na uniformidade da moda, das suas mais lindas creações, ellas estão niveladas umas ás outras: a moda desta é a de todas... Onde a singularidade?

«Miss Rio Grande do Sul» ouve-nos e fica um pouco embaraçada. Talvez pensando na grande difficuldade que ha em parecer original...

Proseguimos, no emtanto:

— O typo de homem que mais lhe agrada, Mlle Ortiz?

E ella, promptamente:

— Elle me agrada de momento. Pelas suas qualidades moraes.

— Si fosse homem, qual a carreira que escolheria?

— Medicina. Adoro a medicina.

— Que diz do feminismo?

— Não o tolero. A mulher deve ser uma collaboradora efficiente do homem — mas no lar.

Nessa altura, Belfort de Oliveira, que até então se conservara em silencio, discretamente, intervem. As nossas opiniões divergem. Afinal, pomos bem claramente os pontos nos ii. — explica-nos que o que condemnamos é o feminismo demagogo. Meramente platonico.

— E' religiosa?

Diz-nos que sim. A sua santa é Therezinha de Jesus.

«Miss Amazonas» (Mlle. Edna Frazão Ribeiro), cercada de illustres membros da colonia amazonense desta capital.

Quando lhe perguntamos si, antes da evidencia em que se vê, a sua belleza era exaltada por todos, Mlle. Ortiz responde, numa attitude de espanto, que o seu apparecimento no concurso d'«A Noite» fôra uma surpresa para ella...

«Chi lo sá?»

— Gosta dos jornalistas?

— Muito.

Pudera! — pensámos nós. Si está ansiosa por vêr-se liberta da nossa oisbilhotice...

— Diga, pois, «Miss Rio Grande do Sul», si o feminismo triumphasse, algum dia, e mademoiselle viesse a ter um logar de relevo na vida administrativa do paiz, seria capaz de gestos que amparassem as classes intellectuaes, os artistas, os homens de pensamento?

Belfort de Oliveira olha-a de uma maneira expressiva, — como a insinuar, com o seu sorriso educado: «Certamente...»

«Miss Rio Grande do Sul» affirma, com enthusiasmo inflammado:

— Como não? Quero bem a todos os artistas.

Mas, nesse momento, ella se ergue da cadeira. Resoluta. Inabalavel. Comprehendemos que tem desejo de nos mandar embora.

Que fazer?

Agora, somos nós que recebe a culminante emoção: uma interrogação, seguida de reticencias...

Bastos Portella

FILIGRANAS

O vinho, o vinho verdadeiro tem um estranho poder de seducção. Oiro liquido dos vinhedos do Rheno, sangue generoso das cêpas da Borgonha, mel das uvas meridionaes queimadas ao sol do Mediterraneo, espuma dos pampanos deliciosos e quentes da "Champagne", sob qualquer dessas formas elle tenta os labios dos homens, oloroso e saboroso, para dar-lhes o esquecimento, a ebriedade, a alegria e o somno...

Os velhos beberrões da Renascença diziam a sua missa:

— *Introibo ad altare Bacchi, — ad Deum qui lætificat cor hominis.*

E, em verdade, nada como o vinho alegra mais o coração do homem. Até a Deus mesmo o offerecem no Santo Sacrificio.

FILIGRANAS

Está escuro. Muito escuro. O vento que sopra sobre o mar é um daquelles que Victor Hugo achava que precisavam do oceano para ser grandes. Uma simples corôa de lumes na encosta dum morro distante me revela a existencia da cidade de que tanto me afastei. Solidão. Solidão. Solidão.

E caminho, sussurrando as palavras dos *Hymnos de Fogo* de Paul Fort:

— "Nuit d'étoiles, j'ai souffert d'amour et ma voicé, los de mon triste voici et courbé vers la terre. Je me suis arraché du cœur tant de lumiéres! Mais je ne suis qu'un homme et je tombe obsaurci: Apprends moi, grande nuit, du fond des cieux sans pal ne, cet éternel secret des mondes qui s'entr'al ment..."

As «misses» assistindo á luta de box. Ellas se batem pelo prestigio da propria belleza. Elles, pela supremacia do proprio muque...

A recepção que «Miss Brasil» offereceu ás suas collegas, as «misses» estaduaes, nos salões do Club de Regatas de Botafogo, resultou numa festa de puro e alto mundanismo. E' um detalhe dessa reunião elegante que a photographia acima focaliza.

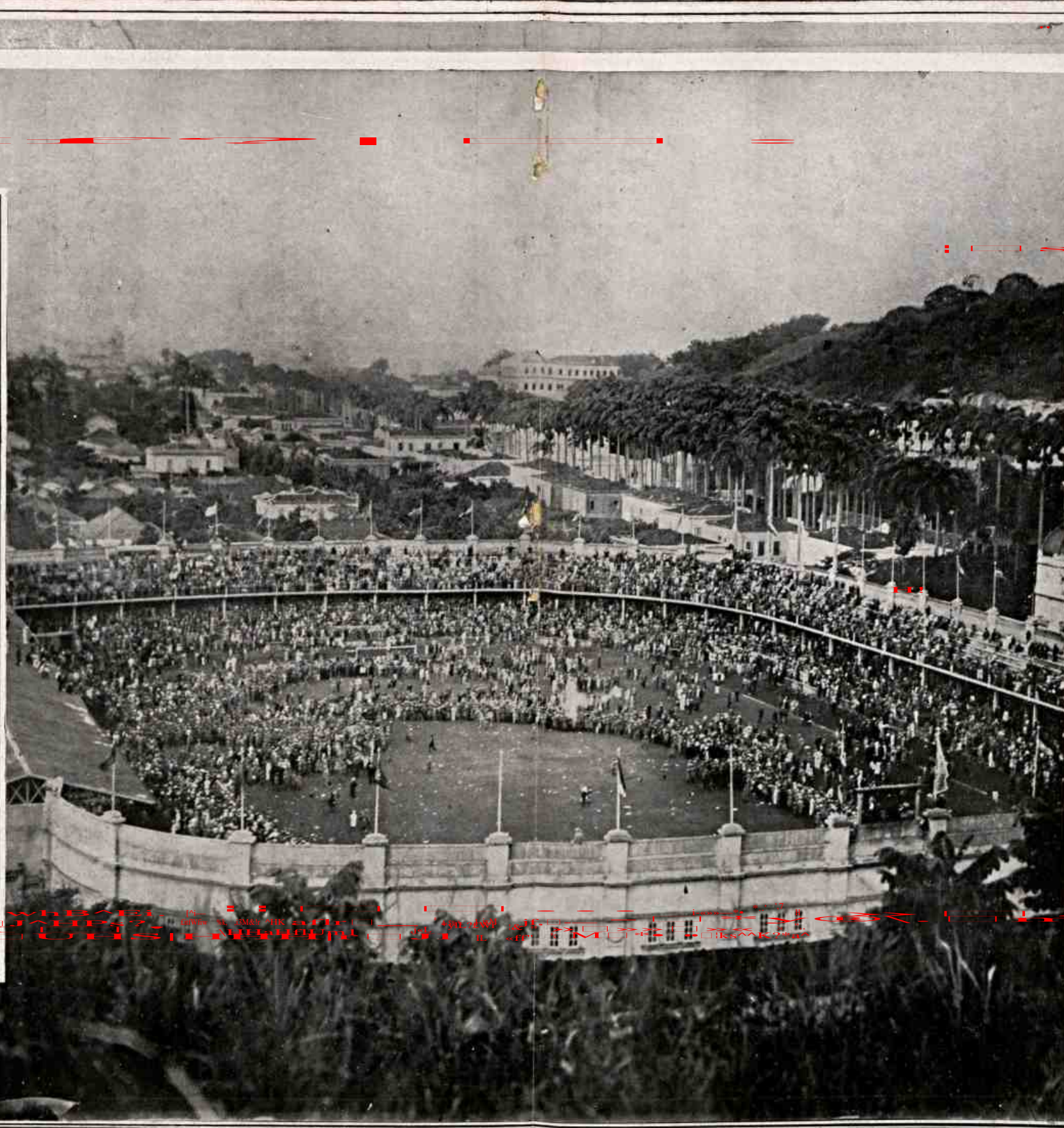
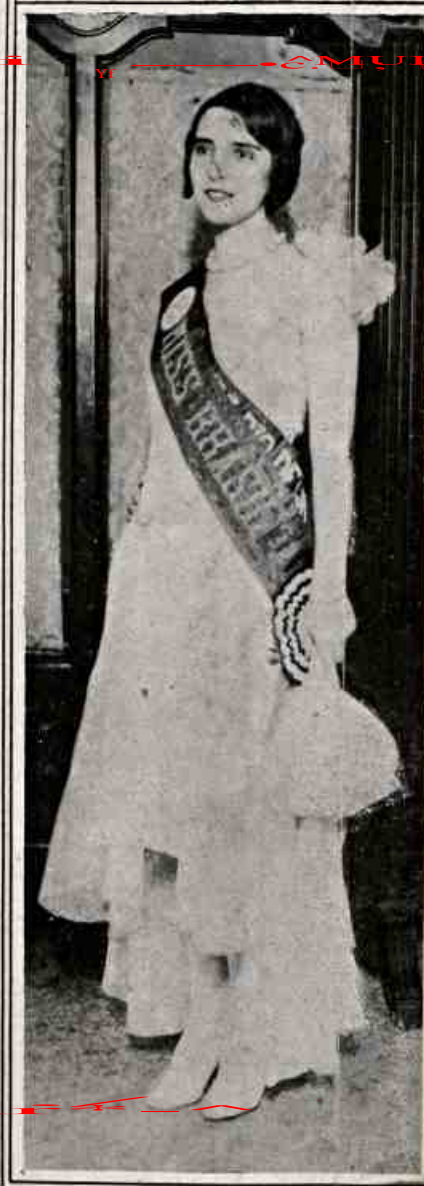
. . .

SEIXOS

Destino? Ora, Destino é sómente o que póde acontecer. Ninguém o traçou. Ninguém o traça jamais. Puro engano. Deus é juiz e não geometra. Por isso é que soffres. De nada vale o rebellar-se. Acceita-o como elle é. Com um sorriso de dôce ironia brincando á flôr dos labios... E verás que o Destino, ao invés de rude, te parecerá bom, suave, encantador...

DIDI Caillet, «Miss Paraná», é, hoje, uma figurinha que vive no coração do povo carioca. Muitas têm sido as demonstrações de sympathia a ella testemunhadas desde que chegou a esta capital. Uma dellas, e das mais expressivas, foi a de sabbado ultimo, no Palace Hotel, levada a effeito pela classe commercial e innúmeros admiradores seus.

. . .

MISS BRASIL

DE vida simples de moça de sociedade, admirada apenas pela sua «entourage», Mlle. Olga Bergamini de Sá passou á popularidade, com os suffragios que lhe deram o titulo de «Miss Rio de Janeiro». Foi o primeiro passo na estrada luminosa da gloria de ser bella. Assim entrou ella no «stadio» do Fluminense Football Club, naquella radiosa tarde, em que a sua victoria encheu de vibrações a alma carioca. E depois, de triumpho em triumpho, chegou á apotheose da sua proclamação, que ficou memoravel nos fastos da nossa vida elegante. «Miss Rio de Janeiro» passou, então, a ser «Miss Brasil», e a faixa symbolica que a cinge, hoje, gloriosamente, ella a recebeu deante de cem mil pessôas, que eram cem mil corações ansiosos a vibrar de enthusiasmo patriotico.

A multidão que enchia as archibancadas do Fluminense Football Club, quando foi proclamada a escolha de «Miss Brasil».

«Miss Piauhy» (Mlle. Antonia Arêa Leão), no dia da sua chegada a esta capital. «Miss Piauhy» teve uma recepção brilhante, por parte dos seus conterraneos, tendo recebido muitas

flores e outras provas de carinho. O nosso brilhante confrade dr. Berilo Neves disse-lhe, commovido, um discurso de saudação, em nome dos piauhyenses aqui residentes.

GUSTAVO BARROSO

Pelo "Almirante Jaceguay", do Lloyd Brasileiro, seguiu, a 19 do corrente, para o Ceará, em companhia de sua distincta familia, o nosso querido companheiro de Fon-Fon, dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe desta revista e membro eminente da Academia Brasileira de Letras.

Ha mais de dez annos o notavel e brilhante escriptor não pisara o solo sagrado da terra natal. E fal-o, agora, não só levado pela saudade de revêr os pagos amigos, como para, na qualidade de enviado especial da Academia de Letras, representar o nosso cenaculo de immortaes nas festas commemorativas do centenario de José de Alencar, em Fortaleza, onde, a 1.º de maio proximo, será inaugurada a estatua do glorioso escriptor de "Iracema" e do "Guarany".

A terra cearense certo receberá festivamente seu illustre e querido filho. O Estado, pelo seus poderes publicos, já lhe conferiu as primeiras honrarias, recebendo-o como seu hospede official.

E Gustavo Barroso é um cearense que faz jús ás homenagens, á sympathia e á estima de seus conterraneos, porque, neste intenso e formidavel campo de luta, que é a capital da Republica, ninguem mais do que elle tem sabido honrar e elevar o nome de sua terra, por quem a exaltação do seu amôr e do seu devotamento foi sempre a mais nobre, a mais elevada e a mais patrioticamente inspirada.

Elle é bem desses que trazem fixada na retina, de continuo distendida para o natio borgho, através da saudade, a imagem do Ceará distante, que, agora, vae revêr, depois de tantos annos de ausencia.

Recebam os cearenses, carinhosa e festivamente, o patricio illustre e digno, que é uma expressão viva, e forte, e victoriosa, da sua terra e da sua gente, que elle honra e exalta pela intelligencia, pelo esforço, pela tenacidade, pelo caracter e... pelo coração.

E vanidade...

"MISSES" POR TODOS OS CANTOS

ESSA creação de misses, que já hoje tem o significado de "ser bella", de "premio de belleza", trouxe a vantagem de estimular a coquetteria carioca.

E' verdade que as filhas da metropole são notaveis pela sua elegancia e pelo seu chic.

Que importa que as paulistas affirmem que as nossas conterraneas usam vestido de baile no footing? E tambem os dedos nas casas de chá?

Eu não acredito nisso. Mesmo porque, nas raras vezes que tenho visto esses famosos vestidos enfeitados de lamé, passeando na Avenida, ao lado do crêpe da China e do organdy, — são trazidos por jovens forasteiras. Cariocas é que não! Duvido que uma copacabanense ou botafoguense seja capaz de tamanha gaffe. Nem ellas, nem as moças da Tijuca, do Andarahy, de Villa Isabel, emfim de qualquer bairro considerado elegante. Já se foi o tempo em que esses arrabaldes eram tidos como de gente rastaquéra.

Nem mesmo São Christovam. Nem mesmo Rio Comprido.

O Rio de hoje é um Rio chic e civilizado, onde não ha logar senão para os jécas que nos visitam. Isso sim. Carioca não é capaz de certas ratas.

* * *

De sorte que as paulistas, — aliás de uma linha irreprehensivel — podem criticar as suas patricias da capital da Republica Podem rir do seu vestido de baile, porque este só comparece á Avenida quando de passagem para alguma festa. E isso mesmo é de automovel.

A metropolitana é elegante por natureza.

Uma escriptora portugueza, a sra. Emilia de Souza Costa, participa dessa opinião, — quando affirma que a carioca veste elegantemente, pelos figurinos da moda. E é sabido que nenhuma pessôa de bom gosto terá a coragem de negar que a carioca é a parisiense do Brasil... Isso basta...

Uma dama da nossa «élite», á hora do «footing», na Avenida.

* * *

Mas sejamos justos: a carioca de hoje adquiriu o feio habito de não sorrir. Ou de sorrir pouco. Ella que sorria muito, que sorria para realçar a sua belleza, a sua graça, os seus olhos em cujo fundo dorme o mysterio de uma luz indefinivel de sensualidade disfarçada.

São carinhas lindas, esmaltadas, mas severas como si tivessem rancor a toda a população. Dizem que nisso ha um calculo. E' uma tactica defensiva. Emquanto ellas olham sério, fingem que "não dão confiança", o almofadismo vadio e perseguidor de vestaes desanima na sua preoccupação. Adia, a contragosto, os seus intentos. E ellas passam incolumes, por entre o batalhão de D. Juans.

Será verdade? Será mentira? Não nos aprofundemos no assumpto.

Registamos, apenas, e isso com justificada alegria: as misses vieram estimular a vaidade das cariocas.

De tal modo ellas se preoccupam agora com a sua elegancia, com as suas maneiras, com o seu sorriso, que poderiamos eleger, em cada grupo que passa, uma "Miss" tal — conforme o local em que estivesse. "Miss Bonde da Tijuca" (de tantas horas) — "Miss Avenida". — "Miss Beira-Mar". — "Miss Falando ao Telephone". — "Miss Entrando no Cinema". — Um encanto! Misses por toda parte! Até poderiamos redigir uma variante da famosa quadrinha em que se louva a Bahia de Ruy Barbosa e Castro Alves.

Rio, Rio de Janeiro,
terra de puros encantos!
Em cada esquina — uma "miss".
"Misses" por todos os cantos!

Gostaram? Então sabbado voltarei...

PIEGUICE — De Yves — Eis o inverno.

Como se pareçam esses dias tristes, vestidos de nevoa e de neblina! Uma melancolia se insinúa por tudo. Entra-nos a alma, sorrateiramente, como um suave perfume.

E então, todas as bôas recordações dos dias lindos, dos dias que vivemos, intensamente, ao sol, ao luar, sob o esplendor das tardes, sob a benção das estrellas douradas — tudo nos vem á memoria, como uma saudade fugidia, que tem a imagem de outras saudades mais tristes.

A chuva rola do céo cinzento, do outro, que eu me sentia feliz quando a chuva cahia. Ella nos retinha. E si me chamavas á realidade da vida: "Eu tenho que partir, meu amôr", a minha resposta era esta, invariavelmente: "Chove. Espera que a chuva passe..."

E é por isso que fito agora, lá embaixo, o jardim frocado de rosas brancas, emperoladas de orvalho, banhadas pelo pranto do inverno, o inverno que tem a certeza de que ellas vão fenecer... E, de repente, a suggestão que dellas me vem — belleza ephemera das coisas e do amôr, perfume que foge como a imagem

Vejo que, pouco a pouco, a distancia, o silencio, a duvida que põe sobresaltos na alma e receios pessimistas no coração, nos desencorajam, nos fazem crêr que já não somos aquelles enthusiastas de outr'ora.

Lembras-te? A's vezes, tu inclinavas a cabeça sobre o meu hombro, e eu te dizia os versos de Amado Nervo, ao ouvido, em surdina, como uma prophecia do desenlace que vae ter este nosso romance de amôr...

Me besaba mucho, como si temiera irse muy temprano... Su cariño [era

Um grupo galante, flanando nas «pelouses» do Jockey Club, emquanto as apostas não recomeçam.

Como é impressivo esse chôro continuo das nuvens sobre a terra tiritante de frio!

Acordei hoje com a alma cheia da melancolia do inverno. Deste inverno friorento e cheio de cinza que começa tão cêdo.

E sabes tu, meu amôr? Sabes o que recordo? Recordo aquellas horas breves, que nos surprehenderam juntos, deante da garôa enfumaçada e da melancolia de um outro inverno triste como este...

Lembras-te? Eram tão rapidas as horas que viviamos, um ao lado da felicidade, encanto que passa, alegria viva, rosada e fulgente, que se desfaz em tristeza — toda essa suggestão impressionante é de que o nosso amôr ha de ser assim...

Um dia, elle ha de passar como as rosas brancas, ao frio desolador do inverno.

inquieto, nervioso. Yo no com- [prendia
tan febril premura. Mi intencion [grosera
nunca vió muy lejos... !Ella pre- [sentia!

Ella presentia que era corto el [plazo,
que la vela herida por el latigazo
del viento, aguardaba ya ... y en [su ansiedad
queria dejarme su alma en cada [abrazo,
poner en sus besos una eternidad!

LANTERNAS DE PAPEL

POESIAS CHINÊSAS E JAPONÊSAS

Do livro A frauta de jade, de Tsão-chang-ling:

"As filas negras dos ganços selvagens riscam o céo. Pendem das arvores ninhos abandonados. As montanhas parecem mais pesadas.

Encontrei perto da fonte a frauta de jade que perdeste no verão. Estava escondida entre as hervas altas. Mas a herva morreu e a frauta reluzia á luz do sol.

Então, pensei no nosso amor que tanto tempo ficou occulto pelos nossos escrupulos."

* * *

"Repetis: — nós envelhecemos juntos. Ao mesmo tempo que os meus, os teus cabellos ficarão brancos como a neve das montanhas, como a lua de verão.... Soube hoje, senhor, que amaes outra mulher e vim, desesperada, dizer-vos adeus.

RIO BRANCO — Sabbado ultimo, foi inaugurada, na casa onde nasceu Rio Branco, á rua 20 de Abril, numero 14, uma placa de mármore e bronze, com o retrato do grande chanceller, que foi um dos nossos maiores diplomatas. A iniciativa dessa homenagem tardia, mas justa, partiu do Centro Carioca e foi lembrada pelo professor Ariosto Berna.

Pela ultima vez, derramemos o mesmo vinho em nossas duas taças. Pela ultima vez, canta a canção que fala do passarinho morto debaixo da neve; depois, irei embarcar no rio Yu-Kéu, cujas aguas se dividem e correm para leste e para oeste.

Por que choraes, raparigas que vos ides casar? Esposareis talvez um homem fiel, um homem que sinceramente vos repetirá: — nós envelheceremos juntos."

* * *

"Nós nos afastamos da montanha azul e a lua segue nossos passos. O orvalho pesa sobre nossa roupa. Voltamo-nos, afim de avaliar a distancia percorrida, porém o nevoeiro esbranquiçado afoga o campo.

De mãos dadas, eis-nos deante da cancella da rustica moradia, onde nossos amigos nos esperam. Depois, caminhamos por uma aléa de bambús que nos tocam ao passarmos.

Estamos todos juntos. Que felicidade! Dão-me vinho perfumoso. E eu canto a canção do vento nos pinheiraes. Os rouxinóes, as rãs e os insectos cantam tambem."

Do poeta nipponico Konosuké Hinatz:

TRISTEZA

"Por que na paisage calma
de tristeza inexprimivel
meu espirito não se acalma?
Tenho receio das estrellas
ou medo de minha propria alma?"

SUSPIRAE!

"Deveis suspirar de alegria
ante a belleza;
deveis suspirar a êsmo;
e de joelhos, com tristeza,
deante de vós mesmo...."

O RISO DAS TREVAS

"A nossa vela estava bem accêsa;
mas o vento, zangado, a apagou.
Olhas fixamente a escuridão?
A sombria pupilla das trevas?
No silencio profundo,
se ouvem rapidos coxixos,
olhos que piscam
E o riso frio, o riso zombeteiro das trevas..."

Das Tankas de Nico Horigutchi:

"Penso:
— Minha alma é uma fôlha morta.
Essa comparação
me faz chorar."

—"E' um amor que morre?
— E' um sonho que acabou?
— Não. E' o crepusculo...."

* * *

"Como uma neblina,
uma saudade de amor
cobre com o seu véo de oiro
o meu passado."

* * *

"No meu quarto de enfermo,
o grande espelho me fita
com os olhos gelidos do destino."

* * *

"Esta tarde, penso em ti:
tu chamavas o crepusculo
— a hora das lagrimas."

* * *

"A tristeza no amor
é maior quando se está longe
ou quando se está bem perto?

* * *

"A alegria e as lagrimas andam juntas;
mas só a tristeza dá a felicidade."

"O' vento do outomno que passas,
carregando as fôlhas mortas do jardim,
leva tambem meu coração inconsolavel!
Eu t'o dou."

* * *

"Entre os teus longos e finos dêdos,
cheios de calor,
onde uma a uma cáem as minhas lagrimas,
não é o logar em que nascem as perolas?"

* * *

"Choro deante do mar
como si contemplasse
minha tristeza."

* * *

"Como uma fôlha morta,
rodopiando ao vento,
minha pobre alma infeliz
erra lamentavel e triste."

O copista,
CLAUDIO FRANÇA.

O dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON, e sua distincta familia, no cáes do porto, por occasião do seu embarque, a bordo do «Almirante Jaceguay», com destino ao Ceará. O illustre escriptor e sua exma. esposa e filhos estão cercados de varias pessoas de representação na sociedade e nos circulos intellectuaes desta capital, companheiros do FON-FON, jornalistas, etc.

Filigranas

A's vezes, no meu véso de tranquillo e silencioso observador das coisas, noto a frequencia de certas damas na cidade e as companhias que escolhem para fazer compras, ir ao cinema e á sorveteria.

Sorrio commigo mesmo e penso no titulo do romance de Choderlos de Laclos — *Les liaisons dangéreuses*. Sómente no titulo. E tenho razão de sorrir. Não se passa um mez sem que se murmure:

— *Sabe? Fulana... o marido descobriu... quiz matal-a... vão divorciar-se... o cujo é aquelle rapazinho... sabe?...*

Les liaisons dangéreuses...

A Academia Fluminense de Letras recebeu em seu seio, em principio do mez corrente, um novo «immortal» — o illustre e brilhante escriptor patricio dr. Hamilton Nogueira, medico notavel e intellectual de grandes meritos. A photographia acima, colhida por occasião da sessão solemne de recepção do novo membro daquelle cenaculo, realizada no theatro Municipal de Nictheroy, é um flagrante do brilho de que se revestiu a mesma, a que compareceram os vultos mais representativos dos circulos officiaes e literarios daquella e tambem desta capital, que prestaram, assim, a mais legitima homenagem ao distincto escriptor de «A doutrina da Ordem» e «Jackson de Figueiredo — o doutrinario catholico». O dr. Hamilton Nogueira occupa, na Academia Fluminense de Letras, a cadeira de Manoel Carneiro, que vagára com o desapparecimento de Theophilo Guimarães, de quem o novo academico fez brilhante elogio.

TREPAÇÕES

UGHETTA Cavalli, uma linda brasileirinha de seis annos. E' filha do sr. Aldo Cavalli e de d. Rina Cavalli.

* * *

E' estranho o que aquella dama loira está fazendo com o moço moreno. Estranho, porque não se comprehende que ella viva a telephonar para elle dizendo-lhe que o ama, que o adora, que anda apaixonada, etc., e nunca apparece nos logares onde a *victima* comparece, para os encontros marcados...

E elle sabe que ella é loira, e ella sabe que elle é moreno... Conhecem-se, portanto. Moram até no mesmo bairro. Quasi na mesma rua...

O moço não tem lá grande enthusiasmo por esse caso... telephonico. Embora saiba que ella é um *pedaço*. E ella, si não tem paixão pelo moreno, não o deixa, entretanto, socegado e, diariamente, lhe promette uma hora lyrica de amor...

Ambos são casados. Estão, assim em igualdade de condições. Por que, então, ainda vacillam?

São esses os commentarios ironicos dos que conhecem o caso.

Dizem que a dama loira gosta do marido, mas o marido tem um grande defeito para ella: é loiro tambem...

SI elle é poeta, não sabemos, porém que é patéta, isto affirmamos.

Onde se viu, em pleno seculo do *money*, um individuo pretender conquistar uma creatura interessante, apesar dos seus trinta annos, enviando-lhe, diariamente, pelo correio, sandices e mais sandices em versos de pés quebrados?!

Será crivel que ainda existam lunaticos, acalentando a a idéa de vencer o coração feminino com frioleiras que fazem rir até as collegiaes?!

Então o mocinho pensa que *madame* vae descer do seu castello para o acolher nos braços?!

Rico typo, digno de ser exhibido numa feira de curiosidades, como muito bem disse *madame*, numa destas tardes, alludindo ao caso, á sua amiga loira, numa casa de chá...

E o teu *Mister*, já o escolheste? — Já o elegeste? Quem é elle, hein, querida?

— O meu *Mister?*... Que *Mister?*

— Então, não pretenderás votar no "mais bello carioca", de accôrdo com o concurso do *O Paiz*, que vae eleger "Mister Carioca"?...

— Ah, comprehendo. Já não me interessa isso, querida, que tanto agrada a vocês, as *Misses*...

— E tu, tambem não és *Miss*, uma linda *Miss*, ainda por cima carioca?

— Eu, *Miss?* Não. Já "missei" bastante, solteira. Hoje...

— Hoje?... Que és, hoje?

— Sou a *Miss* de meu marido... Sou *Mistress X*...

— Ah, não sabia! Então sempre passaste de *Miss?!* E eu que ainda continuo a marcar passo! *Miss! Miss* até não sei quando!...

— Queres um conselho?

— Dize...

— Sê *Miss* toda a vida...

E as duas amiguinhas — a linda *Miss*, cheia de illusões, e a encantadora *Mistress*, já tão decepcionada, se separaram — a invejar uma a sorte da outra...

ESSA é muito interessante.

— Imaginem que a graciosa morena ha muito tempo não falava com o rapaz. Ella dizia que não amava a ninguem. Era um meio facil de afastar o moço do seu caminho. Elle comprehendeu tudo e zangou-se. Tanto mais quanto estava certo de que ella tinha o seu "caso". Por mais de uma vez elle a encontrára na rua e nos pontos dos omnibus, acompanhada de um "calças-largas". Passava de longe fingindo nada ter percebido. Mas no intimo levava toda a indignação que póde levar um homem cujo amôr é repellido.

Pois bem! O outro dia elles se encontraram n u m chá-dançante.

Elle fingiu não a conhecer. Ella, porém, não se conteve: ferida no seu amôr proprio, dirigiu-se a elle e cumprimentou-o, apertando-lhe a mão.

Elle gostou do gesto. Mas, quando procurou retel-a, ella se lhe escapou das mãos, como um sonho que se perde...

A galante filhinha do dr. Nelson de Mello e Souza.

(Annunciato Photo.)

NA Galeria Jorge, á rua do Rosario, 131, está aberta, desde quinta-feira, a exposição de quadros de Levino Fánzeres. O acto inaugural teve um cunho verdadeiramente elegante, pois que alli se reuniu, em torno ao pintor illustre de «Route de Senouches», o que o Rio possue de mais «raffiné», no dominio das artes e das letras. A exposição de Levino Fánzeres tem tido uma concorrencia notavel, não só porque se trata de um artista consagrado, premio de viagem e autor de quadros que honram a pintura brasileira, já incorporados á nossa pinacotheca, mas tambem porque teve elle uma lembrança felicissima, que representa uma originalidade para os nossos meios artisticos. Levino Fánzeres concebeu a interessante idéa de pedir a escriptores e poetas de nome uma phrase illustrativa para cada um dos quadros que expõe. De sorte que os seus trabalhos ficam, assim, enriquecidos com um autographo de representantes das nossas lettras e apresentam uma nota original e preciosa. Entre os escriptores que figuram no certamen de Levino Fánzeres encontram-se Gustavo Barroso, Martins Capistrano e Bastos Portella, nossos companheiros.

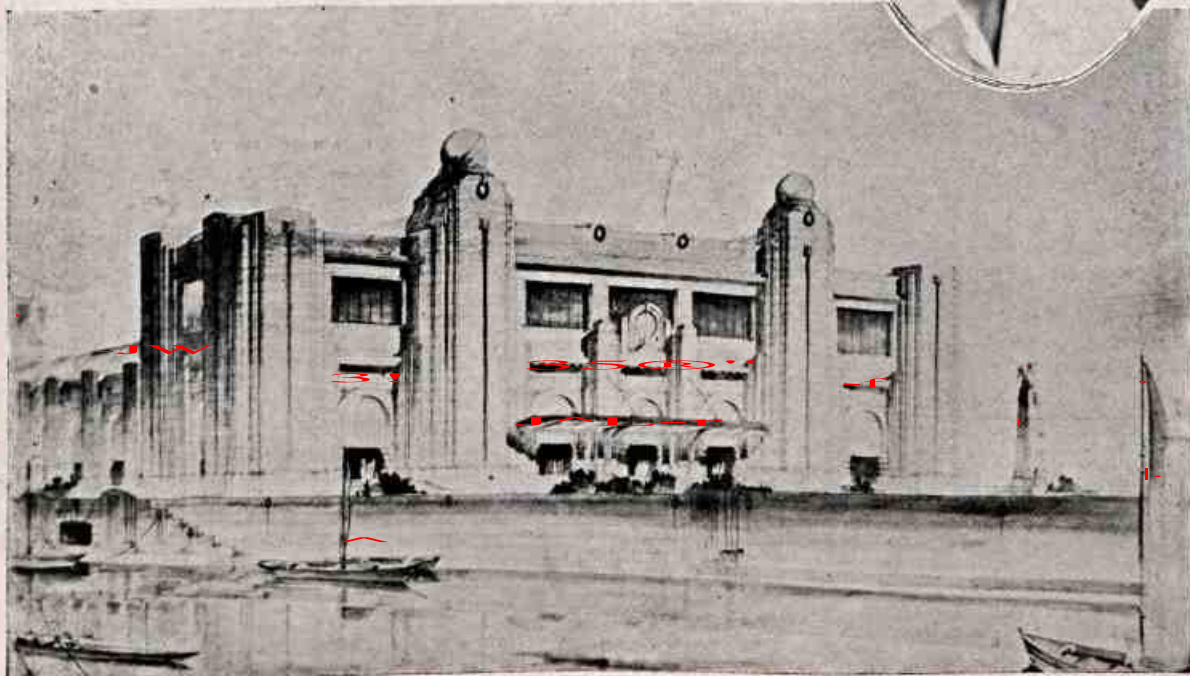
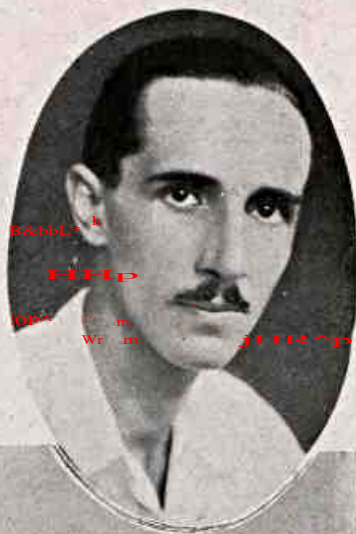
CARLOS Henrique de Oliveira Porto é o novel architecto patricio, que acaba de concluir brilhantemente o seu curso na Escola Nacional de Bellas Artes e foi o primeiro de sua turma, conquistando, por isso, a Grande Medalha de Ouro. «Uma gare maritima» (perspectiva da fachada principal), foi o trabalho que apresentou o joven artista para conquista do premio que tão merecidamente lhe coube.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

MISS... Melindrosa?! "How do you do! Are you well?"... Melindrosa, que passava pela Avenida como um fuso, como uma carrapeta tonta e sem rumo, deu dois passos á retaguarda, num gesto em que havia um mixto de espanto e de defesa.

— Uhê! Olha o "feio" do Esaú bancando o inglez! Que susto me fizeste, querido!

Como mulherzinha e maridinho, sim?... E foi enfiando o bracinho pelo meu, toda "coquette" e gentil. Ella, quando quer, é mesmo de pôr a cabeça da gente a rodar, a rodar, e a pensar em cada tolice que parece coisa do outro mundo!...

E lá nos fomos, os dois, "bras dessus, bras dessous", como um par de pombinhos a turturinar bobagens. Deliciosas e lindas bobagens!

Melindrosa, "decolleté" em triangulo, pela frente e pelas costas, parecia o contrapeso natural e legitimo de mim proprio, da minha respeitavel personalidade, tanto ella se collava, das pernas aos hombros, ao meu patrimonio corporal. Não sei que geitinho especial tem, em geral, toda mulher, para essa "collage" au grand complet". São tão malleaveis, colleantes e collantes as Melindrosas!...

ESAÚ, já estamos na Cinelandia, vamos ao cinema, "mon chatt..." Por que tu és o meu gato, o meu querido gatinho, com esses olhos esverdeados, tão brilhantes e tão... sem vergonha... Como se diz isso em francez, Esaú? Em portuguez não sôa bem — parece um insulto e eu quero é dizer-te coisas bem doces, meu "trouxinha"!

— Ora, Melindre, dize o que te vier á cabeça, em portuguez, em chinez, em grego, em hebraico, ou mesmo em lingua de cafre...

— Esaú, que horror! Como deve ser feia essa lingua!

— Mas, filhinha, não é tão feia...

— E', sim. Parece lingua de almofadinha!...

— Sim. Concordo. Mas, tal é o nome de uma lingua africana, falada pelos negros da Cafraria...

— A gente morre aprendendo, pois não é? Quem diria...

— Que, Melindrosa?

— Nada. Uma doidice que me passou pela cabeça.

Esaú, o mundo está perdido, não está?

— Perdido, o mundo? Não, queridinha, nós é que andamos perdidos no meio delle...

— Tens razão. Eu sempre me lembro, em certas occasiões, sobretudo, daquella tua phrasezinha — mundo, diabo e carne.

O diabo e a carne, é que são o diabo mesmo, não é?

Mas Deus fez a gente assim, — fraca, sempre aberta para a tentação, para...

— Para o amor, Melindrosa, para a vida, para a "fuzarca", querida...

— Então, que viva a "fuzarca", e iamos ao cinema!

ESCUTA. Se nós fossemos ao Phenix? Aquella fita... "Ahhh...te", não, a outra, a que estão exhibindo agora... Ah! "Hygiene do Casamento?!"

A moça de hoje deve saber tudo, conhecer tudo — o que é bom e o que é máo, não achas? Mesmo para poder se defender melhor...

— Não! Estás louca! Que "Hygiene de casamento" que nada! Isso se aprende com a pratica. E, depois, essa fita não póde ser assistida por menores e senhoritas...

— Mas eu passaria por tua mulherzinha... E' um desejo... Uma tentação. Essas coisas prohibidas são as que mais tentam. O tal fructo prohibido bem que existe...

— Se existe! Grande novidade!... Emquanto o mundo fôr mundo e houver mulheres, e houver homens. Até mesmo sem homens...

— Que coisa mais complicada! Quebro a cabeça, ás vezes, e nada comprehendo...

— Um dia tu comprehenderás. Não te affliijas... Mas, vamos ou não vamos ao cinema?

— Sim. Vamos. Vamos ao Rialto.

— Qual a fita do Rialto, sabes?

— Sei. "Homem, mulher... peccado...!" O peccado tenta, não é, Esaú?

— Sim, filhinha — é uma delicia, ás vezes, o peccado...

— Escuta, Esaúzinho: tu não és... anthro... anthropometrico, não, como o Almofadinha?...

— Eu, anthropometrico?! Tens cada uma! Que queres dizer?

— Não gostas de medir as pernas da gente, como elle — o bandido, descarado!

— Ah! Descansa! Socega! Não, meu amorzinho, minha paciencia já não chega para tanto. Sou um homem sem medidas, e sem meias medidas...

— Assim é que eu gosto!

E' Melindrosa beijou-me no meio da rua, alegre e brejeiramente encantadora...

ESAÚ & JACOB.

O tenente-coronel Manoel da Rocha Silveira é um dos mais distinctos e estimados officiaes superiores da Policia Militar do Districto Federal. Por isso mesmo, a 6 do corrente, data do seu natalicio, o digno commandante do C. S. A., daquella corporação, foi festivamente homenageado pelos seus companheiros de farda, amigos e admiradores, que lhe prestaram significativa e carinhosa manifestação de apreço.

O sr. Jorge Damman é um dos vultos mais representativos da importante empresa «Philips S. A. E. Co.», de que s. s. é digno e competente director geral. O sr. Damman, que se encontra actualmente nesta capital, teve festiva recepção, sendo-lhe tributadas muitas homenagens. O illustre director geral da «Philips» veiu estudar a nossa praça e os meios de desenvolver com a mesma as relações commerciaes da sua grande companhia.

REVERBEROS

Não sabemos o que levou Ferencz de Vecsey a escolher S. Paulo, e não o Rio de Janeiro, Buenos Aires ou outra cidade qualquer, para iniciar a sua excursão artistica pela America do Sul. Talvez uma simples conveniencia contractual.

Mas o que sabemos, é que elle talvez não se tenha arrependido disso, apezar de serem tão poucos os seus espectaculos na Paulicéa.

Os paulistas souberam acolhel-o e applaudil-o, não só como um dos mais formidaveis violinistas do universo, mas tambem como um fino compositor. Nem mesmo os preços elevadissimos dos ingressos impediram que o Theatro Sant'Anna, onde Vecsey offereceu as suas audições, se enchesse todas as noites.

Muita gente ainda se lembrava do Vecsey de 20 annos atraz, quando pela primeira vez appareceu na America do Sul. E ouvimos muitos commentarios, de velhos e finos frequentadores de concertos e espectaculos, sobre os progressos feitos de então para cá pelo celebre violinista. Maravilhosa memoria!...

Estamos certos de que o grande artista, desta vez mais do que da primeira, levará de S. Paulo uma impressão muito grata. Porque, por maior que seja alli, por mais festejado que tenha sido nos centros mais refinados do mundo, é-lhe sempre agradavel encontrar novas gentes que lhe saibam avaliar os sentimentos, comprehender-lhe a arte e applaudir-lhe a technica.

E S. Paulo fez isso. Comprehendeu-o, applaudiu-o com calor, com sinceridade, com intensidade.

DAMAS que compõem a directoria da Liga das Senhoras Catholicas, de São Paulo, na cerimonia inaugural do salão de chá daquella associação.

A'S "MISSES DO BRASIL"

Venho trazer tambem ás nossas "Misses"
Palavras ternas, cheias de meiguices:
— Nos certamens da plastica da Grecia,
Quer se trate de Venus ou Lucrecia,
Pouco importa o modelo preferido...
A *Palma* coube a todas, no sentido
De provar em conjuncto a immensa graça
Que possue a Mulher da nossa Raça!...

F. MURAT.

OS novos doutorandos da Faculdade de Medicina de São Paulo após a missa em acção de graças que mandaram celebrar na egreja de São Bento, pela terminação de seu curso.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancias

BALCÃO FLORIDO

Está agitando os arraiaes do sexo forte o torneio de belleza masculina aberto pelo "O Paiz". O acontecimento, como se vê, é sensacional. Infelizmente, o caracter restrictivo do certamen, que visa saber apenas qual o "mais bello carioca", tem dado logar

MLLE. Odila Ortiz Patto, no dia de seu enlace com o sr. Luis Djalma de Siqueira Gramja. Mlle. Odila Ortiz é uma distincta figura da sociedade paulista.

a muitos aborrecimentos. Porque, realmente, o concurso parece só admittir os cariocas natos, eliminando de qualquer competição os adoptivos, os que tambem o sejam pelo coração.

Escriptores, poetas, jornalistas, homens de letras e sem letras — toda uma multidão de gente mais ou menos anthropometrica e photogenica, que concorreria de bom grado a essa prova apollinéana — mal disfarçam o despeito que, intimamente, lhes vae n'alma.

Emfim, *comme il y en a des accommodements même avec le ciel*, ainda se poderia encontrar um remedio capaz de satisfazer áquella condição — naturalizar-se... carioca quem não o fosse, ou requerer ao prefeito as honras de cidadão carioca.

Não fica, porém, ahi, o peor do caracter restrictivo do torneio do "mais bello carioca", para a eleição do respectivo *Mister*. Ha ainda a restricção do limite da idade minima e maxima para os concorrentes — entre 20 e 30 annos.

— Um absurdo! O cumulo dos cumulos! — protesta logo, aqui ao meu lado, um.... carioca de Pernambuco — o poeta do "Suave Enlevo", Bastos Portella.

— Sim. Um concurso sem pé nem cabeça, cheio de restricções simplesmente odiosas — accrescenta outro poeta, — Paula Barros — o cinzelador magnifico de *Muyrakitãs*, tambem carioca do.... Pará.

— Em summa, sendo assim, adeanta o brilhante escriptor Povina Cavalcante, carioca de.... Alagôas — todos nós estamos excluidos — o Portella, o Paula Barros, o Hermes Fontes, o Mario Poppe, o Elcias Lopes, o Martins Capistrano...

— Eu? Eu, não! Estou dentro dos limites da idade exigida — protesta o Capistrano. Vocês sim, maiores de trinta ou de quarenta annos...

— Em compensação, você tambem é carioca do... Ceará, — como eu sou de Sergipe — accrescenta o Hermes Fontes, a meu ver o mais anthropometrico da roda, de que Povina e Capistrano eram os Petronios — os arbitros da elegancia.

— Senhores, esse concurso é uma *blague* e pecca pela sua organização. A mulher perfeitamente anthropometrica é a mulher de vinte a trinta annos como o homem sómente o é depois dos trinta...

— Uma "defesa", Portella?

— Não, creia Capistrano: uma verdade, scientificamente comprovada. E provo, se querem...

— Não, nada de provas. Dispensamos as tuas provas anthropometricas, quando Apollo está presente — rematou o Povina, a abraçar o excelso poeta das "Apotheoses", o nosso querido Hermes Fontes.

SORRINDO...

Oh! E'coute la symphonie:
rien n'est douce comme une agonie
dans la musique indéfinie
qu'exhale un lointain vaporeux.

Escuta, sim, a symphonia de minha alma, de meu coração, do nosso amôr em... agonia. Do nosso amôr ainda de hontem, e hontem ainda tão cheio de fé e de exaltação, e que morre, a pouco e pouco, no canto de cysne de teus beijos tão frios, nos meus labios em febre, que o rio de teu carinho já não contenta. Agua fresca de outras fontes, cantantes e crystallinas, onde a beberem, agora, as nossas boccas cansadas uma da outra?

Ao rythmo da musica indefinida, vaporosa e distante do nosso amôr de hontem, nossas almas vão marchando sempre... *vers l'amour*, para um novo amor...

— Mas, tu choras? Queridinha, tu me amarás ainda? Não seccou, então, o rio do teu carinho, feito de beijos e de doçura?

— Não. Não seccou. Não seccará nunca. Tenho porém, ciume de ti e, para vingar-me, digo, exaltada que não te amo mais, que tudo está acabado, mas para recomeçar o nosso sonho...

— Tambem eu, para ferir-te e magoar-te, mostro-me indifferente e cruel quando dizes que já não me queres...

— Meu amôr!

— Adorada!

E um beijo cantante, prolongado, continuou a fazer vibrar a symphonia, por um minuto interrompida, do nosso amôr...

ESTRELLAS CADENTES

— E' como te digo, meu caro. Um encanto de mulher, uma creatura excepcional. Isso, dito por mim — o *blasé* que sempre conheceste, o homem que sempre considerou as mulheres uma especie de necessidade forçada da vida, ha de causar estranheza. Mas, sou franco e sincero, agora, que penso assim, abrindo essa excepção a que, possivelmente, se hão de seguir outras mais, como o fui quando não sabia comprehender a mulher e achar graça e encanto mesmo nos seus pequenos defeitos...

— Em uma palavra: estás apaixonado de verdade, desta vez. E o coração, teu coração operou o milagre dessa transformação, dessa mudança brusca de idéas, de sentimentos, de modo de *juger les femmes*. Acredita, até ahi nada vejo demais. Casos como o teu occorrem todos os dias. Encontraste a tua Pureza, a tua Perfeição...

— Enganas-te. Não me comprehendeste ainda. Explico-me: a mulher a quem amo, agora, a primeira realmente que me fez cantar no coração o rythmo forte, exaltado e magnifico do amôr, é uma creatura deliciosamente cheia de defeitos...

— Como?...

— Sim, cheia de defeitos. Mas, ao contrario das outras, tem a franqueza de reconhecel-os, o que ella faz de um modo encantador. Estudei-a, a principio cautelosamete, depois com interesse, depois com amôr e, hoje, através dos defeitos della, é que cheguei á conclusão de que a mulher sem defeitos ou que apparenta não os ter é um caso para exame clinico, para observação de laboratorio.

— Extravagante a tua theoria, meu caro. Emfim, em que te baseias, em que te fundamentas, e qual, de facto, a particularidade emotiva da tua paixão?

— Calcula. Encontrei-a, um dia, num dos nossos clubs. Seus olhos, claros e bons, pareciam derramar pureza em cima da gente. Para um *blasé* a aventura tentava. E aquella "Miss Innocencia" com alguma cousa de menina e moça, de flôr sylvestre e fruta do matto, de mulher que não era bem mulher, sacudiu-me os nervos e dei inicio ao assalto, que se me antolhava difficilimo.

A's primeiras palavras que trocámos, qual não foi o meu espanto! Ella, calma e singelamente, foi-me dizendo, em resposta aos meus galanteios:

— Conheço-o bastante, doutor. E creia que nunca me foi indifferente. Confesso mesmo — amo-o, ha muito tempo. Sabia-o, porém, um *blasé* e não quiz perder o meu tempo... tentando-o. Esperei, confiantemente, que o senhor fôsse tentado e viesse, como veiu, para ficar, para me amar, unica e exclusivamente a mim, apezar dos meus defeitos, defeitos de que me orgulho, como mulher, e que são o meu maior encanto. Sou futil, não raro; leviana tambem, sem me compromettêr; sei mentir quando é preciso — o que acontece muitas vezes; — tenho ludibriado a muitos homens, para só ser franca, leal e sincera com o eleito de meu coração... E, esse, já sabe quem é. Desculpe a franqueza, pense, reflicta, estude-me, frequente a minha casa, sem compromissos e, depois, resolva...

— E resolvi, meu amigo. Estou noivo ha cinco dias, caso-me d'aqui a um mez, e sou feliz, felicissimo. Eva é uma delicia, um encanto quando sabe ser mulher ás direitas...

— E Adão, sempre o eterno pae Adão...

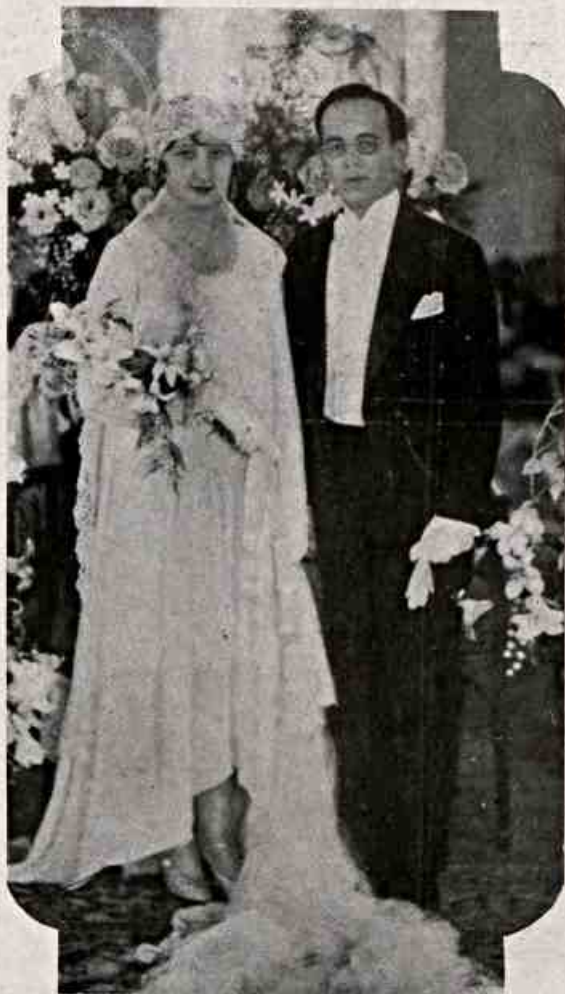
ANJOS DA CARIDADE

A alma e o coração da Terra Carioca, da sua gente tão sensivel ao alheio soffrimento, estão sempre preparados para as grandes, fecundas e generosas sementeiras do Bem. E as obras de caridade, as instituições de beneficencia, os asylos de amparo e assistencia aos necessitados estão ahi, a positivar, de modo concreto e magnifico, o que representa, entre nós, esse admiravel e persistente trabalho do coração infinitamente bom da população desta capital.

Entre essas instituições, que tanto nos orgulham e desvanecem, avulta, dia a dia mais, *A Obra Luiza de Marillac*, recentemente fundada por um desses Anjos da Caridade, que é a Irmã Philomena, da Congregação das Filhas de São Vicente de Paula, e que ella mesma dirige, auxiliada por um grupo de moças da sociedade carioca — um lindo e encantador conjuncto de corações, cheios de bondade e de fé, a vibrar, em unisono, sob o mesmo rythmo de profunda e tocante generosidade.

E' em beneficio da *Obra Luiza de Marillac* — que funcciona na Casa da Providencia, á rua Pereira da Silva, 93 — que se realizará, amanhã, 28, um festival de caridade, organizado pela abnegada Irmã Philomena e suas distinctas e encantadoras auxiliares.

Com uma finalidade tão nobre quão elevada — a de soccorrer os pobres do lindo bairro de Laranjeiras, dando-lhes, proporcionando-lhes assistencia material e espiritual, a *Obra Luiza de Marillac* deve ser incluida entre as mais fecundas missões de ordem social da terra carioca. Merece, assim, o apoio e o amparo do nosso publico, da nossa sociedade que, certo, se fará representar dignamente na festa alli a realizar-se amanhã.

FON-FON lá estará tambem. FON-FON e o coração dos que o trabalham...

MLLE. Helena Rangel e o dr. José Ossian de Aguiar, que ha pouco se casaram no Ceará, constituindo o seu enlace uma nota social de grande relevo na cidade de Sobral, onde reside o joven casal.

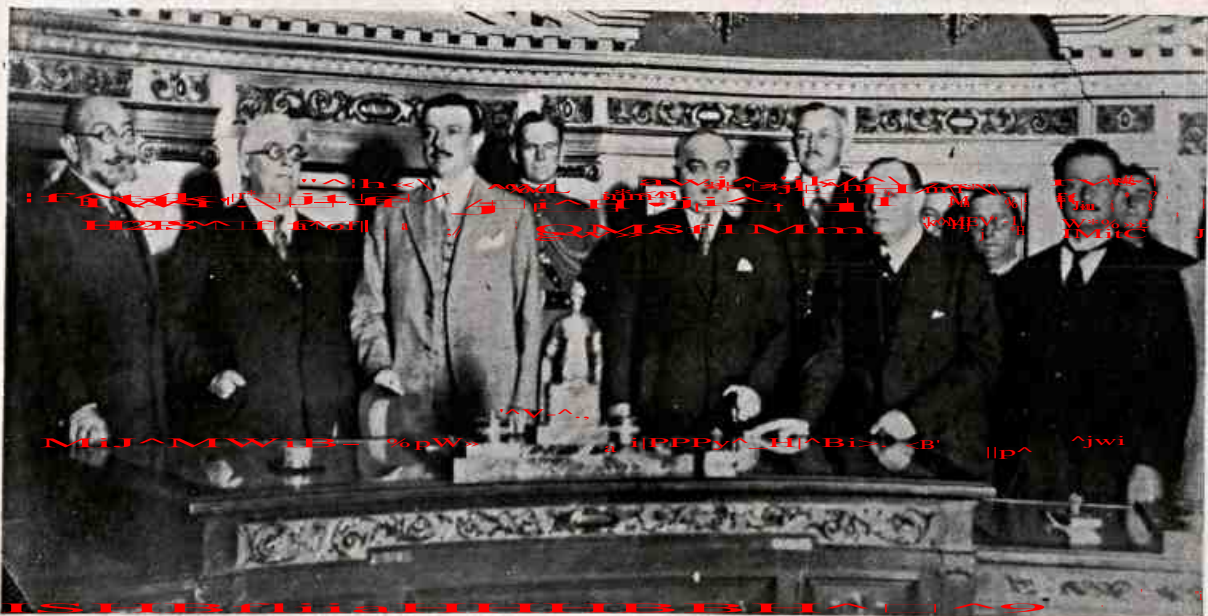
A colonia italiana inaugurou, domingo, solennemente, uma nova sociedade sportiva, a que deu o nome sonoro de «Dopolavoro», e que ficou installada numa séde magnifica, á praia de Botafogo.

. . .

As pessoas ditosas considerarão sempre sua ventura como um acerto, e os especuladores pouco delicados, seus embustes como simples habilidades. = H. Rabusson.

216. A' festa inaugural do «Dopolavoro» compareceram o sr. embaixador da Italia, o núncio apostolico, o consul italiano e outras figuras representativas da colonia.

. . .

Nenhum triumpho se logra sem esforço e, algumas vezes, aquelles que parecem impossiveis são alcançados quando é a perseverança a arma que se esgrime.

O sr. presidente Julio Prestes visitando o novo Palacio da Justiça de São Paulo.

Dois flagrantes da cerimonia da bençam do novo recinto do Tribunal do Jury, em São Paulo.

GOTTAS ESPIRITUAES

O amor domina a propria justiça, e é proprio da ternura consagrar-se ao ente amado, sacrificar-se voluntariamente por elle. O irmão não diz ao irmão: "Dá-me tua vida". Dá-lhe a sua. — LAMENNAIS.

Uma mulher sabe bem se é ainda amada pela maneira com que é olhada. E ninguem póde negal-o: a ternura está nos olhos. — H. BORDEAUX.

Não amamos realmente senão aquelles que nos têm feito soffrer. — P. DE COULEVAIN.

O deputado Geraldo Vianna mandou celebrar, na egreja da Candelaria, missa em acção de graças pelo restabelecimento de D. Benedicto de Souza, bispo do Espirito Santo.

A FAMA

Se os homens de valor que buscam a gloria conhecessem individualmente todos aquelles que compõem esse publico cuja estima desejam, desenganar-se-iam e abandonariam a empreza. Mas nosso espirito é feito de tal modo, que não póde subtrahir-se ao poder que o numero exerce sobre a imaginação. — De LEOPARDI.

REVERBEROS

Frank Smit declarou, e via-se nas suas palavras muita sinceridade, que se admirára ao notar tamanho pendor para o piano, entre os paulistas.

Em S. Paulo ja se formaram, e estão se formando ainda, grandes pianistas. Seria inutil citar exemplos, quando não ha quem desconheça, aqui e lá fóra, os nossos grandes artistas, como Antonietta Rudge Miller, Tagliaferro e Guiomar Novaes, para só falar das figuras femininas.

Não se deve, portanto, estranhar que da capital paulista sáia alguma novidade nessa parte da arte. E a novidade — parece-nos ao menos — é a orchestra pianistica, que passou pelo theatro Municipal daquella cidade.

A orchestra pianistica é uma orchestra de pianos apenas. Doze pianos e vinte e quatro pianistas, sob a batuta do maestro J. Seppe.

A impressão que despertou essa novidade, é formidavel. O Rio certamente a irá conhecer tambem, e poderá então ajuizar bem do seu valor.

PEDIR

Pensa, quando pedires uma cousa, se a desejas sufficientemente para que te seja grata ainda aos olhos quando te fôr concedida. Tudo chega; mas o que pedímos ás dez da manhã, acontece-nos ser, ás vezes, indifferente, ás cinco da tarde. — AMADO NERVO.

POR motivo do anniversario natalicio do coronel Maximino Barreto, commandante do Corpo de Bombeiros, foi rezada uma missa em acção de graças, na egreja de São Jorge.

O MEDICAMENTO MAIS EFFICAZ PARA COMBATER E EVITAR TODAS AS MOLESTIAS DE UTERO E OVARIOS, COLICAS UTERINAS, MENSTRUAÇÕES EXAGERADAS, FALTA DE REGRAS, HEMORRHAGIAS DURANTE A MENSTRUAÇÃO, CORRIMENTOS, CATHARROS UTERINOS ETC.

O ELIXIR DAS DAMAS É UM AGENTE THERAPEUTICO DE UMA ACÇÃO ENERGICA E SEGURA, ACTUANDO TAMBEM SOBRE OS INTESTINOS REGULARISANDO SUAS FUNCÇÕES.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

UNICOS DESTRIBUIDORES:
MARTINS LIBERATO & C.
RUA SENHOR DOS PASSOS 8, RIO DE JANEIRO.

Chega a Estação de Inverno e com ella todas as Elegantes

O cabelleireiro

A. FADIGAS

Dispõe, para attendel-as, dos mais habilitados profissionaes.

. . .

Corte, ondulação de qualquer natureza, tinturas, manicures.

. . .

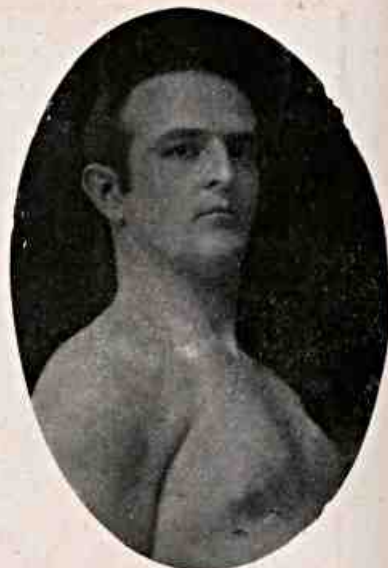
RUA GONÇALVES DIAS 16 - 1° ANDAR

TELEPHONE CENTRAL 4184

NÃO TEM FILIAES

NERY Nascimento, recentemente diplomado pelo Instituto Dermo-Capillar Brasileiro, onde fez um curso em que revelou apreciaveis qualidades de intelligencia.

. . .

FELIPPE de Lima é um nome largamente conhecido e estimado na imprensa, pela sua actividade e pelo seu espirito operoso e affavel de habil propagandista. No proximo dia 1.º de maio, Felippe de Lima, que foi, durante muitos annos, o director da publicidade do «Correio da Manhã» e está, presentemente, dirigindo a mesma secção no «Dia Carioca», vae receber uma homenagem dos seus auxiliares e amigos, por motivo da passagem de sua data natalicia.

MAJOR dr. Frederico Bordini, campeão riograndense de tiro, de natação, lucta romana e box. Ex-commandante do Tiro de Guerra 318, de Porto Alegre, e fazendeiro em Quarahy.

. . .

VESTI VOSSOS FILHOS NO

PARAIZO DAS CRIANÇAS

Casa especial em roupas para crianças

Marinheiro Americano

Encontrareis por preços modicos o maior e melhor sortimento de artigos para o ***FRIO***

134, RUA 7 DE SETEMBRO

TEL. C. 1231 — RIO DE JANEIRO

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO, 118
Telephone 3957 Villa

DIARIAS DESDE 15$000

Sonhos do Haschich

NÓS entramos no Palacio de nosso Amor, silenciosos e recolhidos, como si caminhassemos nas lages sonoras de um templo antigo, recesso do mysterio do que foi, cujo ambiente guardasse ainda o som distante das preces extinctas...

Altas abobodas serenas e profundas, e sobre a eternidade da pedra uma orgia de detalhes delicados. A chamma das velas é oscillante e fragil, porém a lampada do santuario, rubra como um coração sangrando, jamais cessou de illuminar a suave penumbra do templo maravilhoso.

A luz do sol quasi não entra pelas altas janellas ogivaes, semi-cerradas pela hera que enguirlanda os rebordos do telhado e cobre com o manto do passado os muros espessos e altivos. Mas sobre a monotonia verde escuro das folhas, as parasitas desabrocham a alegria capprichosa de suas petalas veludosas...

E na grande nave recolhida e erma, a paz se estende como uma benção eterna sobre o balbucio das preces millenares.

Porque uma quietude infinita adormece todas as coisas, os nossos passos resoaram num éco profundo, de insondaveis vibrações...

Nós entramos no Palacio de nosso Amor, silenciosos e recolhidos. E, de joelhos deante da lampada rubra como um coração sangrando, ficamos esquecidos do Tempo e da Vida...

PETITE-SOURCE

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

O EUCALOL é o sabonete
Usado na "Toilette"
Por gente chic, do tom,
Porque em preço, em qualidade,
Em pureza, e, suavidade,
Nenhum, em summa, é tão bom!

CHRISTOVAM CUNHA.
(sem endereço)

VARINHA DE CONDÃO

MEIAS E LUVAS — A moda hoje em dia não despreza nenhum detalhe da "toilette". Apparentemente simples em sua linha geral, ella cuida minuciosamente de todos os accessorios, e entre estes, as meias e as luvas occupam logar preponderante.

Tempo houve em que as luvas eram pouco usadas, porém actualmente ellas reconquistaram sua voga, mesmo para a noite, e temos visto bellas creações muito estudadas como tudo quanto diz respeito á moda feminina de agora.

A luva para o dia traz sempre um punho mais ou menos bordado, incrustado ou recortado, conforme se vê nos dois lindos modelos que damos (Fig. 1 e 2).

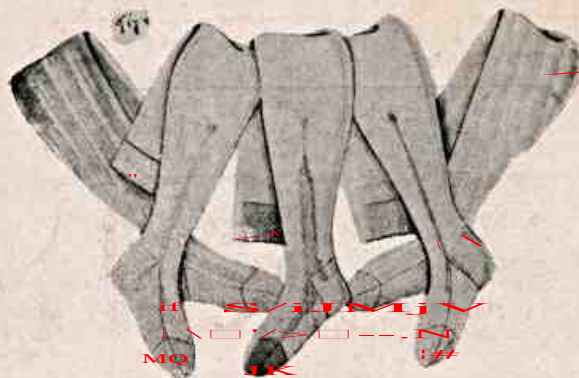



Fig. 5

As nuanças das luvas combinam muitas vezes com as das meias, o que é dizer que naquellas tambem os tons neutros predominam.

As luvas negras, chumbo ou marrons, agradam para as "toilettes" escuras, mas nellas, a linha sombria deve ser cortada pelos punhos bordados de côr de cereja, de branco ou até de fios doirados. São muito elegantes as luvas que trazem o reverso dos punhos forrados de camurça clara.

As luvas para a noite se fazem raramente de um só tom. No geral, são alongadas até ao cotovello, e ornadas com muita fantasia, por "à jours" recórtes, incrustações de strass ou paillettés, o que lhes dá um refinamento de luxo, condizente com as "toilettes" de baile. (Fig. 3 e 4)

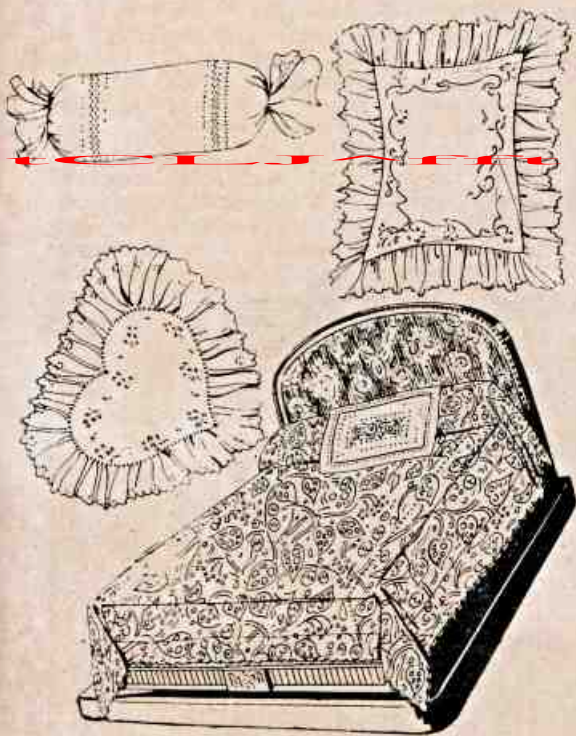
Quanto ás meias, as mais bonitas são sempre as mais simples e as mais finas. Para a tarde e a noite as meias continuam lisas, porém a variedade das meias esportivas é numerosa. As meias de sport e excursão exigem mais polidez, mas nem por isso abandona a mulher elegante sua faceirice quanto a ellas. Têm actualmente uma nota de grande novidade com suas linhas geometricas desenhadas por "à jours" bem marcados. (Fig. 5)

Fig. 6 7 e 8

Em relação ás côres, os tons neutros, acinzentados ou beiges são preferidos para o dia. Para a noite, as meias côr de carne ou rosa amarellado, assim como as varias tonalidades do "champagne" e do cinza prateado conservam á "toilette" uma grande elegancia.

ECHARPES — A moda este anno tem trazido graciosos complementos para os vestidos de *soirée*; temos visto mantilhas de "georgette" completamente bordadas de leves placas argenteas ou doiradas que fazem um lindo effeito de escamas. Sobre os vestidos de renda branca ou prateada, um gracioso man-

telete de renda negra dá um encanto novo ao conjuncto da "toilette".

Porém mais faceis de executar e dizendo melhor com qualquer "toilette", principalmente quando estas são de estylo menos sumptuoso, parecem-nos estas echarpes de georgette com applicações da mesma fazenda do vestido, ou de tecido e côr que com ella combine. A (Fig. 6) mostra um amplo lenço de georgette branca com applicações de velludo tambem branco, debruado com um delicado bordado de perolas; o decote é talhado em uma das pontas e preso no vestido, na frente, por meio de um broche. Ficara

Figs. 9, 10 e 11

lindo e vaporoso sobre um vestido de crepe setim branco.

O da (Fig. 7) é de gaze chiffon e de veludo côr de pecego. As flores são applicadas em toda a volta do quadrado, e duas das pontas recaem, velando graciosamente os braços. Esse modelo dara um grande encanto a uma "toilette" rosa ou creme, de gaze ou de tulle.

Emfim, (Fig. 8) nos mostra uma mantilha de georgette gris ornada por tres grandes flores de setim negro, que recae de um modo irregular e original sobre um vestido de poilleté ou de vidrilhos. Devido ao talhe do decote ser de um lado, um dos braços fica velado, emquanto que o outro muito alvo em sua nudez. O conjuncto é de grande "chic" e requintada faceirice.

ROUPAS DE CAMA — O estylo moderno de mobiliario condemna as pesadas cortinas, os doceis sumptuosos que cercavam os leitos de nossas avós. Reservatorio de microbios, ninhos de pó, as fazendas espessas foram substituidas por tecidos transparentes e vaporosos que não interceptam nem o ar nem a luz, e são mais faceis para a limpeza. Porém ainda de preferencia as camas são baixas, de estylo turco, muito simples, fingindo ás vezes amplos divans e não comportam cortina alguma.

Quanto ás roupas de cama, conhecem os lençoes modernos a finura dos mais lindos ornamentos. Os jogos mais luxuosos são de puro linho, guarnecidos de "a jours" a mão, de bordados Colbert, de rendas de ponto de Paris ou de Milão. Porém muitas vezes o linho é substituido pelo baptista ou o crêpe da China, que a moda escolhe de côres suaves, principalmente rosa com applicações da mesma fazenda de "nuanças" differentes formando caprichosas "guirlandas" de flores modernas ou desenhos geometricos enquadrados por a "jours" de mão, que realçam a discreta harmonia de seus "doble-tons". (Fig. 9).

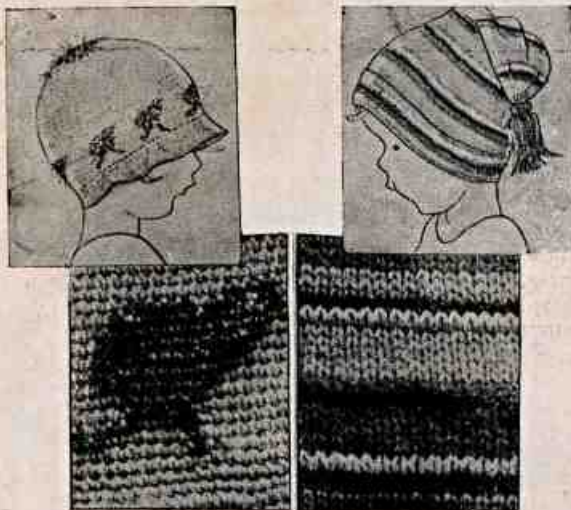
As fronhas são sempre condizentes com os lençóes e outras vezes combinam tambem com a colcha, formando uma guarnição de luxo.

O rolo está em moda; elle serve de apoio á chusma de graciosas almofadas (Fig. 10) acompridadas, redondas e em quadro, vestidas de lindas fronhas rendadas ou bordadas, que ás vezes substitue nos leitos modernos os dois almofadões mais monotonos e rigidos.

Para as colchas, sedas maravilhosas tem sido creadas; são tecidos brocados e lindos gorgurões de fantasia. A que se vê na (Fig. 11) é de veludo cizelado Velvélios, com bellos desenhos de veludo em relevo, sobre um fino tecido de crêpe da china.

Para mamães habilidosas — Agora, com a entrada do inverno, nada mais gracioso e pratico para as sahidas de Baby, do que um gorrinho de lã completando a "toilette" de jersey ou de ponto de malha. E as mamães habilidosas gostarão de passar algumas horas fazendo "crochet" ou "tricot", nos longos serões das noites friorentas, emquanto os filhinhos dormem.

A (Fig. 12) é um lindo bonézinho de lã branca, feito de uma só peça, conforme se vê no detalhe; tem no cimo uma interessante argolinha que póde ser substituida por um "pon-pon".

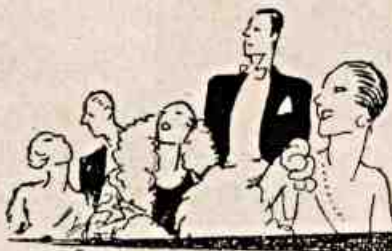
A (Fig. 13) é um chapelete que irá ás mil maravilhas no perfil petulante de alguma taravessa garotinha. O detalhe mostra um dos pintinhos que disparam, sem nunca se alcançarem uns aos outros, em redor da copa. Esse chapéuzinho poderá ser executado com lã azul, sendo os pintinhos côr de gemma, como é natural.

Figs. 12 e 13

Na (Fig. 14), emfim, vê-se um gorrinho de borla, feito de lã rosa ou beige, com carreiras de côres alegres e variadas; este modelo facil de ser executado, tem, além do mais a vantagem de offerecer opportunidade para que as mamães economicas aproveitem as sobras das lãs que serviram para a confecção dos sapatinhos do benjamin.

Fig. 14

UMA SUGGESTÃO — Lemos ha dias em uma das melhores revistas femininas norte-americanas, um artigo aconselhando aos leitores que nas pequenas reuniões familiares, quando a conversa ou o bridge não fôr capaz de distrahir os presentes, lembrem-se elles dos jogos de sala.

Si, da terra dos requintes futuristas, nos vem semelhantes suggestão, ninguem nos poderá taxar de antiquada si aqui externamos uma idéa que sempre foi nossa. Lastimamos que das reuniões de moças e rapazes, tenham sido banidos os graciosos passatempos que tanto deleitavam nossos avós; estes poderiam ter sido modernizados, transformados, porém não quasi completamente abandonados como o foram, para serem substituidos pela mania exclusiva da dança.

Não se conversa, não se brinca.... dança-se. Não se mostra o brilho da intelligencia, a graça do espirito, o encanto das attitudes, porém a agilidade das pernas.... Não somos inimiga da dança; pelo contrario, muito a apreciamos.... somos, sim, avessa a quiaquer exclusivismo, e desejariamos que depois de se terem salientado as moças e rapazes mais bonitos e mais interessantes physicamente, tivessem os outros, os intelligentes e espirituosos, sua occasião de desforra.

Procuraremos, uma vez ou outra, em meio á multiplicidade de assumptos de que tratamos nesta pagina, recordar ou ensinar alguns desses jogos, de sala.

Um dos mais conhecidos, porém dos mais divertidos é sem duvida o dos proverbios. Retirada uma pessoa da sala, os demais escolhem um proverbio ou dito popular, como seja: "*Quem o alheio veste na praça o despe.*" Combinado o proverbio, o ausente, que é quem o vae adivinhar, é chamado á scena, e interroga, um dos que estão no segredo, a começar indifferentemente por um ou por outro, porém devendo, a seguir, acompanhar a ordem em que estão sentados. A pergunta que faz é sobre qualquer assumpto; exemplo: "Gosta de dançar, senhorita?" Porem quem responde é obrigado a fazel-o sem se estender muito, e a encaixar na sua resposta a palavra do proverbio que lhe cabe, não devendo esquecer nem um artigo, não empregando cada pessoa mais do que uma palavra, não modificando a ordem dellas, e mantendo sempre os verbos no mesmo tempo e pessoa, e os adjectivos, com o mesmo genero e numero. Exemplo: "Gosto, sim, pois a *quem* poderá a dança não agradar?"

Quando a palavra é difficil de encaixar, como por exemplo, no dictado acima, o termo *praça*, torna-se mister grande habilidade na pessoa que responde afim de não dar a perceber que essa palavra pertence ao proverbio por sua collocação forçada. A essas palavras difficeis chamam "pedras", e quem dá a "pedra" e é causa do que adivinha comprehender qual é o proverbio, retira-se por sua vez, para vir adivinhar depois de escolhida nova maxima.

Si alguem fizer tantas perguntas quantas palavras tiver o proverbio, sem o descobrir, avisa-se que este terminou, e se offerece a essa pessoa ensejo de recomeçar, principiando porém a série de perguntas por outro dos circumstantes, de modo a que as mesmas palavras não recaiam sobre as mesmas pessoas.

Facil é comprehender a franca alegria que esse jogo desperta, o esforço intellectual que xige, as respostas engraçadas que provoca...

UMA IDÉA NOVA — Uma idéa nova e original para "manteaux" de pelle é essa que damos na (Fig. 5) e que consiste em ser a pelle applicada nos punhos ao envez de em larga banda lisa e inteiriça, em varias tiras finas, deixando um espaço entre ellas. Ao cahir o braço, essas tiras se juntam e dão

Fig. 15

a impressão de uma barra só, deixando entretanto á linha da manga a sua leveza, e permittindo o córte caprichoso, em feitio de balão que dá graça aos punhos. Esse modo de applicar pelles é aconselhavel, sobretudo quando se trata de um "manteaux" de seda, ou de veludo de seda.

Tambem vimos em modelos sahidos de grandes casas francezas, o capricho de uma pelle de raposa, estreita e fina, enrolada em torno do cotovello, em quanto o pulso se mantém despido de pelle.

CINDERELLA.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

CULPAS DE AMOR

DA UNITED

Cinema CAPITOLIO — Confessamos, sinceramente, que, em genero perversidade, ainda não vimos trabalho mais claro e evidente. E quando dizemos *perversidade* não nos queremos referir ao valor moral do film, mas á intenção dos mentores da United no que respeita ao seu procedimento com Lily Damita. Devemos, porém, antes de mais, accentuar que se o sr. Samuel Goldwyn e os seus representantes no Rio tiveram a intenção de, com esta pellicula, destruir a estima, a admiração do publico carioca por Damita, estão redondamente enganados. Não só em trabalhos já apresentados, como n'aquelles que em breve estarão na téla, a eminente "estrella" franceza conquistou, dominou e ha de conquistar e dominar as nossas platéas. Este seu primeiro film americano apresentado nas télas cariocas é simplesmente detestavel. Não queremos tirar conclusões, mas a impressão que tivemos, a que teve o pouco, reduzido publico que á sua exhibição assistiu, é de que houve o proposito muito condemnavel de amesquinhar a encantadora artista que, na Europa, amesquinha muita "estrella" fertil dos *studios* americanos. O enredo d'esta pellicula, além de isento de originalidade, é simplesmente idiota, em sua nervura sentimental; falto sensivelmente de sequencia, inverosimil em excesso. A sua interpretação, afóra Ronald Colman, n'um trabalho soffrivel, está fóra de toda a critica. Lily Damita apparece-nos em tres ou quatro *poses* de busto, mas no resto, até esse desastrado final, é um trabalho em que a direcção parece ter timbrado em amesquinhar a encantadora "estrella". Para que se não argumente com uma supposta parcialidade, resalva-

MODO DE LIVRAR-SE DUMA MÁ EPIDERME

(Do "Woman's Realm")

É uma asneira tentar-se cobrir a côr melancolica do rosto, quando se póde fazel-a desapparecer ou reformal-a.

O "rouge" ou outras substancias semelhantes applicadas numa pelle morena, só servem para fazer mais visivel o defeito. O melhor meio é applicar cera pura mercolized (em inglez) pure mercolized wax — do mesmo modo que se usa o cold cream — applicando-se á noite e lavando-se o rosto pela manhã com agua quente e sabão, depois com um pouco de agua fria.

O resultado de poucas applicações é simplesmente maravilhoso, a parte amortecida é absorvida pela cêra, paulatinamente, e sem dôr, em partes imperceptiveis, surgindo a pelle formosa e branca, que antes se achava enclausurada em baixo. Nenhuma mulher terá uma cutis pallida, arroxeada, com sardas, etc., si adquire numa pharmacia um pouco de bôa pure mercolized wax applicando-a como ficou aconselhado.

UM REMEDIO EFFICAZ CONTRA O PELLO

São muitas as damas que sabem como proceder para conseguir uma temporaria desapparição dos pellos que as enfeia. Mas, em compensação, poucas são as que conhecem o remedio que produz resultados definitivos. Este remedio é o porlac puro, pulverizado, substancia que é facil achar em todas as pharmacias. O porlac é applicado directamente ás partes affectadas pelos pellos. Esse tratamento não só provoca a sua instantanea desapparição, como tambem impede o seu reapparecimento, dado que em um tempo relativamente curto, produz a morte e a quéda das raizes pilosas.

3 perfumes differentes, um delles é

Ipoméa

Si lhe agradar o fino perfume IPOMÉA, que dá nome ao sabonete Olivan Nº 1, lembre-se que existem ainda os dois deliciosos perfumes do Olivan Nº 2: AZALÉA, e do Olivan Nº 3: GLYCINIA.

Pelo perfume e pela qualidade — a Senhora ha de gostar dos famosos

SABONETES OLIVAN

PROTEGER A PELLE
É PROTEGER A VIDA.

LABORATORIO
OLIVEIRA JUNIOR

RUA 2 DE DEZEMBRO, 77
RIO DE JANEIRO.

NOS CINEMAS DA AVENIDA —— (Continuação)

mos n'este desastre o trabalho photographico, que é bom.

Cotação — MENOS QUE SOFFRIVEL

O HOMEM QUE RI

DA UNIVERSAL

Cinema PATHÉ-PALACE — Em adaptações de grandes romances á vida das télas, tem a Universal marcado triumphos absolutamente justos. *O homem que ri* é mais um, embora não seja dos melhores, pela razão abaixo apontada. O que primeiro emociona n'esta pellicula é o trabalho de Conrad Veidt. Não diremos comtudo que seja o que mais agrada ao publico. Esse é, sem receio de errar, o de Mary Philbin, na cega Déa. Conrad dá ao seu difficilimo typo uma interpretação real, isto é, uma interpretação justa, e até por vezes superior á que todos nós temos da personagem ideada por Hugo. E essa realização é tanto mais difficil quanto o caracteristico fundamental da figura, o seu *facies*, não permitte grandes modalidades expressivas, obrigando o artista a grandes dispendio de energia para lhe incutir as modificações que a acção exige. Em todo o caso, é um bello trabalho que consagraria o artista, se elle não o estivesse já desde o *Estudante de Praga*. Agora cabe aqui dizer dos motivos que nos levaram a affirmar que esta pellicula não é precisamente a maior dentre as que ella arrancou ao romance. E esse motivo é a pobreza da ensecenação. Não fechemos os olhos á grande montagem interna, a feira, o ajuntamento popular na fuga de Gwynplaine, as scenas do theatro popular. Mas o ambiente da côrte e da camara dos *lords* é extremamente pobre, destôa da grandeza geral e é uma irregularidade historica. Mais um pouco de despesa, e seria um dos maiores assombros de montagem cinematographica. Este pequeno senão, comtudo, não diminue em muito o valor da pellicula que é um trabalho que honra a arte expressão em que ella póde e deve ser tomada.

Cotação — BOM

CAVALLEIROS INVICTOS

DA METRO

Cinema GLORIA — Ao chegarmos ao fim d'este film, a nossa impressão não é de desalento, nem de antipathia. O enredo, cheio de espirito romantico, como convinha ao tempo em que se desenrola a acção, é agradavelmente acceite pelo publico, que quasi lhe não nota as deficiencias da direcção, que teve uns cochilos muito para admirar. Tim Mc Coy e Dorothy Sebastian têm os primeiros papeis; não se dirá que tenham os primeiros trabalhos, pois não saem d'uma clara mediocridade, como aliás todo o film em conjuncto d'ahi não sáe. A pellicula, porque roda em torno de factos historicos americanos, apezar de muito batido na téla, deve ter interessado o publico do seu paiz de origem. Entre nós, esse caracter não produz effeito.

Cotação — SOFFRIVEL

MENDIGOS DA VIDA

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — O film foi dirigido com uns pruridos de realismo, mas ficou n'esses pruridos. O peso de futilidade que esmaga o film norte-americano não lhe permitte sair d'essa futilidade, mesmo quando deseja focar aspectos reaes da vida, como n'esta pellicula, que se subordina mais á fantasia imaginosa do que á realidade dos acontecimentos. Não se discute — nem vale a pena discutir — o valor technico d'estas

pelliculas, tanto esse valor tecnnico se tornou nos *studios* norte-americanos uma circumstancia banal. O que se procura é alguma cousa mais do que o uso de recursos mecanicos. Procura-se talento e vida. E esses, infelizmente não se encontram alli. E é pena, porque com artistas Como Wallace Beery era possivel realizarem-se obras de arte filmesca, no sentido verdadeiro do termo. Ao fim d'esta pellicula a alma fica-nos vasia. A impressão é nulla.

COMO FICARÃO ATTRACTIVOS OS SEUS MOVEIS

Com uma mão de Lustro «CHI-NAMEL» de côr, seus moveis velhos terão, outra vez, a linda apparencia de antes.

Basta uma facil e rapida applicação. Qualquer pessoa, por mais inexperiente que seja, obtem os melhores resultados.

O Lustro «CHI-NAMEL» de côr, é fino para moveis e resistente para assoalhos. Nivela-se por si mesmo. A' prova de agua quente. Economico pelo seu grande rendimento.

Si tem algum movel de apparencia velha, experimente nosso Lustro «CHI-NAMEL» de côr, e se convencerá, por experiencia propria, dos seus bons resultados.

A' venda em todas as casas de louças, ferragens, tintas e automoveis, etc.

Fabricado pela The Ohio Varnish Co. Cleveland, O — E. U. A.

O Resgate de Doggy

Na primeira vez que nos encontramos, deu-me uma dentada. Não me senti, por isso, attrahido para elle, nem creio que experimentasse sentimento algum por mim.

Mas eu era moço e estava muito apaixonado por sua linda dona, de modo que dissimulei meu resentimento.

— Lindo cachorrinho! — exclamei, e estendi a mão para acarícial-o, olhando Muriel de soslaio para assegurar-me de que me via, — lindo e bom Doggy!...

O *lindo e bom Doggy* ferrou-me os dentes na mão numa nova dentada. Dei-lhe um safanão.

Tomou-o immediatamente Muriel entre os braços, aproximando-o carinhosamente das faces aveludadas.

— Que acção indigna! — exclamou encolerizada. — Bem sabe como é doloroso... bater-lhe assim, quando apenas acabo de encontral-o! Você não é o homem que eu pensava, Howard..., havia-me dito que era tambem amigo dos cachorros...

Desde que se encontrou no refugio seguro dos braços de Muriel, Doggy aproveitou para insultar-me em sua linguagem, ladrando-me cada vez mais.

— Gosto dos cães — disse eu — mas não deste horrivel cannibal... Além disso, não o conheço, pois como falou, acaba de encontral-o; durante todo o tempo que nos conhecemos, não nos molestou com a sua presença.

Os labios vermelhos de minha adorada se crisparam numa expressão de desgosto, seus olhos, geralmente suaves e doces, estavam agora semicerrados pelo desprezo. Encolheu os brancos hombros num movimento de reprovação.

— E' uma verdadeira sorte que tal se tenha passado. Depois conheço-o ha muito pouco tempo, e creio que precipitamos demasiado as cousas compromettendo-nos.

— Quer com isto dizer — perguntei fóra de mim — que lamenta o nosso compromisso?

— Nunca poderei amar a um homem que maltrate Doggy — respondeu Muriel seccamente; — acaba você de demonstrar-me o seu verdadeiro caracter. E tudo por causa de um chapéo!

— Mas Muriel... — protestei, — era meu chapéo novo... despedaçou-m'o, não sei por que este cão sentiu tal animosidade por elle e por mim.

— Você mesmo incitou-o a apoderar-se delle, continuou Muriel; — ensinei-o a levar para casa todo o objecto que encontrar, e, como é um animal muito intelligente, quiz fazer o mesmo com o seu chapéo... Agora... que esteja todo despedaçado, não é culpa delle... Além disto, não lhe pareceu nada bem que eu pagasse tanto ao pobre homem que m'o trouxe, resmungou bastante a respeito das dez libras que lhe dei de recompensa por ter-me trazido Doggy.

— Ah, sim, pobre homem! — disse Muriel em tom de mofa, — Não comprehende, Muriel, que deve tel-o roubado para, depois de algum tempo, trazel-o, reclamando uma recompensa? Ficou encantado com as cinco libras.

— Esse homem estava doente; não o viu bem Howard, e não sabe que rosto pallido e desfigurado elle tinha! E, além de tudo, — proseguiu mordaz, — ainda não nos casamos e o meu dinheiro me pertence... posso fazer delle tudo que me appetecer.

E' melhor que se retire, Howard..., parece-me que está tudo terminado entre nós para sempre quanto mais o ouço falar, mais me convenço de que não poderia ser feliz com você.

Já tive occasião de dizer que era muito moço e estava muito apaixonado, por isso, apezar de tudo, fiz o possivel por convencel-a.

— Muriel! exclamei. — Não vê claramente que aquelle homem era um bandido? Póde você por acaso estar segura de que não seja um daquelles da quadrilha de malfeitores que ha pouco assaltou o Banco e aos quaes a policia deseja lançar um desafio?

— Doggy desappareceu ha varias semanas e o Banco foi assaltado ha apenas dez dias. — respondeu Muriel. — E depois, parece-me ridiculo acreditar que esses assaltantes se dêem ao trabalho de roubar um cãozinho para receber cinco ou dez libras de recompensa. Pelo que vejo, Howard, não chegaremos a entender-nos... Tome seu chapéo... — e com gesto altivo entregou-me o meu chapéo bastante maltratado.

* * *

Tomei-o de entre as mãos e ao vêr de novo as ruinas do meu novo e formoso chapéo, vindo ha pouco de Chicago, enchi-me outra vez de indignação. Arrojei-o violentamente ao solo, e disse a Muriel:

— Ir-me-ei então, mas escuta bem o que lhe digo: este infame animalejo lhe fará passar, no emtanto, muitos máos pedaços e terá um fim desastroso.

Por unica resposta, Muriel estreitou Doggy mais ainda contra o peito, e silenciosa e altaneira, entrou em casa.

Encontrava-me tão excitado e furioso, que já havia percorrido mais de metade do caminho para a minha casa, quando me lembrei de ter deixado o meu revolver no salãozinho de Muriel, depois de umas lições de tiro ao alvo pelos arredores do *bungalow*.

Não me sentia com desejos de affrontar novamente seu desdem e prosegui, sombrio, o meu caminho.

Gostava dos cães em geral, mas confesso que naquella occasião sentiria uma grande satisfação se acontecesse áquelle animalculo que contava com todo o carinho de Muriel, algum accidente canino da peior especie.

Por que haveria de interpôr-se esse odioso cãozinho no perfeito accordo que reinava entre nós? Eu bem conhecia o caracter um pouco violento de Muriel, que por qualquer nimiedade punha-se fóra de si. Nossos encontros sempre terminavam com pequenas altercações; não obstante, eu tinha agora a certeza de que a minha amada encontrava-se seriamente desgostosa commigo, e a insignificancia do motivo que provocara a ruptura não se differençava das demais causas futeis das outras vezes.

Quando se tratava de cães, Muriel perdia a noção do que era justo ou não. Quantas vezes não me fizera deter o carro durante os nossos passeios para correr em auxilio de algum cachorro que estava sendo maltratado ou que ella percebia em perigo!

Explicava-se, no emtanto, esta sua fraqueza pelos cães. Ella tivera como guarda e companheiro de sua

O RESGATE DE DOGGY

(Continuação)

infancia, um enorme cão que o pae comprara especialmente para este fim.

E cousa interessante! Tivemos conhecimento do nosso affecto justamente num dia em que se encontrava numa grande dôr com a ausencia de Doggy, perdido, dizia, para ella.

Vi logo que as nossas relações poderiam continuar como d'antes se eu lhe pedisse humildemente perdão..., mas não me sentia absolutamente inclinado para isto.

* * *

Na manhã seguinte, muito antes da hora de levantar-me, entrou-me pelo quarto a dentro o meu criadito a chamar-me: — Patrão... está uma senhorita a perguntar pelo senhor... — e ao vêr o assombro pintado em meu rosto, proseguiu gesticulando: — sim, sim, patrão..., uma moça muito bonita e chorando muito; está esperando diante da porta.

Levantei-me apressadamente e sahi, ficando muito surprehendido ao vêr Muriel com a linda carinha pallida de emoção.

— Hontem não comprehendi bem o que quiz insinuar-me ao prevenir-me de que *alguma cousa* se passaria com Doggy... Que fez delle?

Fiquei perplexo a contemplal-a.... Estava mais formosa do que nunca com tal expressão de soffrimento nos olhos escuros, e só depois de um bom pedaço, é que me lembrei de perguntar:

— Que fiz com Doggy?...

— Sim, com Doggy. Que fez delle? Disse que alguma cousa iria acontecer, e agora desappareceu... de novo! — e as lagrimas começaram a rolar por suas faces pallidas. Se eu soubesse quanto bem queria ao seu Doggy, acharia ridiculas semelhantes lagrimas derramadas por um cãozinho.

— Muriel, não vejo Doggy desde hontem á tarde. —disse-lhe, vim direito á casa e depois de ceiar, deitei-me. Não tenho a menor idéa do que possa ter succedido.

— Mas se não é culpado, como poderia elle ter desapparecido logo depois daquellas suas palavras? — insistiu Muriel sempre chorosa.

Como acabasse de saltar do leito, não me encontrava de muito bom humor; além disto, conservava uma recordação muito desagradavel da tarde anterior, e respondi:

— Ora! Com um cão tão odioso como esse, é impossivel que não se dê de vez em quando qualquer cousa desagradavel.

As lagrimas inundaram então o bello rosto de minha amada; ao vêl-as, renunciei á minha crueldade e, aproximando-me della, exclamei:

— Meu amor, confie em mim, tornarei a encontral-o.... Póde crer que eu ignorava completamente que se tivesse escapado.

Mas Muriel estava demasiado afflicta para deixar-se convencer facilmente.

— Será esta a unica maneira de provar-me a sua innocencia..., de que nada tem a vêr com o desapparecimento de Doggy. Descubra onde está e quem o roubou. Irei agora mesmo á policia, e apresentarei a minha queixa.

Comecei a propôr-lhe varios modos de recuperar o cachorro e occupei-me immediatamente do assumpto. Apezar de todos os meus esforços, as pesquisas para o encontro de Doggy foram infructiferas. Nas vizinhanças, ninguem soube dar noticias, nem encontrámos nenhuma pista que pudesse guiar-nos.

Tudo o que me restava fazer, era inserir um annuncio nos jornaes da terra: *"Perdeu-se um bulldog, Boston. Bôa recompensa* — ajuntando o numero de meu telephone.

Apezar disto, não eram grandes as minhas esperanças. Não obstante, no dia seguinte, depois do almoço, soou a campainha do apparelho.

— Perdeu o senhor um cão? — perguntou uma voz rouca.

— Sim, um bulldog, de raça Boston. Encontrou-o o senhor?

— Qual é a recompensa?

— Haverá liberalidade se fôr o cachorro que procuro.

— Sim, sim... é o cão mesmo que procura, tenho toda a certeza. Quanto?

— Dez dollares? Não.

— Quanto então?

— Cem.

— Cem dollares para entregar esse cão! não os vale... — e é bem certo que para mim não os valia.

— Muito bem. Ficarei com elle.

— Um momento... Se é na verdade o cachorrinho perdido, dar-lhe-ei os cem dollares. Traga-m'o.

— Não — respondeu a voz; — se quer recuperar o cachorro, venha buscal-o; traga os cem dollares a *Lee Park*, ao lado mesmo do monumento, dentro de meia hora, — e dependurou o phone.

Procurei em vão saber quem seria e de onde teriam telephonado. Pouco a pouco comecei a duvidar de ser-me possivel reconhecer Doggy. Os bulldogs Boston são em grande abundancia e todos muito parecidos, poderia unicamente identifical-o pela aversão por mim e notar se buscava morder-me. Pareceu-me melhor avisar Muriel, e, além disto, era o unico modo de convencel-a de que eu nada tinha que vêr com o roubo do cão.

Recebeu-me muito friamente e escutou de egual modo minha narração.

— Irei com você — decidiu.

Não encontrei objecções a fazer-lhe.

Lee Park era muito retirado; ninguem se animaria alli a algum assalto ou cousa parecida. Depois de pensar ainda um pouco, Muriel subiu commigo para o carro.

* * *

Um minuto justo depois de meia hora daquella conversa pelo telephone, detive o meu carro diante do monumento. Não havia ninguem á vista.

Passam cinco minutos... depois dez. Ninguem absolutamente... Muriel olhava fixamente para a frente com uma expressão dura nos olhos, quando, destacando-se nas luzes de um armazem, appareceu uma figura masculina que cruzou a rua. Aproximou-se do carro occultando o rosto sob um chapéo de abas largas. Claro estava que nos andara a observar do interior do armazem para certificar-se de que não traziamos agentes de policia.

— Procuram um cão? — perguntou.

— Sim — apressou-se em responder Muriel.

— Venham — ordenou o homem; — deixem o carro aqui.

Caminhando sempre pela sombra, atravessou o parque até chegar do lado opposto e chamou com um assobio um taxi. Este aproximou-se; o nosso companheiro subiu ao lado do chauffeur; não pudemos ouvir a direcção que lhe dava. Muriel e eu não trocavamos palavra.

Desagradava-me extraordinariamente o aspecto daquelle homem assim como o bairro a que nos levou e o ponto onde se deteve o taxi, uma casinhola de aspecto tenebroso. Não obstante, Muriel desceu immediatamente sem demonstrar o menor temor, e eu a segui. Ouvi um colloquio em voz baixa no taxi, que devia ser sobre algum troco que o chauffeur dava ao homem, e logo depois o motor poz-se em movimento. Quando desappareceu o taxi, desagrada-

O RESGATE DE DOGGY

(Continuação)

ram-me mais ainda o aspecto que tomavam as cousas. Volvi um rapido olhar em torno, emquanto o homem corria o ferrolho da porta.

Subiu elle alguns degráos, fazendo-nos signal para que o seguissemos, e, uma vez dentro, fez gyrar um commutador electrico.

— Muito bem — disse; venha agora o dinheiro.

— Vejamos primeiro o cão, — respondi.

— Oh! aqui est! — abriu uma porta do outro extremo do aposento e trouxe Doggy bem preso numa corrente.

— Traga-o mais perto para que eu possa reconhecel-o — ordenei; — mas Muriel exclamou radiante:

— Então não vejo que é o meu Doggy?

O homem continuava com o rosto occulto pela aba do chapéo emquanto soltava a corrente do cachorro. E Doggy correu para Muriel que o recebeu de braços abertos.

Contemplei sorrindo a terna scena, e ao erguer os olhos, comprehendi por que razão aquelle bandido soltara Doggy antes de receber o dinheiro; o cano de uma pistola estava apontada para a minha cabeça...

— Agora póde entregar-me os cem dollares — disse o ladrão de Doggy — e junto todos os anneis desta linda senhora, e mais o seu relogio e corrente... e tudo mais de valor que tiver...

Reflecti um segundo.

— Cahimos na armadilha, parece pensei, d disse: está bem... terá o que pede.

Esvasiei meus bolsos de tudo quanto continham, deitando ao chão os objectos, e voltei-me em seguida para Muriel, que, com grandes olhos espantados, olhava a scena.

— Vamos Muriel... seus anneis... todos... Ella me dirigiu um olhar de desprezo e de censura e, sem responder, entregou-me as joias.

Dê-me tambem seu lenço — prosegui, e, tendo-me ella obedecido, voltei-me para o bandido:

— Vou amarrar todas estas cousas no lenço para entregar-lhe expliquei: Respondeu-me astuciosamente:

— Faz muito bem, senhor. Quanto mais me ajudar, melhor será, para ambos.

Ao terminar o nó no lenço, chamei brandamente Doggy.

Com um movimento rapido, colloquei-lhe no focinho o pequenino volume, e dei-lhe uma palmadinha no lombo.

Os olhos intelligentes do cão brilharam numa subita comprehensão, e, com a velocidade de um raio, atirou-se pela porta aberta.

(Continúa no proximo numero)

OS ANNEIS

Lucien Descaves

juiz de instrucção Bonnadieu, que jantava em casa de amigos communs, como madame Le Palud, aproximou-se della, deixando a mesa, e lhe disse de maneira a intrigal-a:

— Ouvi falar da senhora.

— Ah! bôas! E onde foi isso?

— Não é capaz de acreditar.

— Diga sempre.

— No Tribunal, no meu gabinete de trabalho.

— Por um accusado?

— Por um accusado.

— E quem me conhece?

— Quem a conhece...

— Como se chama?

— Cervier. Lindo nome para um lobo da sua especie. Julio Cervier. Parisiense. Vinte annos. Cruz de guerra. Ferido na anca. Ligeira claudicação. Este detalhe não lhe desperta nenhuma recordação?

— Não!

— Procure bem. Elle pretende tel-a visto no hospital.

— Escute, meu amigo, passei quatro annos como enfermeira n'uma meia duzia de hospitaes. Não me recordo de todos os feridos que tratei. Tanto mais quanto não guardo os seus nomes. Si o senhor me puzesse na presença desse Cervier, talvez o reconhecesse. Sobre que falou elle de mim?

— Elle é da opinião de que a senhora seja citada como testemunha de moralidade.

— Não!

— Ajuntarei que elle tem necessidade de uma intervenção como a da senhora, porque o seu promptuario se orna de uma dezena de condemnações por tiros, ferimentos, roubos, infracções, etc. O processo que instrui tem já dois mezes. Cervier roubou um negociante de vinhos e de fumo, que havia assassinado. Elle sustenta que não o matou senão depois d eroubal-o, isto porque a victima se oppunha á sua fuga.

— Vê o senhor?

— O detalhe tem a sua importancia, porque a versão do accusado, sendo admittida...

— Elle não invocaria sem motivo o caso de legitima defesa.

— Evitaria, provavelmente, a argumentação que se lhe oppõe. Comprehende?

— Sim. O que não comprehendo é o desejo que deponha em seu favor, manifestado por esse individuo pouco recommendavel. O senhor não lhe perguntou as circumstancias em que nos encontrámos?

— Sim. Elle m'o informou.

— Onde?

— No hospital...

— Mas, ainda?

— "Não me explicarei, senão deante dessa senhora" — ajuntou elle.

— Eis-me singularmente compromettida por esta reticencia, confesse.

— Confesso antes que não tenho a intenção de convidal-a a depôr. Estamos deante de um salteador facecioso, que pensa em se distrahir e ganhar tempo, á nossa custa. Elle ouviu pronunciar o seu nome, e permittiu-se servir-se delle, como de um escudo. Entretanto, si tem a curiosidade de saber...

— Sim, tenho...

— Então, é outra coisa. O sujeito tem sorte. Mas si elle troça de mim e da senhora... coitado delle! Está livre terça-feira, depois do meio-dia?

— Sim.

— Pois bem. Terça-feira proxima, farei trazer o homem da sua cellula, na Santé, e lh'o apresentarei em liberdade, ou quasi em liberdade... no meu gabinete...

— Está entendido. Terça-feira. Gostaria de saber quem é esse bello rapaz...

Na terça-feira aprazada, ás duas horas, o sr. Bonnadieu fazia trazer da prisão o accusado Cervier. Era um rapaz magro, rosto queimado, olhos de um azul escuro, que se tornavam mais escuros quando elle se irritava.

O juiz tomou o seu ar profissional e disse:

— Falemos seriamente, Cervier.

— Você persiste em solicitar o testemunho de madame Le Palud?

— E' claro que persisto.

— Preste bem attenção. Si está de má fé, ha de se arrepender...

— Oh! já estou arrependido sem isso, declarou o preso. E' pela minha satisfação pessoal, si assim quer, que desejo ser acareado com essa dama. Pouco importa o beneficio que virá da entrevista. Si o senhor juiz julgar que a incommodei sem razão, V. Ex. poderá punir-me como entender.

O sr. Bonnadieu soou a campainha. Um guarda abriu a porta.

— Traga essa senhora que ahi está.

E, com um signal de cabeça, affirmativo:

— Faça-a entrar.

Mme. Palud entrou e não viu, immediatamente, o accusado, que se escondia por traz do guarda que o vigiava.

O juiz se levantou. Saudou a testemunha, com um ligeiro sorriso e disse ao ladrão:

— Aproxime-se. E' bem madame a quem conheceu, no hospital, durante a guerra?

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno ...... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil 1$000.
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso
THESOUREIRO: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
82, Rua Republica do Perú, 82
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: C. 0877 Administração: C. 4136
Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empreza Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1431
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

OS ANNEIS

(Conclusão)

— Ora, si é!

A essa exclamação mme. Palud respondeu:

— Você, aqui, Julinho? E' o caso de dizer: Como nos encontramos na vida!

O embaraço desappareceu. O sr. Bonnadieu offereceu uma cadeira á senhora e se recostou na sua, como se assistisse a um espectaculo.

Mme. Le Palud continuou:

— Era necessario dizer que se tratava de Julinho... o grande Julinho, como o chamavam no hospital 34. Eu nunca o conheci, senão sob esse nome. Então, não se póde decidir a comprar uma conducta?

Elle fez um gesto de confusão, a cabeça baixa:

— Ainda um salteador? Eu não pensava que a sua cruz de guerra, bem merecida, iria impedir que voltasse a essa vida?

Novo gesto de embaraço.

Mmme. Le Palud se voltou para o juiz:

— Quando cheguei ao hospital, Julinho estava curado. Elle tinha direito a umas férias de convalescença. Como não sabia onde ir passal-as, não tendo ninguem que se interessasse por elle, pediu para ficar no hospital, onde podia prestar os seus serviços. Elle foi meu auxiliar, e durante tres mezes, não tive o que dizer delle. Eis, sem duvida, o que elle desejava que dissesse.

— Sim, fez mollemente, Julinho.

— Isso não é bastante? — interrogou a testemunha.

Julinho hesitou.

— Todos os dias, na enfermaria, depois dos curativos, era a mim que a senhora confiava os seus anneis, emquanto lavava as mãos.

— Muito bem! E depois?

— A senhora sabia que havia historias na minha vida... com a justiça... que havia sido interdicto... Eu lh'o havia dito...

— Creio que era isso...

— E, comtudo, a senhora me dava as suas joias para guardar. Uma vez, a senhora procurou os seus anneis em toda parte. A senhora tel-os-ia desprezado. Que lhe disse eu? "Não faça tal! Os seus anneis estão de volta aos seus dedos"...

— Sim, sim, é verdade...

— E eu lh'os trouxe... O ladrão que os roubára, os havia escondido em algum logar... onde ninguem os iria procurar. Eu lhe disse: "Entrega tudo isso á sua dona, ou eu te estrago!" Elle entregou os anneis, e ninguem soube o que se havia passado entre nós. Eu lhe contei uma fantasia...

O ladrão havia levantado a cabeça e fixava o olhar do juiz e o da senhora. Ora um, ora outro...

— Tudo isso é exacto, disse ella. E' preciso ter em conta os antecedentes desse rapaz.

— Elles não estão em repouso, disse o juiz, que folheava o seu promptuario.

— Oh! eu sei, disse Cervier; mas se mostra, muitas vezes, grande indulgencia para o homem honesto, que teve, na sua vida, uma hora de fraqueza e loucura...

— Para um homem honesto... Ora, não é a mesma coisa!

— Certamente. Mas será uma razão para recusar circumstancias attenuantes ao individuo, como eu, que teve uma hora de honestidade?

— E quem cumpriu o seu dever, na fronteira, lutando pela patria, ajuntou o juiz.

— Oh! disso não falo eu... Amo tanto a minha citação, como dantes. Obrigada, madame.

E considerando a acareação terminada, foi o proprio ladrão que conduziu o guarda...

VILLACABRAS

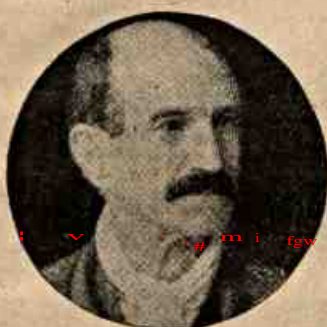
A MAIS PURA E A MAIS ACTIVA

DAS

AGUAS PURGATIVAS NATURAES CONHECIDAS

VILLACABRAS

81, Rue Parmentier LYON - FRANCE

ULCERAS NAS PERNAS!
INTERNADO NUM HOSPITAL

Maurilio Alves dos Santos.

...«Desde 1905 até começo deste (1920), soffria de horriveis e profundas ulceras nas pernas, abrangendo-as por completo. Durante o tempo de minha doença, sempre estive em tratamento, fi- sendo internado num hospital. Por fim, desesperançado, comecei usando o miraculoso «ELIXIR de NOGUEIRA», do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, e hoje estou perfeitamente curado.

Pelotas, 10 de Julho de 1920.

Maurilio Alves dos Santos.

Attestado (resumo) confirmado por um medico.

(Firmas reconhecidas.)

A Sciencia enaltece as qualidades da "ASTRÉA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) Fernando Magalhães.

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) Augusto Brandão Filho.

«ASTRÉA» é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) Oliveira Motta.

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á toilette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) Fernando Vaz.

Caixa Postal 2.577 — S. Paulo

O MYSTERIO

De Miguel Zamacois

. . .

SENHORITA: Você, que se vae casar, procure ter sempre em sua alma um recanto mysterioso.

E' um excellente conselho, cuja importancia apparece com tanto maior notoriedade quanto mais nos vamos certificando do immenso influxo — bom quasi sempre — da imaginação e do embuste em nosso horizonte sentimental. As planuras enfastiam depressa, porque ficam de prompto conhecidas; é o enfado das ruas rectas. Assim, o espirito humano, quando não guarda altos e baixos, nem anfractuosidades, nem nada que palpite fóra da grande luz nobre e ingenua da sinceridade, cansa. As almas, como as paizagens, para nos entreterem, devem ser montanhosas.

Ninguem deve esquecer este culto ao mysterio, e, muito menos, os apaixonados. Necessitamos, para despertarmos interesse sempre, trazer dentro de nós, a modo de amuleto, uma sombra, um ligeiro enigma, onde a curiosidade da pessoa que amamos e nos ame, col-

loque, para bem dos dois, um "porque".

Os maliciosos talvez descubram neste conselho um perigo, uma especie de mirante voltado para o jardim onde florescem as rosas prohibidas e crueis. Farão mal. Esse cantinho sagrado não precisa nada occultar de grave, e, muito menos, uma traição, ainda que esteja vazio, não importa. Mesmo que o conheçamos um dia, continuará a intrigar-nos sempre.

Ao enigma, para perdurar e devorar-nos, bastam a obscuridade e o silencio, e delle se desprende um aroma estranho, envenenado, que exaspera nossos nervos.

Alfonso Karr escreveu uma pequena novella algo extravagante talvez, mas cujo thema, bem imaginado pelo autor de "Sob as tilias", acode em favor e apoio de minha theoria. Em traços largos e não muito seguros, pois de minha memoria desappareceram já muitos detalhes, referirei o argumento.

A acção se desenvolve no campo. Um cavalheiro rico e sentimental ouve cantar uma mulher acolá, ao longe, numa horta. A principio, não a escuta; mas subitamente a canção o interessa e começa a seguil-a com uma inquietação crescente, que lhe agita todo o ser. Sua emoção é tão forte, que, uma a uma, as notas se vão como cravando e esculpindo em seu coração. De repente, a cantora se cala e o canto feiticeiro interrompe-se. Como terminará? Qual é o seu desenlace?... Elle está certo de que á canção, para concluir, só falta uma nota. Mas, que nota milagrosa é essa?... Será um *mi*? por acaso um *dó*?... Um *lá*?...

O pobre cavalheiro, rico e sentimental, pergunta, inutilmente, a seus amigos por uma melodia que ninguem conhece. E, muito triste, enamorado della como se poderia ter enamorado da mulher de um quadro antigo, prosegue o seu caminho, cantarolando. E' a mocidade, o perfume dos annos bons, cada vez mais distantes... E sempre o mesmo desejo, o mesmo ardente anhelo de averiguar a nota final, a nota nunca ouvida!...

Ah! vós outros, que sentistes alguma vez a curiosidade de saber como seriam as mãos da Venus de Milo, comprehendereis bem as torturas do personagem de Alfonso Karr!

No ultimo capitulo, quando já o protagonista da novella está prestes a morrer, ouve cantar a canção famosa como um suave *ritornello* de juventude. Sob a ridente luminosidade da manhã hibernal, a melodia desfia lentamente as suas notas, que o moribundo escuta com uma emoção toda deleite, se não fosse tambem toda ansiedade. Já o fim se aproxima; faltam apenas dois compassos... um!... e, afinal a ultima nota vibra... Era um *fá sustenido*...

Alguma cousa assim, um mysterio igual, deve

ter cada espirito com respeito aos espiritos de quem pretende ser querido.

Homens, se vêdes que vossa companheira rasga um papel, mesmo que esse papel esteja em branco... E vós outras, mulheres, quando notaes que vosso marido ou vosso amado se torna bruscamente triste... Que se passa em vossa alma? Não é assim como uma dôr? E, nesse momento, em que vossa alma tropeça com um mysterio, não sentis que, de repente, se faz maior o vosso amor?

. . .

VERSOS

VOLUPIA DAS ONDAS

Aos ouvidos do mar, a areia fala...
Parece assim dizer — Mar, eu sou tua!...
E esse perfume quente que se exhala
Vem das ondas, de ti, ou vem da lua?

Areia branca... O mar tenta alcançal-a.
Ao longe, linda, uma visão fluctua...
Eterna amante! O mar vem desposal-a...
A areia é branca como a carne núa.

Carne alva e núa de mulher. A areia
Foi feita para o amôr que me incendeia,
Amôr que prende nos seus fortes laços.

O' carne branca de mulher! Meus beijos
São as ondas do mar dos meus desejos
Morrendo na alva areia de teus braços!

PAULO DE FREITAS.

OIÇAM A
NOVA VICTROLA ORTHOPHONICA
A maior maravilha musical
HIS MASTER'S VOICE
VICTOR TALKING MACHINE COMPANY
CAMDEN, N. J.
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY